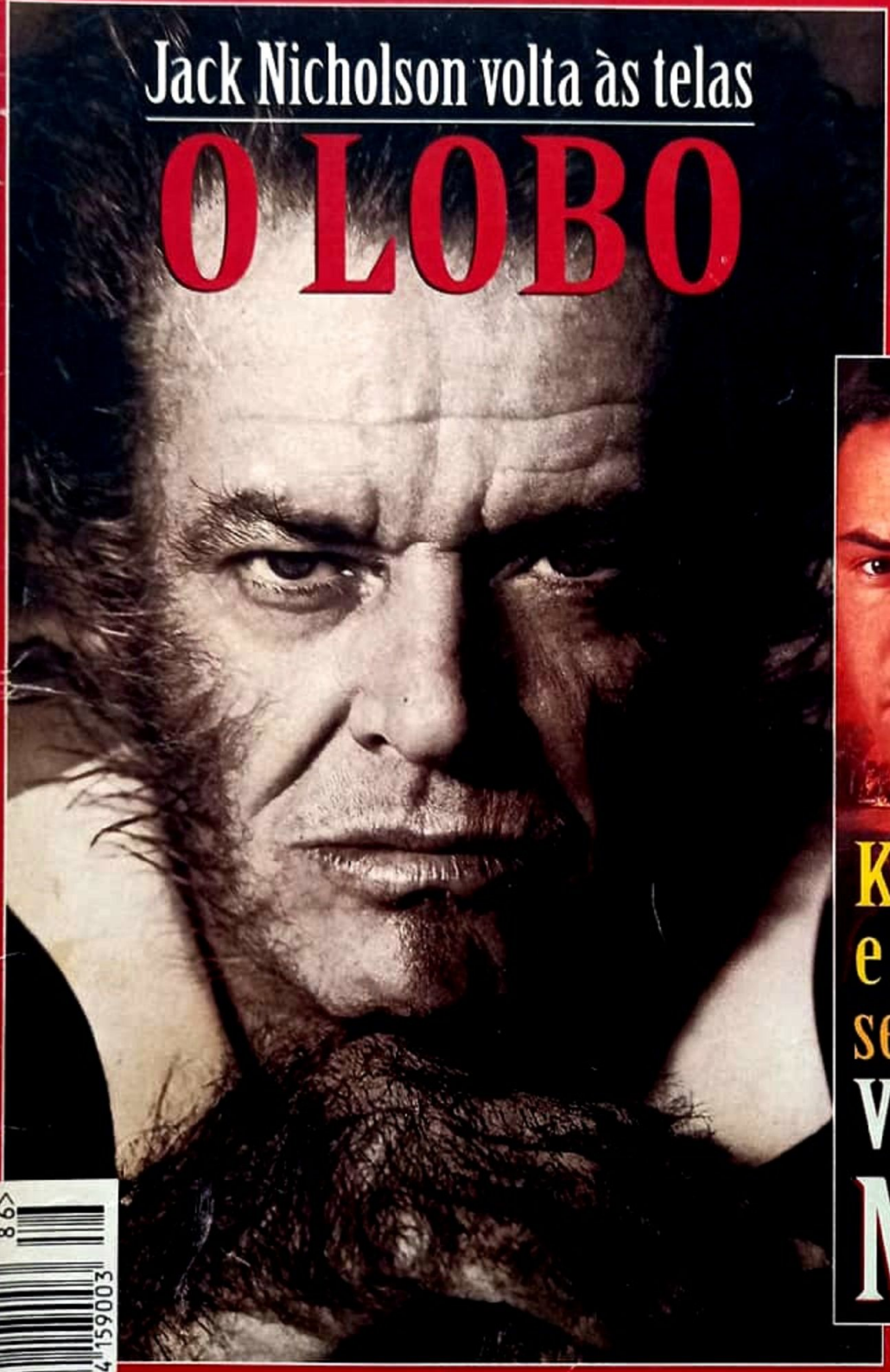
CINEMA & VÍDEO

SET

EDITORA AZUL

5633 - Agosto, 1994 - Ed. 86 - Ano VIII - Nº08 - R$ 3,90



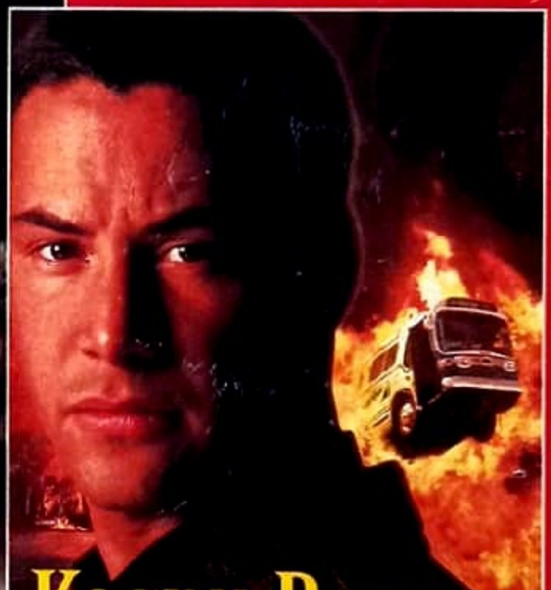
Jack Nicholson volta às telas

O LOBO

O CORVO

O último filme de

BRANDON LEE



Keanu Reeves e Dennis Hopper se enfrentam em VELOCIDADE MÁXIMA

CADERNO DE VÍDEO • Sintonia de Amor e mais 54 lançamentos

ISSN 0104-1592

ACERTE NA CENA DA CIC II

A PROMOÇÃO

FIAT

PARTICIPE DA MAI
DE CARROS DA HI

Persiga

DEVIDO AO GRANDE SUCESSO DE PÚBLICO, A PROMOÇÃO "ACERTE NA CENA DA CIC" ESTÁ DE VOLTA. E AGORA COM PRÊMIOS AINDA MAIS ATRAENTES. PARA CONCORRER AOS CARROS, ASSISTA AOS SEIS FILMES QUE SERÃO LANÇADOS PELA CIC ENTRE JULHO E SETEMBRO.

UNIVERSAL

Escreva para

"Promoção Acerte na Cena da CIC II"

caixa postal 11.499-SP Cep - 05422-970

respondendo corretamente

às perguntas apresentadas

no início de cada filme.

3

UNO MILLE
Zero Km

OR PERSEGUIÇÃO
STÓRIA DO VÍDEO

o seu!

Lançamento Julho
Beethoven 2
Morrendo e Aprendendo

Lançamento Agosto
O Pagamento Final
Lances Inocentes

Lançamento Setembro
Em Nome do Pai
Quanto Mais Idiota Melhor 2

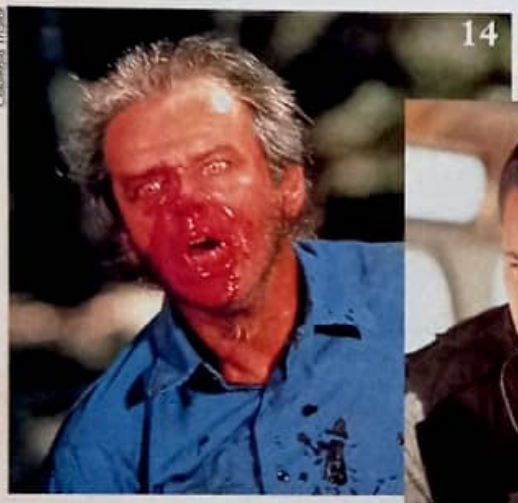
Sorteio dia 18 de outubro

Obs.: Somente concorrerão aos prêmios os participantes que responderem às seis perguntas.

Programa

O cinema pertence ao mundo da aparência e da ilusão, mas nem por isso está livre de que, vez por outra, a realidade se infiltre em seus domínios. Ela pode surgir de forma trágica, como na bala que matou Brandon Lee em pleno set de filmagens de *O Corvo*. Ou pode aparecer até mesmo no supra-sumo da fantasia: *O Lobo* mostra executivos tão ou mais ferozes que o lobisomem vivido por Jack Nicholson, enquanto *Velocidade Máxima* explora as paranóias comuns aos moradores das grandes cidades para manter o público grudado na cadeira. Talvez seja um sinal de que, chegando a seu centenário de existência, o cinema esteja cada vez mais próximo de ser não uma mera representação da realidade, mas uma forma de se chegar a ela e conhecê-la.

NA CAPA: Jack Nicholson em *O Lobo* (Herb Ritts/Visage/Stock Photos) e Keanu Reeves em *Velocidade Máxima* (Fox)



Columbia TriStar

Fox

Stills

Lumière

MGM

6 TAKES
Jim Carrey e Tommy Lee Jones são convocados para viver os vilões de *Batman 3*

14 O LOBO
Jack Nicholson vira uma fera e conquista Michelle Pfeiffer

26 VELOCIDADE MÁXIMA
Keanu Reeves mostra que pode ser o herói dos anos 90

32 O CORVO
O filme que encerrou a carreira de Brandon Lee

38 NOVOS FILMES
Rainha Margot*, com Isabelle Adjani; *O Sombra*, com Alec Baldwin; Macaulay Culkin em *Acertando as Contas com Papai

44 MITO
A era dos musicais é relembrada em *Isto É Hollywood 3*

48 FILMOGRAFIAS

50 FREE SHOP

52 CONEXÃO L.A.
José Emilio Rondeau disseca os mitos que cercam o fim de semana de estréia de um filme

53 CADERNO DE VÍDEO
***Sintonia de Amor*, *O Pagamento Final* e mais 53 lançamentos**

78 CARDÁPIO
Os "pirados" favoritos de Hollywood

84 CARTAS

86 NOSTALGIA

Quem tem mais credibilidade para dizer que esta é a melhor televisão do mundo?

O Fabricante.

A nova Philips Matchline 29" tem a mais perfeita combinação de som e imagem do mundo. E inovações tecnológicas que nenhuma outra tem.

- Tela superflat com tubo superblack que reduz o reflexo da luz e melhora o contraste.
- 800 linhas de resolução horizontal.
- SMART controls, pré-ajustes de imagem (cores intensas, suaves, naturais e pessoal) e áudio (música, auditório, voz e pessoal).

- Symphobass Plus Stereo Sound System com 3 amplificadores, 5 alto-falantes, surround sound (caixas opcionais) e 30W RMS de potência.
- PIP - Picture in Picture com congelamento de imagem.
- Controle remoto com cursor e menu na tela em 3 idiomas à sua escolha.
- Recebe sinais PAL-M, NTSC e PAL-N.

O Consumidor.

A Philips é considerada a melhor televisão pelos consumidores brasileiros. E a Philips Matchline 29" já é considerada a melhor televisão em seu segmento pelos consumidores do Primeiro Mundo, onde foi comparada às melhores marcas japonesas. Chegou a sua vez de conhecer a melhor televisão do mundo.

O Vendedor.

Vá até a loja e peça para o vendedor mostrar os recursos da nova Philips Matchline 29" para você. Se ela for acoplada a um videolaser, melhor. Você vai ver, ouvir e entender por que a Philips Matchline é a melhor televisão do mundo.

MATCHLINE

Are you ready for Philips Matchline?

PHILIPS

PIERCE BROSNAN

JAMES BOND COM SOTAQUE IRLANDÊS

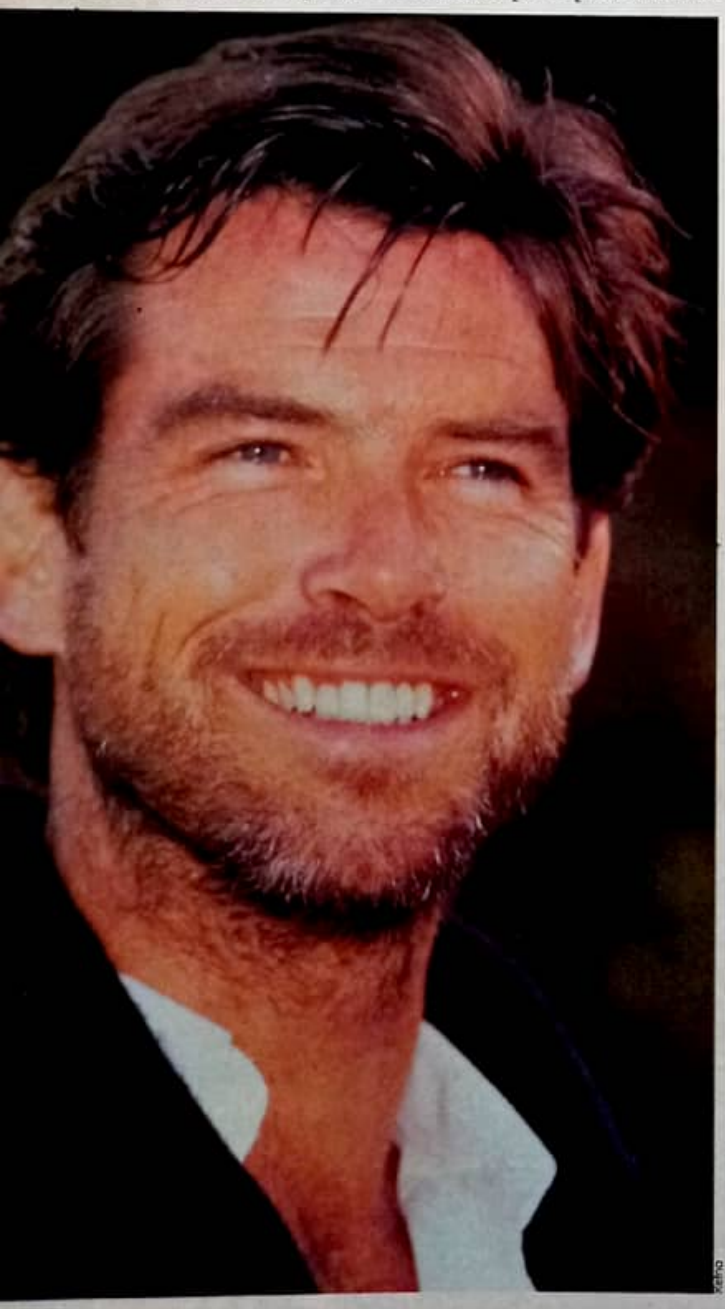
Quem diria que **Pierce Brosnan** iria faturar o papel de James Bond depois de tantos personagens secundários? Afinal, mesmo em *O Passageiro do Futuro* é **Jeff Fahey** quem mais brilha. Recentemente, Brosnan, de 41 anos, foi o namoradinho de **Sally Field** em *Uma Babá Quase Perfeita*.

•

Antes de se chegar a Brosnan, falou-se em nomes tão díspares quanto **Ralph Fiennes**, **Liam Neeson**, **Hugh Grant**, **Denzel Washington** e (pasmem!) **Emma Thompson**. Embora seja um pouco difícil imaginar Pierce Brosnan no papel de James Bond, ele já teve experiências como agente do governo nos filmes *The Deceivers* (de Nicholas Meyer, 1988) e *The Fourth Protocol* (de John Mackenzie, 1987), no qual interpreta um russo ultracool.

•

Ao anunciar a escolha de Pierce Brosnan como o quinto James Bond (os outros foram **Sean Conery**, **George Lazenby**, **Roger Moore** e **Timothy Dalton**) em 8 de junho em Londres, a produtora **Barbara Broccoli** (filha de "Cubby" Broccoli, produtor durante anos da série 007) aproveitou a ocasião para apresentar o diretor do 17º filme, *Goldeneye*, **Martin Campbell**. Ela anunciou também as características do personagem para os anos 90 – ou seja, um James Bond politicamente correto. Só para lembrar: apesar de não ser considerado da série, muitos incluem *Casino Royale* – o primeiro romance de Ian Fleming – na dinastia Bond. Dos dezesseis filmes, há quinze títulos disponíveis em vídeo no Brasil.



•

Como é um conquistador, Bond se mostrará preocupado com a Aids – Brosnan declarou que o agente secreto "continuará mostrando o peito desnudo, mas estará sempre vestido. E sempre terá camisinhas na mesa ao lado da cama". Bond também continuará sendo mortal e levará mais em consideração as mulheres. Em contrapartida, as *bondgirls* serão modernérrimas, inteligentes, não cairão à toa nos braços de Bond e não serão obrigatoriamente bonitas.

•

Com um plot destes, o agente mais poderoso do mundo – desaparecido desde 1989, quando Timothy Dalton encarnou pela última vez o personagem – tem tudo para reconquistar seu lugar no coração dos cinéfilos.

BATMAN 3

OS ÚLTIMOS ESCOLHIDOS

Robin

Robin Williams estava no páreo para interpretar o vilão Charada no terceiro filme da saga de Batman – *Batman Forever*, com estréia prevista para 1995 – quando foi atropelado pelo mais novo chato de plantão em Hollywood, **Jim Carrey**.

Carrey

•

Nascido das trevas televisuais e com crédito apenas em dois filmes, *Ace Ventura* e *Mask*, Jim Carrey abocanhou o personagem por US$ 5 milhões, além de ter a oportunidade de se lançar como astro internacional.

•

Quanto a Robin Williams, este diz que o papel não lhe interessava muito por ser pouco engraçado e muito intelectual, nada semelhante ao vivido por **Frank Gorshin** na série de TV. Outro fator importante que fez Williams pensar melhor foi a forte presença de **Tommy Lee Jones** como Harvey (Duas Faces) Dent, que poderia ofuscá-lo.

Tommy

•

Wright

Outro nome já acertado é o de **Robin Wright** como a criminologista que vai derreter o coração do milionário Bruce Wayne. Embora tenha interpretado o Cavaleiro das Trevas por duas vezes, **Michael Keaton** ainda não assinou o contrato para esta terceira parte.

•

Linda

O estúdio ainda está incerto sobre quem viverá Robin, se **Chris O' Donnell** ou **Leonardo DiCaprio**. E como adversárias de Wright discute-se **Jeanne Triplehorn** e **Linda Hamilton**.

SARAH JESSICA PARKER

VIAGEM PELOS EUA

Depois de atuar em *L.A. Story* e *Lua-de-Mel a Três* (cujo título original é *Honeymoon in Vegas*), a atriz Sarah Jessica Parker adiciona mais uma cidade-título à sua filmografia com *Miami*.

Depois de ter sua participação em *Abracadabra* reduzida pela metade e ter sido maltratada pelo diretor de fotografia de *Zona de Perigo*, Sarah finalmente terá sua grande chance de aparecer linda e maravilhosa. E mais, ao lado de Antonio Banderas.

Sarah interpreta uma noiva com dúvidas em relação ao seu futuro por fazer parte de uma família com fortes tendências para relações extraconjugais. Ainda no elenco de *Miami*, Mia Farrow na primeira produção americana pós-Woody Allen.

HENRY MANCINI

O MELHOR AMIGO DAS NOTAS MUSICAIS

Mesmo quem nunca ouviu falar de **Henry Mancini** sabe assobiar o "Passo do Elefantinho". Sua deliciosa trilha sonora para *Hatari!*, de Howard Hawks, tem aquela rara qualidade que faz certas melodias se tornarem de domínio público.

•

Esse filho de imigrantes italianos, que morreu de câncer aos 70 anos, no dia 14 de junho em Beverly Hills, escreveu melodias que, à primeira audição, grudam na orelha e nunca mais são esquecidas. "Moon River", do filme *Bonequinha de Luxo* ou o tema no trombone que acompanhava os passos do Inspetor Clouseau em *A Pantera Cor-de-Rosa* são a prova disso.

•

Quatro Oscar e vinte Grammy (para este foi indicado 72 vezes!) eram os troféus ostentados por Enrico Nicola Mancini, nascido em Cleveland a 16 de abril de 1924 e que, aos 14 anos, já trabalhava como arranjador para o estúdio Universal.

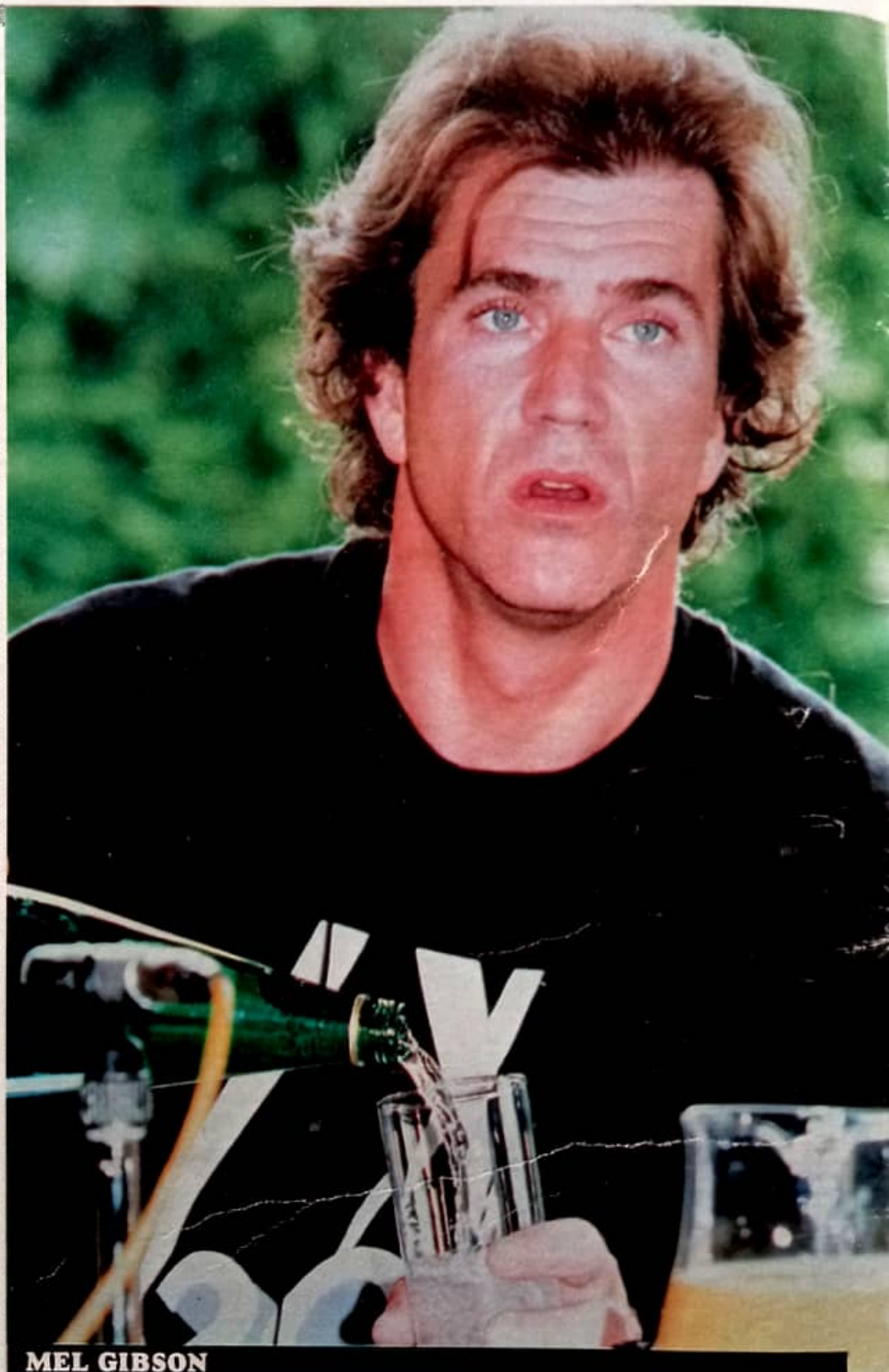
•

Em sua obra não há apenas comédias: ele musicou também dramas como *Escravas do Medo* e *Vício Maldito*, ambos de Blake Edwards, para o qual representou o que Nino Rota foi para Fellini, ou Bernard Herrmann para Hitchcock.

•

Rompendo com a tradição sinfônica, Mancini criou um estilo mais descontraído e popular de trilha que abriu caminho para músicos como Burt Bacharach ou Dave Grusin. Em seus últimos dias, já muito doente, ainda lutava contra o relógio para transformar em um musical da Broadway sua trilha para o *Vitor ou Vitória* que fizera, em 1981, com Blake Edwards.

Lauro Machado Coelho



MEL GIBSON

SAIA JUSTA

Mel Gibson foi flagrado nas terras altas da Escócia vestindo uma linda e modernérrima saia! Ops, explique-se: ele está usando um kilt – tradicional traje escocês – em sua nova aventura, *Brave Heart*, passada no século 13. Gibson é o herói William Wallace, que lidera a rebelião contra o rei Eduardo 1º.

•

A produção ronda a casa dos 250 milhões de libras esterlinas e mobiliza 200 pessoas num vilarejo medieval perto de Fort William. As filmagens continuarão ainda na Irlanda. Para contracenar com Mel Gibson, foi chamada a atriz francesa **Sophie Marceau**.

STEVEN SPIELBERG

GRANDES PLANOS

Steven Spielberg não dirige, mas comanda de perto três longas. Junto a **Kathleen Kennedy**, responde à Warner Bros. pela produção de *The Bridges of Madison County*. Dirigido por **Bruce Beresford**, o filme conta a vida do fotógrafo **Robert Kincaid**, na tela vivido por ninguém menos que **Clint Eastwood**. As filmagens começam no outono americano.

•

Os dois outros são produções da **Amblin**. O primeiro – com roteiro de **Douglas Carter Beane** – mostra as aventuras de três travestis. Na direção, **Beeban Kidron**, de *Romance de Outono*. Agora, com um elenco cheio de machões – **Daniel Day-Lewis, John Turturro, Willem Dafoe, Wesley Snipes, Gary Oldman** e **John Leguizamo** –, resta saber quais deles encarnarão os tais travestis. O último é a comédia *Little Giants*, com **Rick Moranis** e **Ed O'Neill** como dois irmãos rivais que treinam dois times (também rivais) de futebol.

•

Fugindo da praia cinematográfica, o diretor se reuniu com **Jeffrey Katzenberg**, dos estúdios Disney, para discutir um novo projeto: a abertura de um restaurante recriando um submarino tanto na parte externa quanto na interna. Entre um prato e outro, os clientes desfrutarão de uma viagem ao fundo do mar. Tudo simulado, é claro!

MICHELLE PFEIFFER

CADA VEZ MAIS INTERESSANTE

O que veremos com a belíssima nos cinemas após *O Lobo*

(ver matéria nesta edição)

• **MY POSSE DON'T DO HOMEWORK** – Inspirado numa história verídica, é dirigido por **John N. Smith** e tem roteiro de **Ronald Bass** (*Rain Man*). Michelle é uma professora confrontada por alunos rebeldes e problemáticos numa base dos fuzileiros navais e nos bairros pobres de San Francisco.

• **HIGGINS AND BEECH** – Michelle e **Richard Gere** encabeçam o elenco desta história sobre dois correspondentes, rivais e amantes, na Guerra da Coréia. Gere volta a ser dirigido por **Jon Amiel**, de *Sommersby – O Retorno de um Estranho*. O roteiro é assinado por **Nora Ephron** (*Sintonia de Amor*) e **Alice Arlen**.

• **A THOUSAND ACRES** – Ainda em pré-produção, o filme é produzido por Michelle e **Jessica Lange**. Baseado no romance homônimo (premiado com o Pulitzer) de **Jane Smiley**, que está escrevendo o roteiro.

• **O'KEEFFE** – Inspirado na relação amorosa entre a pintora **Georgia O'Keeffe** e o fotógrafo **Alfred Stieglitz**, pioneiros da arte contemporânea americana. Em pré-produção.

• **CATWOMAN** – Não foi só o público que adorou a Mulher-Gato de *Batman 2*. **Tim Burton** se apaixonou por ela e resolveu dedicar-lhe um longa, utilizando a dupla personalidade de Selina Kyle. **Daniel Waters**, que roteirizou o segundo *Batman* e *O Demolidor*, está trabalhando no projeto. *Catwoman* só entrará em produção após a estréia de *Batman 3*, dirigido por Joel Schumacher, para não "melar" o sucesso da terceira seqüência.

• **MISTRESS OF THE SEAS** – Mulheres-piratas são o tema deste projeto da Columbia, que poderá ter também **Nicole Kidman, Geena Davis** e **Harrison Ford** como astros. Fala-se em **Renny Harlin** ou **Paul Verhoeven** para a direção.

Takes

VÍDEO 1

ESTE MUNDO É UMA BOLA

Se você adora futebol e está triste com o fim da Copa, se liga neste "lance": a **PolyGram** está lançando um pacote de "entretenimento multimídia" inusitado. Orçado em US$ 100 milhões e produzido pelo Comitê Organizador da XV Copa do Mundo USA 94, o pacote é composto por fitas de áudio e duas séries de vídeo: "**Official World Cup**" e "**O Jogo dos Bilhões**".

•

A série World Cup tem dois títulos imperdíveis. ***Top 50 Great World Cup Goals*** traz os grandes gols de 1960 até 90. Detalhe: dos 50, doze gols são de brasileiros. E o ***Great World Cup Superstars*** perfila sete grandes jogadores – entre eles o artilheiro da Copa Itália 90, o italiano **Totó Schillaci**; o mestre do "carrossel holandês" **Johan Cruyff**, astro em 1974; o inglês **Gary Lineker**, que marcou dez gols nas Copas de 86 e 90; e **Pelé**, chamado de "o maior de todos, vencedor de três Copas do Mundo".

•

Já a "Jogo dos Bilhões" é composta por doze títulos. O primeiro, ***Pelé – A História de um Ídolo***, traz a biografia completa do craque e uma visão global das maiores estrelas através da história do futebol. Depois vêm os temas da violência nos jogos, uma crônica sobre o futebol inglês (***Inglaterra – O Berço do Futebol***), a função polêmica do juiz, o técnico e as táticas. Até a própria Fifa é analisada.

•

Logo após o final da Copa 94, a PolyGram colocou mais quatro títulos no mercado, incluindo os melhores momentos e gols e um com a seleção campeã. Para adquirir essas coleções, ligue para **PolyGram Vídeo,** fone **(021) 494-2626**.

VÍDEO 2

PIRATAS NA CADEIA

Não mexa com Spielberg. Essa é a lição aprendida por oito **bootleggers** da Filadélfia (EUA), que terão de pagar cerca de US$176 mil aos realizadores de *Jurassic Park*. É que os pirateiros – como são conhecidos em todos os cantos do mundo – foram pegos com a mão na botija ao venderem cópias ilegais do *blockbuster* de Steven Spielberg. O advogado da Universal, M. Kelley Tillery, disse que "os piratas devem ir para a cadeia por violarem os direitos de vendas dos vídeos".

•

Uma outra notícia, esta porém agradável, é que a partir do dia 17 deste mês o premiadíssimo *A Lista de Schindler* estará disponível nas locadoras americanas. Vale lembrar que o filme de Spielberg arrecadou quase US$ 300 milhões no mundo todo. Aos pirateiros brasileiros: é bom que eles saibam que não vale a pena tentar "piratear" Spielberg. Vide a lição dos próprios americanos.

OLHO NO LINCE

A linha de relógios Lince tem inúmeras opções masculinas, femininas, sociais e esportivas com um design incrível.
Lince tem tecnologia quartz, certificado de garantia e assistência técnica em todo o país.
Você tem toda a moda nas mãos com um Lince no pulso.
Olho no Lince. Sempre um modelo certo a preço justo.

PRODUZIDO NA ZONA FRANCA DE MANAUS

JULIA ROBERTS

CÉREBRO DE PITANGA

Tudo bem que ela ainda tenha a alcunha de "a linda mulher", mas **Julia Roberts** está ultrapassando os limites do "insociável".

•

Abordada por jornalistas em Londres, onde está filmando *Mary Reilly*, Julia não poupou mau humor. Eles abusaram um pouco e baixaram o nível das perguntas, que foram do tipo "você tira suas roupas no filme?", "há cenas de sexo entre você e John Malkovich?" e (pura sacanagem) "onde está seu marido Lyle Lovett?". Mas Julia não levou desaforo para casa e soltou o verbo. "Por que eu deveria dividir os planos do meu aniversário de casamento com vocês? Minha privacidade é sagrada e não é para consumo público!" A desforra de Julinha veio quando alguém perguntou qual seria a pior coisa em ser Julia Roberts. Rindo, ela respondeu com uma ponta de sarcasmo: "Vocês são como a voz da condenação. O sol está brilhando e vocês têm sido tão camaradas!"

•

Mas, na imprensa, os fatos pioraram quando descobriu-se que Julia Roberts não leu o livro de **Robert Louis Stevenson** (***O Médico e o Monstro***) em que o filme se baseia. "Não sou maluca por pesquisa", declarou, "e faço o que é necessário para que meu trabalho seja o melhor possível".

•

Mas que feio, heim! É a primeira vez que alguém solta esta "pérola", e o mínimo que Julia deveria fazer é ler o romance para tomar um primeiro contato com o personagem. Afinal, a essência está nas páginas do livro.

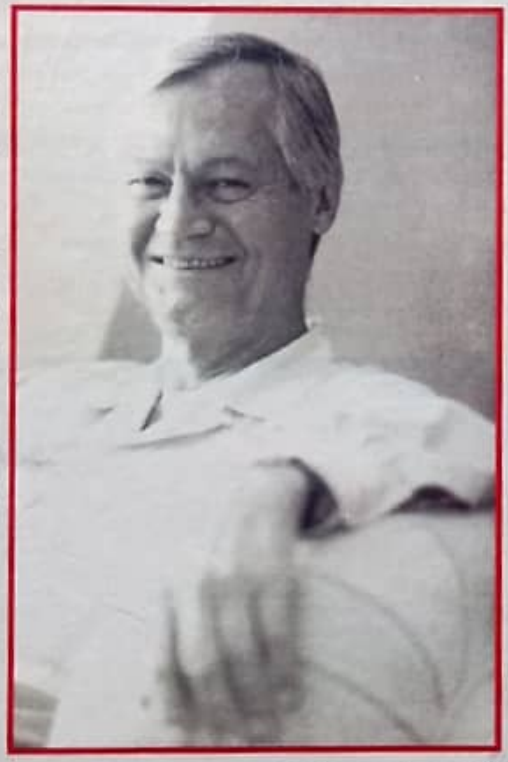
MOSTRA BANCO NACIONAL

CORMAN NO BRASIL

Chega de filmes de países que não têm água potável. A 6ª Mostra Banco Nacional de Cinema (que acontecerá no Rio de Janeiro de 1º a 15 de setembro) trará ao Brasil ninguém menos que Roger Corman, mestre do cinema B, diretor de pérolas do cinema independente como *O Poço e o Pêndulo* e *A Pequena Loja dos Horrores*, e mentor de nomes como Jack Nicholson, Francis Ford Coppola, Joe Dante, Peter Bogdanovich e Jonathan Demme.

•

Corman estará no Brasil para fazer palestras e ensinar aos brasileiros como fazer filmes bons sem gastar quase nada. Serão exibidos cerca de uma dúzia dos melhores filmes dirigidos por Corman, desde suas incursões pela ficção científica nos anos 50 (*It Conquered the World* e *A Ilha do Pavor*) até a fase do cinema psicodélico do final dos 60 (*Viagem ao Mundo da Alucinação* e *Wild Angels*), passando por alguns dos clássicos adaptados de Edgar Allan Poe (*O Poço e o Pêndulo*). O ciclo inclui filmes famosos como *A Pequena Loja dos Horrores* e *Emissário de Outro Mundo*, além de raridades como *The Intruder* , com William Shatner (ele mesmo!) interpretando um branquelo nazista.



•

Os amantes do cinema B têm outra razão para delirar: além da Mostra Roger Corman, o pessoal do Estação Botafogo organizou o festival "Estação Cult", que trará ao Brasil cerca de setenta (!) filmes da coleção particular de Mike Vraney, um dos maiores especialistas americanos em cinema independente.

•

Vraney é dono da Something Weird Video, empresa que lançou os filmes de Zé do Caixão nos EUA. Ele tem uma coleção particular de cerca de oito mil obras, entre 35 mm, 16 mm e vídeo, e selecionou algumas das mais representativas para a mostra. Uma das atrações principais será uma retrospectiva com seis filmes do cineasta Ed Wood, diretor de *Plan 9 from Outer Space*, *Glen ou Glenda* e *Night of the Ghouls*.

•

Vraney dividiu sua seleção em sete ou oito miniciclos, para dar ao espectador uma idéia mais precisa da origem dos filmes. Assim, no ciclo "Teenagers Rebeldes", o cinéfilo poderá ver clássicos do *underground* repletos de adolescentes violentos fumando cigarros e andando em suas mobiletes incrementadas ao som do rock'n'roll. Serão apresentados *High School Hellcats* e *Teenage Gang Debs*, entre outros.

•

Os amantes de *sexploitation* não vão acreditar na maravilhosa cópia 35 mm de *Teaserama*, o famoso filme erótico com Betty Page. Fãs de horror terão a chance única de assistir na tela grande a marcos do cinema sobrenatural como *Tormented*, *Castelo de Sangue*, *Screaming Skull* e *Blood Feast*. E mesmo filmes muito falados mas pouco vistos no Brasil, como *Faster, Pussycat, Kill, Kill!*, de Russ Meyer, e o inacreditável épico da *blaxploitation Dolemite* serão exibidos. Não perca também *Hércules no Mundo Encantado*, *Santo Contra as Mulheres Vampiras* e imortais filmes de ficção científica como *O Planeta Proibido*, *Papai Noel Conquista os Marcianos* e *Invasores de Marte*. Deus existe!

André Barcinski

VÍDEO 3

RECORDE DE VENDAS

Os estúdios Disney são espertos e, visando muitas "verdinhas", lançaram direto em vídeo a seqüência de *Aladdin*, ***The Return of Jafar***, contando as aventuras do vilão da história e com os personagens do original.

•

A estratégia deu muito certo. Antes mesmo de o vídeo ser oficialmente vendido, as lojas já haviam encomendado 1,5 milhão de cópias. Em contrapartida, muitas lojas estavam oferecendo pré-venda da fita a US$ 22,99. Segundo Ann Daly, da Disney, "a partir desses dados, esperamos que *The Return of Jafar* seja um dos lançamentos mais vendidos do ano. Certamente, é um recorde na categoria *made-for-video*".

MASSIMO TROISI

PROJECIONISTA DO HUMOR

Massimo Troisi (1952-1994) faleceu no último dia 5 de junho em decorrência de complicações cardíacas. Ator, roteirista e também diretor (de filmes inéditos no Brasil), era um dos grandes nomes da nova geração de cômicos italianos. Ficou conhecido no Brasil por duas colaborações com o diretor Ettore Scola – como o projecionista de *Splendor* (1989) e o acompanhante do herói de *A Viagem do Capitão Tornado* (1990). Em 1989, por outro filme de Scola, o inédito *Che Ora È*, dividiu o prêmio de melhor ator no Festival de Veneza com seu colega de cena Marcello Mastroianni.

GODZILLA

O MONSTRO REDIVIVO

A esperada versão americana do clássico monstro japonês Godzilla começa a ganhar forma. **Marc Platt**, chefe dos estúdios TriStar Pictures, anunciou que os efeitos especiais do projeto estarão mais para *Jurassic Park* do que para *Plan 9 from Outer Space* – considerado o pior filme de todos os tempos.

•

Sem previsão de lançamento, o estúdio está atrás de um diretor. Entre os cotados estão **Tim Burton**, **Sam Raimi**, **Joe Johnston** e **Jan De Bont** (de *Speed*). Outro problema para a TriStar é o custo, estipulado entre US$ 50 milhões e US$ 65 milhões. Quanto ao elenco de carne e osso, nada se sabe, a não ser que há um personagem para uma atriz acima dos 40 anos.

•

Há rumores de que este filme será o último da série, pois a produtora anunciou para 1995 o *revival* da tartaruga gigante Gamera, criada em 1966.

Alexandre Nagado

FESTIVAL DE CURTAS

EDIÇÃO IMPERDÍVEL

MIS

Há cinco anos o **Museu da Imagem e do Som** da cidade de São Paulo (MIS) apresenta um panorama do que melhor se produz atualmente em curta-metragem. Consagrado pelo público paulistano, que a cada edição do festival comparece em peso às sessões no MIS, o **Festival Internacional de Curta-Metragem** de São Paulo já se tornou um dos eventos mais importantes no mundo todo.

•

Para esta quinta versão, que acontece de 18 a 28 de agosto, a lista dos filmes participantes é das mais favoráveis. Estão presentes curtas premiados nos principais festivais internacionais – como os de Oberhausen (Alemanha), Clermont-Ferrant (França), Tampere (Finlândia) e Cannes – e dois vencedores do Oscar/94: ***Wrong Trousers***, do inglês **Nick Park**, comédia com um pingüim vilão e um par de calças tecnológicas, prêmio de curta de animação, e o premiado como melhor documentário, ***Defending Our Lives***, sobre a violência doméstica contra mulheres nos EUA.

MIS

•

As outras atrações incluem ***Blue***, do americano **Don McKellar** – prêmio máximo do Festival de Chicago e que tem como atração o diretor David Cronenberg no elenco – , e o conto de natal premiado nos festivais de Annecy e Clermont-Ferrand, ***Viejo Pascuero***, do francês **Jean Baptiste Huber**.

PENSE NUM TV QUE VOCÊ LIGA DIRETAMENTE NA PARABÓLICA.

Satellite Reception

A Panasonic já pensou.

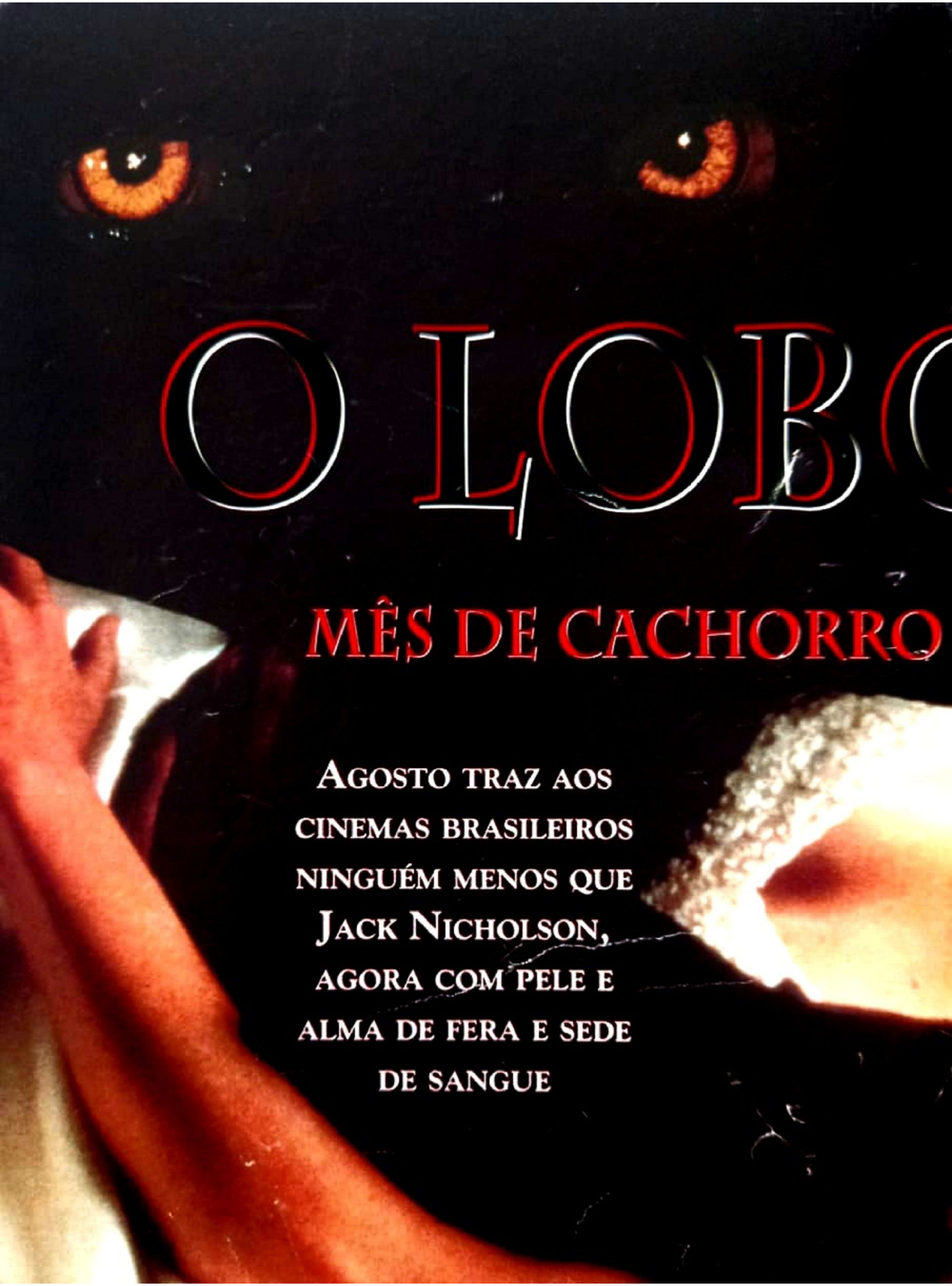
O TC-20BS5 é o 1º TV em Cores brasileiro com RECEPTOR INTERNO PARA SINAIS VIA SATÉLITE. Isso mesmo! O TC-20BS5 é um televisor de 20 polegadas que possui um exclusivo circuito que dispensa o uso de receptor externo. Basta conectar o televisor na antena parabólica e pronto: você tem a melhor imagem com a mesma facilidade de operação de um televisor comum e sem perder as vantagens do Controle Remoto multifunção.

E não é só isso: o TC-20BS5 possui os sistemas PAL-M/NTSC e entrada e saída de Áudio e Vídeo.

O TV em Cores TC-20BS5, adquirido até 30/06/95, tem 2 ANOS DE GARANTIA INTEGRAL. Informe-se no seu Revendedor.

Panasonic

Antecipa o futuro


O LOBO
MÊS DE CACHORRO
AGOSTO TRAZ AOS CINEMAS BRASILEIROS NINGUÉM MENOS QUE JACK NICHOLSON, AGORA COM PELE E ALMA DE FERA E SEDE DE SANGUE

LOUCO
Fotos: Columbia TriStar

Mesmo em dias normais, Jack Nicholson não está tão longe assim de parecer um lobo – é o que diz o diretor Mike Nichols. Nada mais natural, portanto, que o ator de *O Iluminado* e *As Bruxas de Eastwick* topasse agora acrescentar um lobisomem à sua linhagem de personagens esquisitos. Mas a metamorfose de Nicholson em *O Lobo* tem pouco a ver com os filmes de horror explícito tipo *O Massacre da Serra Elétrica*. Por definição, este é um terror para gente grande, que foge do circuito "B" através da sátira social, do romance e da análise da sexualidade masculina – "aquela coisa de ser um cavalheiro durante o dia e uma fera durante a noite", explica o diretor. O próprio Nichols exibe uma lista de créditos que dificilmente o identificariam com o gênero horror: entre outras coisas, colocou sua assinatura em *A Primeira Noite de um Homem* e *Uma Secretária de Futuro*.

Em *O Lobo*, Will Randall (Jack Nicholson) é um editor de livros de uma casa novaiorquina, um sujeito conservador, derrotado e amarrado à própria civilidade, que subitamente vê sua já precária situação agravada pelos planos do novo dono da editora (Christopher Plummer). Este deseja substituir o maduro Randall por seu jovem e ambicioso assistente, Stewart Swinton (James Spader, de novo interpretando um yuppie maquiavélico). Mas tudo muda quando, mordido por um lobo que acabara de atropelar numa estrada deserta e gelada, Will Randall vira literalmente uma fera: a metamorfose desperta não só seus adormecidos instintos sexuais – que se voltam para Laura Alden (Michelle Pfeiffer), filha do dono da editora –, como também seus instintos assassinos, que se manifestam nos negócios e à mesa.

É claro que a licantropia traz uma série de vantagens a Randall – desde ler sem óculos até conquistar Laura Alden. Mas Mike Nichols faz questão de frisar que "esta é a história de alguém que perde sua condição humana, e não se pode dizer que esse seja um acontecimento desejável". Assim, Randall aos poucos perde o controle sobre sua transformação e sua sede de sangue, chegando a criar um inimigo mortal para si próprio – ao saber que o desagradável Stewart Swinton vinha tendo um caso com sua mulher, morde o yuppie, fazendo também dele um lobisomem.

• Maquiagem artesanal •

A idéia de ver Jack Nicholson metido numa fantasia de lobisomem e andando de quatro por aí poderia provocar gargalhadas mesmo nos fãs mais contumazes do ator. Assim, desde o início a caracterização de Will Randall foi um ponto crucial na produção de *O Lobo*. Um primeiro teste com máscaras foi recusado pelo ator. "Parecia *O Planeta dos Macacos*", disse ele, completando que, com uma maquiagem daquelas, ninguém precisava de Jack Nicholson como protagonista.

A partir daí, elegeu-se o enfoque da sutileza máxima. E Rick Baker, que ganhou um Oscar de maquiagem por seu trabalho high-tech em *Um Lobisomem Americano em Londres*, se viu repentinamente tes-tando técnicas que remontam aos primórdios do cinema.

Basicamente, a aparência licantrópica de Jack Nicholson se resume a orelhas falsas, dentes pontiagudos, um pouco de pigmento, alguns pêlos a mais no rosto e nas mãos e um artefato entre seus olhos que faz os cantos internos parecerem mais "lupinos" e alarga a parte superior do nariz. O resto fica por conta da interpretação de Jack, que tratou de acrescentar uma boa dose de sensualidade ao personagem.

Já com James Spader o processo foi mais complicado. Embora Mike Nichols pensasse inicialmente numa maquiagem idêntica à de Jack, logo ficou claro que o rosto suave do protagonista de *sexo, mentiras e videotape* não parecia animalesco o suficiente com o recurso minimalista dos pêlos e dentes. A solução encontrada por Rick Baker foi apelar às tradicionais máscaras de látex.

Outro dado importante na concepção visual de *O Lobo* foi a contratação do italiano Giuseppe Rotunno como diretor de fotografia. Com créditos que incluem *All That Jazz*, *As Aventuras do Barão de Münchausen* e *Casanova de Fellini*, Rotunno selou sua terceira parceria com Mike Nichols

COMO RECONHECER UM LOBISOMEM

Segundo a Enciclopédia Britânica, *a licantropia (do grego* lykos, *lobo, e* anthropos, *homem) é um distúrbio mental em que o paciente acredita ser um lobo ou algum outro animal. A perturbação seria estimulada pela crença, muito difundida em certos países, de que o homem pode de fato assumir uma forma física animalesca – por exemplo, de lobo ou urso na Europa, de hiena ou leopardo na África, de tigre na Índia, China, Japão e outras partes da Ásia. O mito existe desde a Antigüidade, mas tornou-se especialmente forte durante a Idade Média.*

O lobisomem, assim, seria um homem que vira lobo durante a noite, devorando animais, pessoas ou cadáveres. De dia, porém, retornaria à forma humana. Alguns lobisomens, segundo o folclore europeu, são capazes de se transformar segundo sua própria vontade. Outros – aqueles que herdaram a condição ou a adquiriram ao serem mordidos por um lobisomem – mudam involuntariamente, sob a influência da lua cheia. Se o lobisomem for ferido enquanto em sua forma lupina, os ferimentos serão visíveis em sua forma humana – uma das maneiras de detectá-los. Acredita-se que após a morte virem vampiros.

O LOBO

Will Randall (Jack Nicholson), já transformado em lobo, sacia sua fome; acima, Stewart Swinton (James Spader), o yuppie que tenta puxar o tapete de Randall na empresa

(as outras foram *Ânsia de Amar* e *Uma Segunda Chance*) criando um clima onírico, em que predominam as tomadas noturnas. Sublinhando essa atmosfera está a trilha sonora de outro italiano: Ennio Morricone.

• Começo difícil •

Apesar de *O Lobo* ter chegado às telas com uma acolhida positiva da imprensa americana, fazer o filme não foi um mar de rosas. Até o início do projeto foi lúgubre: o filme começou há quatro anos com uma conversa a bordo de um avião, tendo como interlocutores o produtor Douglas Wick e o escritor Jim Harrison (amigo pessoal de Jack Nicholson). Segundo a *Premiere* americana, durante o vôo Harrison entreteve Wick com uma história para lá de estranha.

O escritor, que vive no Michigan, num lugar remoto e repleto de lobos, sonhou certa vez que um deles havia sido atropelado. "E, quando me abaixei para recolhê-lo, ele entrou na minha boca e no meu corpo." Uma noite, logo depois dessa desconfortável invasão corporal, Harrison pensou ter ouvido um intruso em seu quintal. "Então pulei da cama, abri violentamente as portas para pegar quem estivesse lá fora e meu rosto estava coberto de pêlos. Meu cachorro nem chegou perto de mim por um dia e meio. Não gosto desse tipo de coisa. Sou uma pessoa muito comum." A resposta do produtor Wick foi que o "episódio" daria um bom roteiro. Harrison concordou e, após dois anos, mostrou um esboço a Jack Nicholson. O ator gostou e tratou de elaborar uma lista com cinco diretores "aceitáveis": Kubrick, Bertolucci, Polanski, Peter Weir e Mike Nichols – que acabou sendo escolhido em parte por já ter trabalhado com Nicholson em *Ânsia de Amar*, *O Golpe do Baú* e *A Difícil Arte de Amar* e com o produtor Douglas Wick em *Uma Secretária de Futuro*.

Um dos principais obstáculos estava no roteiro – que acabou consumindo cerca de US$ 3 milhões dos US$ 40 milhões oficialmente gastos pela Columbia em *O Lobo*, além de dois anos e meio de trabalho e inúmeras versões. O diretor Mike Nichols discordava do tratamento dado por Jim Harrison à história, de que a metamorfose em animal era uma espécie de redenção. Chamado para dar uma "polida" no roteiro, Wesley Strick (de *Cabo do Medo*) acabou reestruturando-o quase por completo. Outra "mãozinha" veio de Elaine May (a diretora do fracassado *Ishtar*), antiga parceira de Mike Nichols numa dupla cômica, que reescreveu o personagem de Michelle Pfeiffer.

O resultado é um filme declaradamente de horror, mas sem o clima *hardcore* da produção destinada ao público juvenil. Em entrevista à revista especializada *Fangoria*, Mike Nichols declarou que "adora" esse rótulo. "Na verdade, é um elogio. *O Lobo* respeita as regras do gênero porque são boas regras. Nele há magia, horror, choques, beleza, ação e algumas risadas – além de umas boas surpresas."

Para Nichols, o lobisomem é uma criatura mais complexa que outras que povoam o terror noturno. "É um mito interessante e que tem muito poder sobre nós, mas não é tão bem definido e compreendido como os vampiros. O lobisomem é mais misterioso", explica o diretor. Daí a criatura de *O Lobo* representar um lado obscuro da sexualidade masculina. Nesse processo, os roteiristas eliminaram da trama as superstições que "poluem" o mito, criando uma espécie de lobisomem moderno. Afinal, *O Lobo* não se passa num lugar mítico, e sim numa Nova York bem concreta e realista.

O DIRETOR QUE QUERIA SER IRREGULAR

O diretor Mike Nichols é uma típica vítima da "síndrome Orson Welles" (embora sem o talento monstruoso deste): começou com a bola toda e foi deixando que ela murchasse, até passar das categorias "promessa" e "autor" à condição atual de artesão competente.

Judeu de origem russa nascido em Berlim em 1931, Nichols vem de uma família de tradição intelectual e artística (sua avó materna escreveu o libreto de Salomé com Strauss). Após anos fazendo dupla cômica com Elaine May e dirigindo montagens teatrais de sucesso, Nichols estreou na direção cinematográfica em grande estilo, com o contundente, sarcástico e ultrapolêmico (ao menos em 66) Quem Tem Medo de Virginia Woolf?, *adaptado da peça de Edward Albee.*

Ter Elizabeth Taylor e Richard Burton encenando nas telas uma versão muito próxima de suas próprias batalhas conjugais já seria garantia de publicidade, mas Nichols estabeleceu desde sua estréia uma reputação que o acompanha até hoje: a de ser um excelente diretor de atores, capaz de extrair performances dignas e vívidas de uma atriz limitada como Liz Taylor ou de uma iniciante como Sandy Dennis.

Resultado: ambas levaram um Oscar, e Nichols seguiu adiante com um filme que se tornaria um marco dos anos 60, A Primeira Noite de um Homem *(67). O audacioso diretor trocou Robert Redford ("ele não convenceria como um perdedor") pelo novato Dustin Hoffman e cunhou uma comédia ardilosa e desafiadora, um segundo filme à altura (senão além dela) das expectativas geradas por sua estréia.*

Ao invés de se sentir seguro, porém, Nichols enfrentava uma neurose crescente, como se o sucesso o tolhesse. Seu filme seguinte, Ardil 22 *(70), forneceu a dose exata de fracasso que ele parecia almejar. Não só frustrou a legião de aficionados do livro de Joseph Heller, no qual se baseia, como se revelou muito inferior ao* M.A.S.H. *de Robert Altman, do mesmo ano.*

E aí começou uma fase extremamente irregular na carreira de Nichols, pontuada pela dureza e crueldade de um Ânsia de Amar *(71, tido por muitos como sua obra-prima), o timing e senso de humor de um* Metido em Encrencas *(88) ou o maneirismo e superficialidade de coisas como* Uma Secretária de Futuro *(88) e* Uma Segunda Chance *(91). No total, entre* O Golpe do Baú *(75) e* Silkwood *(83), Nichols passou sete anos longe do cinema. Um dos problemas que afloraram em sua vida nos anos 80, disse ele à* Premiere, *foi o sentimento de culpa por ter escapado ao Holocausto (sua família emigrou para a América na década de 30) – "como se eu tivesse que retribuir algo, como se minha vida fosse um empréstimo".*

Nicholson enfrenta o "tubarão" Christopher Plummer, seu novo patrão e pai de Laura Alden (Michelle Pfeiffer), que mostra não ter medo de lobisomem; à esquerda, Mike Nichols dirige seus protagonistas

O LOBO

JACK SEGURA O FILME

Se não fosse por Jack Nicholson, O Lobo perigava ser uma daquelas bombas que destroem a carreira de qualquer diretor. O ator consegue pôr charme e humor em um filme mal escrito, confuso e dirigido com amadorismo.

O Lobo conta a história de um editor de livros (Nicholson) que, após ser mordido por um lobo, adquire algumas características físicas do animal, como um olfato aguçado e uma força de decatleta. Seus instintos se apuram e ele se torna um negociante imbatível e um amante insaciável, que acaba por conquistar a filha de seu patrão (Michelle Pfeiffer).

O roteirista Jim Harrison quis criar uma mistura de horror e comédia, usando o lobisomem como metáfora das transformações a que o personagem de Nicholson tem que se submeter para sobreviver num ambiente de trabalho hostil.

Dois ou três diálogos são verdadeiramente engraçados, e a interpretação de Nicholson é fabulosa. Vendo aquelas sobrancelhas arqueadas e aquela cara ameaçadora, não dá para entender por que alguém levou quase quarenta anos para botar Jack no papel de lobisomem. O problema é que o carisma do ator não basta para salvar um filme confuso, com um roteiro que não engrena e alguns personagens que aparecem e somem sem maiores explicações. O próprio personagem de Michelle Pfeiffer parece que desembarcou na história de pára-quedas.

O que mais choca em O Lobo é seu acabamento ruim. De uma superprodução hollywoodiana pode-se esperar até falta de criatividade, mas nunca desleixo. O Lobo, um projeto caro e que levou seis meses para ser filmado, é um dos filmes mais mal dirigidos dos últimos anos. A montagem é primária, alguns diálogos são indignos de curtas-metragens brasileiros e a música não funciona. Além disso, os erros de continuidade se sucedem de forma irritante (numa hora, os óculos de Nicholson subitamente desaparecem e são substituídos por um cachimbo).

Qualquer fã de horror sabe que visual caprichado é pré-requisito básico para um filme do gênero que se preze. À exceção de duas cenas – uma perseguição de Nicholson, já transformado em lobisomem, a um veado, e uma climática luta final –, O Lobo é fotografado com uma falta de criatividade que lembra aqueles documentários sobre as cerzideiras do rio Paraíba.

Sem optar entre ser um filme de horror ou uma sátira, O Lobo acaba se levando a sério demais e apelando para metáforas desnecessárias. Mike Nichols promove uns bons sustos e umas quatro gargalhadas, mas é pouco. Jack merecia um lobisomem mais legal. A.B.

Wolf, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Mike Nichols ■ ROTEIRO: Jim Harrison, Wesley Strick ■ FOTOGRAFIA: Giuseppe Rotunno ■ MONTAGEM: Sam O'Steen ■ MÚSICA: Ennio Morricone ■ FIGURINO: Ann Roth ■ MAQUIAGEM: Rick Baker ■ Com Jack Nicholson, Michelle Pfeiffer, James Spader, Christopher Plummer, Kate Nelligan, Richard Jenkins, Om Puri, Eileen Atkins ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia TriStar ■ DURAÇÃO: 125 min.

ENTREVISTA

JACK NICHOLSON

CRIATURA NOTURNA

Discípulo de Roger Corman, o ator acha que o horror e o faroeste é que fornecem os papéis clássicos para os intérpretes americanos

Jack Nicholson não é homem de dar muitas entrevistas. Nos últimos anos, as aparições do ator se tornaram acontecimentos raros, cercados de expectativa. Por isso os fãs do velho Jack ficaram de queixo caído quando souberam que ele havia aceitado participar como convidado de honra da Convenção Anual de *Fangoria*, a maior revista de cinema de horror dos Estados Unidos.

No dia marcado para a aparição de Nicholson, ainda se duvidava que ele fosse presentear a nós, mortais, com preciosos minutos em sua companhia. De repente, o inesperado: cercado por uma muralha de guarda-costas, chega Jack. De terno bege e pinta de mafioso, o ator de 57 anos exibia seu famoso sorriso de Coringa e subiu ao palco sob os urros e aplausos de uma platéia composta basicamente por jovens metaleiros, que nem haviam nascido no final dos anos 50, quando Nicholson começou sua carreira trabalhando nos filmes "B" de Roger Corman.

A aparição especialíssima de Jack visava divulgar seu novo filme, *O Lobo*, que o traz num papel inédito em sua carreira: o de lobisomem. Ele faz um editor de livros que, quando não está devorando os vizinhos, vive um romance com a filha do patrão (Michelle Pfeiffer).

Durante pouco mais de meia hora, um bem-humorado Nicholson respondeu a perguntas sobre *O Lobo*, sua carreira e sua participação em alguns dos filmes fantásticos mais famosos dos últimos anos, como *O Iluminado* e *Batman*.

Você acha que *O Lobo* representa uma volta a seu passado de ator de filmes de horror?

Sim. Eu comecei fazendo filmes de horror com Roger Corman. Nós fazíamos os filmes muito mal e rapidamente (*risos*). Mas, se você é sortudo o bastante para se tornar um ator, você acaba tendo a chance de fazer um monte de coisas e de repetir papéis. E pouco a pouco você tem a oportunidade de ir se aperfeiçoando e trabalhando cada vez melhor. Acho que filmes de horror e faroestes são os papéis clássicos para atores americanos, e estou muito feliz por poder fazer novamente um filme de horror.

***O Lobo* foi o quarto filme que você fez com o diretor Mike Nichols, mas é o primeiro filme de horror que ele dirige. Foi uma experiência difícil para ele?**

O Lobo é bem diferente dos filmes tradicionais de horror, e isso tornou as coisas ainda mais difíceis para Mike, porque ele não tinha em que se inspirar. Mike nunca havia feito um filme sobre o bizarro e o sobrenatural; seu forte sempre foram histórias sentimentais. Há alguns segredos e truques para fazer filmes de horror e, se você nunca fez um desses filmes antes, você pode se perder. Mas todos nós sabíamos que ele queria muito fazer este filme e tratamos de ajudá-lo.

Você precisou se preparar fisicamente para *O Lobo*?

Um pouco. Corri e fiz condicionamento físico. Sempre que faço um filme desses, com

Jack prova que basta um par de costeletas e um brilho nos olhos para metamorfoseá-lo em lobo; à esquerda, o ator no set de filmagens

ação, preciso me preparar fisicamente. Eu sabia que teria que estar em boa forma para fazer este filme. Perdi peso antes das filmagens e continuei perdendo depois, porque meu personagem emagrece quando começa a virar lobisomem.

O que você lembra do seu começo de carreira, no final dos anos 50 e início dos 60?

Eu era muito jovem e sinceramente não sabia se poderia me sustentar como ator. Em 1964 comecei a escrever roteiros. Em 1966 e 67 produzi dois faroestes, *The Shooting* e *Ride in the Whirlwind*, que foram bem de bilheteria. Ambos foram dirigidos por Monte Hellman e custaram US$ 85 mil cada.

Roger Corman (*famoso diretor de filmes "B" dos anos 50 e 60 e mentor de Nicholson*) disse que você dirigiu uma parte de *O Terror* (*filme de 1963 em que Nicholson contracena com Boris Karloff*).

Eu sou uma das poucas pessoas que ele conhece que não dirigiram parte de *O Terror* (*risos*). Roger começou a dirigir, depois Francis Ford Coppola (*que trabalhava como produtor assistente*) dirigiu um pouco, depois Monte Hellman assumiu por uns dois dias. Dennis J. Cobb também dirigiu umas cenas, e no final Roger voltou para terminar a história. Me lembro que Roger praticamente roubou os cenários de outro filme que ele havia feito um ano antes (*O Corvo*) e mandou alguém escrever uns diálogos. Ninguém sabia que diabos nós estávamos fazendo. Filmamos como loucos durante dois dias e depois tentamos criar uma história.

O que você se lembra das filmagens de *Rebeldia Violenta* (*filme de motoqueiros feito em 1970, famoso por ter verdadeiros Hell's Angels como figurantes*)?

Lembro que só foi lançado em um cinema, no Oregon (*risos*). O orçamento veio todo do cartão de crédito do empresário do Bruce Dern (*pai da atriz Laura Dern*). O filme foi feito com o único propósito de dar a Bruce o papel principal. Exceto por um pequeno grupo de atores, o resto do elenco foi composto por motoqueiros de verdade. O filme todo foi

Columbia TriStar

OS DESVIOS DE CARÁTER DE JACK

Jack Nicholson começou a carreira artística por mero acaso. Na época em que era mensageiro do departamento de cartoon da MGM soube de testes para o filme *A um Passo do Crime*, de Roger Corman, e se candidatou. Segundo Jack, fez o teste como qualquer outro ator. "Gritei e berrei – e sei que fiz a mais estridente das audições, senão a melhor. E, quando obtive o papel, pensei: 'É isso aí! Fui talhado para esta profissão'." Na primeira década de sua carreira, Jack Nicholson ficou marcado por filmes de baixo orçamento e por personagens *outsiders*, "chegados" em drogas, sexo, delinqüência e violência.

JIMMY, psicótico

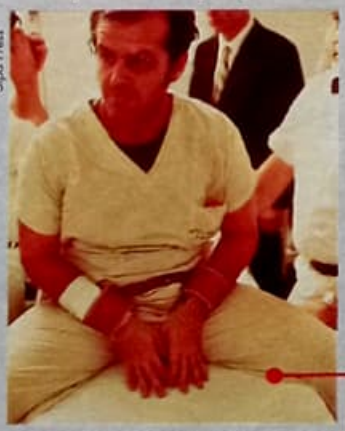
A um Passo do Crime, de Roger Corman, 1958.
Thriller em que Jack atira num cara, faz duas reféns e foge com elas para dentro de uma loja, onde passam momentos de extrema agonia.

BUDDY, estudante promíscuo

Cedo Demais para Amar, de Richard Rush, 1959.
Início da fase delinqüente, com particular abuso das experiências sexuais e alucinógenas.

WILBUR FORCE masoquista

A Loja dos Horrores, de Roger Corman, 1960. (Em vídeo pela VTI.)
Jack faz uma ponta como um rapaz que vai ao dentista para


Sipa Press

arrancar os dentes, sem anestesia – e gosta.

WILL BROICOUS assassino perigoso

The Broken Land, de John Bushelman, 1961.
Neste western, Jack possui os instintos assassinos do pai pistoleiro e é alvo de um xerife sádico.

PSICOPATA

Flight to Fury, de Monte Hellman, 1964.
Aventura de guerra com roteiro de Nicholson. Ele é membro de um grupo de ladrões que trafica diamantes das Filipinas.

BILLY SPEAR, assassino de sangue frio

O Tiro Certo, de Monte Hellman, 1967. (Em vídeo pela Screen Life.)
Western dark, existencialista. Nicholson é um pistoleiro contratado por uma mulher misteriosa para assassinar seus inimigos.

POET, delinqüente da gangue Hell's Angels

Demônios sobre Rodas, de Richard Rush, 1967. (Em vídeo, *Morte sobre Rodas*, pela Opção.)
Jack é um frentista que se junta à lendária gangue de motoqueiros americanos em suas viagens, marcadas por um rastro de violência e desordem.

RANDALL P. MCMURPHY maníaco sexual

Um Estranho no Ninho, de Milos Forman, 1975. (Em vídeo pela Condor.)
Preso por violência sexual, Jack se finge de louco, é transferido para um hospital e quase "pira" ao se confrontar com uma sádica enfermeira. Oscar de ator.

Warner

JACK TORRANCE psicopata

O Iluminado, de Stanley Kubrick, 1980. (Em vídeo pela Warner.)
Brilhante interpretação de Jack como um escritor que enlouquece num hotel isolado pela neve, local de estranhos assassinatos. Diz a lenda que o uso do ditado "Muito trabalho e pouca diversão fazem de Jack um bobão", que compõe o livro que o personagem está escrevendo, é criação do ator.

Warner

Jack mostra que lobisomens também podem ser *gourmets*

improvisado. Um grupo fazia uma cena em que todos gritavam uns com os outros. Na cena seguinte, Bruce entrava e explicava o que toda aquela gritaria significava (*risos*).

Como foi filmar *Batman*?

O interessante é que eu não estava cotado para o papel. Um dia um executivo da Warner disse que gostaria que eu conversasse com Tim Burton, porque eles acreditavam que ele se tornaria um grande diretor e ele havia mostrado interesse na minha participação. Eu já havia lido o roteiro e gostado muito, e resolvi que não perderia nada se fosse lá falar com ele. Fui e descobri que tínhamos muito em comum. *Batman* era um dos meus filmes prediletos, porque era como basquete, um jogo noturno. Havia muitas coisas boas em *Batman* para eu recusar.

E como foi trabalhar com Stanley Kubrick em *O Iluminado*?

Lembro que Shelley Duvall tinha o papel mais difícil do filme. Quarenta por cento do roteiro tinha o personagem dela gritando como uma histérica, e isso durou meses. Acho que Stanley Kubrick é o melhor diretor que existe. Eu adorei trabalhar com Stanley e sei que muitos atores não gostam, porque ele exige muito. Ele não desiste enquanto não consegue exatamente o que quer.

Qual de seus filmes teve maior impacto em sua carreira?

Essa é fácil. O papel de *Sem Destino* (*Easy Rider*) me transformou numa estrela. Antes disso eu estava começando a me aperfeiçoar como ator e estava me preparando para começar a dirigir filmes.

Pessoalmente, você é como os personagens que interpretou na tela?

Meu primeiro professor de teatro me disse que a personalidade do ator representa 85% dos personagens que ele interpreta. Você só tem que trabalhar muito para isolar os 15% restantes. E é aí que o talento como ator aparece.

André Barcinski, de Nova York
(Colaborou Mark Shapiro)

SET

Alvorada

O DIABO
em pessoa

As Bruxas de Eastwick, de George Miller, 1987. (Em vídeo pela Warner.)
Nicholson encarna o demo e responde ao desejo sexual de três mulheres. De quebra, faz delas as progenitoras para continuar sua espécie.

FRANCIS PHELAN
alcoólatra

Ironwweed, de Hector Babenco, 1987.(Em vídeo pela Transvídeo.)
Tentando fugir do passado, Nicholson se torna um mendigo cujos únicos amigos são Meryl Streep e uma garrafa de bebida.

CORINGA
psicopata

Batman, de Tim Burton, 1989. (Em vídeo pela Warner.)
Um dos mais famosos arquiinimigos do herói dos quadrinhos é magnificamente interpretado por Nicholson, cuja marca registrada é o sorriso "estampado" no rosto.

CORONEL JESSEP
sádico

Questão de Honra, de Rob Reiner, 1992.(Em vídeo pela LK-Tel/Vídeo.)
Nicholson arrasa com o jovem advogado Tom Cruise, num duelo de tribunal inenarrável. Cruise tem que comer muito feijão para chegar aos pés da competência sádica do astro veterano da oratória.

Warner

ELE TAMBÉM JÁ FOI UM CARA NORMAL

STONY

Passaporte para a Loucura, de Richard Rush, 1968.
Apesar do título, Jack é líder de uma banda de rock que auxilia uma garota surda a encontrar o irmão desaparecido.

BILLY BUDDUSKY

A Última Missão, de Hal Ashby, 1973.(Em vídeo pela LK-Tel/Vídeo.)
O marinheiro encarregado de escoltar um prisioneiro deu a Jack o prêmio de melhor ator em Cannes.

J.J. GITTES

Chinatown, de Roman Polanski, 1974. (Em vídeo pela CIC.)
Detetive particular simpático que tenta esclarecer uma intrincada trama de amor e corrupção. Em 1990, Nicholson dirigiu *A Chave do Enigma*, que retoma o personagem.

CHARLIE SMITH

Fronteira da Violência, de Tony Richardson, 1981.(Em vídeo pela CIC.)
Nicholson é um policial da alfândega encarregado de reprimir o tráfico de drogas na fronteira EUA-México.

UIP

GARRETT BREEDLOVE

Laços de Ternura, de James L. Brooks, 1983. (Em vídeo pela CIC.)
Astronauta aposentado e romântico que traz Shirley MacLaine de volta à vida. Oscar de ator.

HOFFA

Hoffa – Um Homem, uma Lenda, de Danny DeVito, 1992. (Em vídeo pela Abril Vídeo.)
Trajetória do sindicalista Hoffa, criador do mais poderoso sindicato americano, o International Brotherhood of Teamsters.

Deborah Peleias

METAMORFOSES EM VÍDEO

Locadoras oferecem fortes imagens de mutações, apesar da ausência de clássicos como *O Médico e o Monstro* e *A Bela e a Fera*

VTI

COMO FAZER CARREIRA NA PUBLICIDADE

(How to Get Ahead in Advertising, Inglaterra, 1989) Direção: Bruce Robinson. Com Richard E. Grant, Rachel Ward. 95 min. VTI.

Publicitário enfrenta dificuldades em criar anúncio para uma pomada antiacne. O processo se torna um pesadelo tão visceral que seu impasse se materializa na forma de uma protuberância em seu ombro, que cresce a ponto de formar um pequeno rosto opinativo.

CORAÇÃO SATÂNICO

(Angel Heart, EUA, 1987) Direção: Alan Parker. Com Mickey Rourke, Robert De Niro. 110 min. Transvídeo.

Este delírio sobrenatural oferece uma magnífica caracterização do Mal na figura do próprio demo, personificado por De Niro. A aparência é humana, mas a "embalagem" esconde a natureza primária e animal. Lentes de contato e unhas auxiliam o ator a liberar o estigma dual do ser humano.

DRÁCULA DE BRAM STOKER

(Bram Stoker's Dracula, EUA, 1992) Direção: Francis Ford Coppola. Com Gary Oldman, Winona Ryder. 130 min. LK-Tel/Vídeo.

O ícone das trevas assume aqui várias formas, sejam elas etéreas (névoa), aéreas (morcego), as ameaçadoras imagens do Drácula velho ou do Drácula-lobo. Novamente o lado animal da natureza agride e se defende do mundo externo.

GRITO DE HORROR

(The Howling, EUA, 1980) Direção: Joe Dante. Com Dee Wallace, John Carradine. 90 min. Globo Vídeo.

Apresentadora de TV sofre colapso nervoso e passa uns tempos reclusa numa cabana em plena floresta. A fuga da realidade, porém, a joga de bandeja em uma comunidade de lobisomens, uma espécie de sociedade alternativa que vive por si e para si, sem se misturar com a fragilidade humana.

Guanimo

UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES

(An American Werewolf in London, EUA, 1981) Direção: John Landis. Com David Naughton, Griffin Dunne. 97 min. Concorde/Tocantins.

Turista americano é mordido por lobo inglês e passa a sofrer mutações em noites de lua cheia, mantendo também um contato íntimo com os mortos-vivos vítimas do mesmo processo. O herói-criatura descobre o amor na figura da enfermeira que o tratou, sugerindo que o lobisomem, aqui, é o medo do isolamento, do abandono, do esquecimento.

A MARCA DA PANTERA

(Cat People, EUA, 1982) Direção: Paul Schrader. Com Nastassja Kinski, Malcolm McDowell. 118 min. CIC.

Stills

Esta refilmagem de *Sangue de Pantera* (1942) explora uma idéia também presente em *Sonâmbulos*, de Stephen King: a de uma comunidade de homens-animais que se relacionam só entre si – os mortais são apenas presas. Sangue e libido libertam o lado fera.

A MOSCA

(The Fly, EUA, 1986) Direção: David Cronenberg. Com Jeff Goldblum, Geena Davis. 100 min. Abril Vídeo.

Aqui a transformação física (e posterior decomposição) é castigo divino, é a revolta da natureza contra a ousadia da ciência. Assim como o original *A Mosca da Cabeça Branca* (58), aponta para a pequenez do homem.

RENASCIDO DAS TREVAS

(The Resurrected, EUA, 1991) Direção: Dan O'Bannon. Com Chris Sarandon, John Terry. 105 min. Mundial.

Fox

O escritor H.P. Lovecraft explora os limites da ciência e as brincadeiras que o ser humano comete em nome da vida e da morte. Aqui, Sarandon é o cientista que atinge a eternidade durante uma mutação provocada por experiências com sangue e restos animais. Esse tipo de relação com a natureza sempre leva à arrogância fatal.

VAMPIROS DE ALMAS

(Invasion of the Body Snatchers, EUA, 1956) Direção: Don Siegel. Com Kevin McCarthy, Dana Winter. 80 min. Herbert Richers.

A cópia lançada aqui é colorizada. Tire a cor de sua TV. Afinal de contas, a fotografia em p&b tra-

Columbia TriStar

duzia à perfeição o terror que a sociedade ocidental experimentava na época com qualquer ameaça (comunista ou alienígena) à ordem estabelecida e à liberdade de escolha. A lobotomização que o ser humano sofre nas mãos dos invasores, neste clássico da ficção, traduz o medo da perda da individualidade.

VIAGENS ALUCINANTES

(Altered States, EUA, 1980) Direção: Ken Russell. Com William Hurt, Blair Brown. 102 min. Warner.

Hurt é um cientista que pesquisa a origem do homem e, servindo de cobaia para sua própria experiência, sofre crescente mutação, regredindo a estados primitivos. Na busca do elo perdido, ele quase mergulha na inexistência.

Você está vendo apenas o trailler de mais um sucesso japonês que a Mizuno acaba de trazer pra você. Sucesso porque um Mizuno é perfeito do design ao incrível sistema transpower, que transforma impacto em impulso, garantindo emoções e vitórias do primeiro ao último capítulo. Experimente um Mizuno e continue quebrando todos os recordes de audiência. Mizuno, numa loja bem perto de você.

QUEBRANDO TODOS OS RECORDES DE AUDIÊNCIA.

Mizuno
O ESPORTE EXIGE.

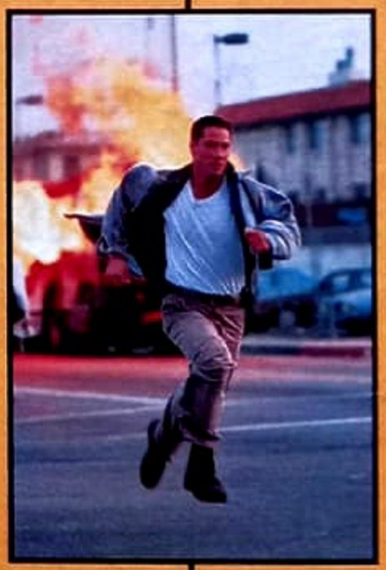
VELOCIDADE MÁXIMA

VICIAD
EM AD

OS RENALINA

Keanu Reeves desponta como o novo herói de ação e trava um duelo com Dennis Hopper no eletrizante *Speed*, ambientado num ônibus – prestes a explodir – em desabalada carreira por Los Angeles

Segure bem o saquinho de pipoca, aperte os cintos, jogue a credibilidade ao vento e prepare-se para vibrar com "v" maiúsculo. *Velocidade Máxima* é cinema pop para ninguém pôr defeito, uma encarnação física da proverbial montanha-russa de emoções. Dirigido por um mestre da fotografia de filmes de ação – o holandês Jan De Bont –, *Velocidade Máxima* vem repleto de algumas das cenas de perigo mais eletrizantes da história recente do cinema, e não se propõe a ser mais do que realmente é: uma máquina de entretenimento bem azeitada e eficientíssima.



Recém-saído da pele do frágil príncipe Sidarta, Keanu Reeves agora é Jack Traven, parrudo e destemido (alguns diriam "junkie de adrenalina") agente da SWAT de Los Angeles às voltas com a mente diabólica e brilhante de Howard Payne (Dennis Hopper), criminoso que quase detonou um elevador transbordando de executivos e que agora promete explodir um ônibus público cheio de pessoas inocentes caso as autoridades não paguem um resgate de quase US$ 4 milhões.

Um ônibus – vazio, exceto pelo motorista – já explodiu, a título de aviso. A bomba que Payne instalou no segundo ônibus – este lotado – explodirá caso a velocidade do veículo caia para menos de 80 quilômetros por hora. O truque, agora, é impedir que o ônibus desacelere abaixo do limite crítico em plena Los Angeles – terra de engarrafamentos-monstro (principalmente, por ironia, nas pretensamente livres *freeways*), desvios determinados por obras de reurbanização que parecem nunca acabar e sinais de trânsito em cada esquina.

Dennis Hopper faz o papel de doidaço que sempre fez tão bem, cuspindo ameaças e palavrões enquanto trava sua batalha intermunicipal com a polícia, via telefone e controle-remoto. Nada de surpreendente. Mas Keanu está perfeito como Jack Traven. Distante anos-luz dos papéis de songamonga gatinho que lhe empurraram (e ele aceitou, não foi?) anos a fio, ele demonstra mais autoridade que em qualquer outro filme seu. E Sandra Bullock por pouco não rouba *Velocidade Máxima* como a passageira que precisa assumir o volante do ônibus depois que o motorista é baleado. É um papel feminino marcante para um filme de um gênero em que as mulheres raramente ascendem acima do posto de meros acessórios do Grande Herói Machão.

Essa, aliás, é a alcunha que vem sendo aplicada a Keanu Reeves desde que *Velocidade Máxima* chegou às telas americanas. Parece improvável, quase esdrúxulo mesmo, se pensarmos nos papéis que ele interpretou até aqui – o etéreo Sidarta de *O Pequeno Buda*, o bobalhão Ted de *Bill & Ted – Uma Aventura Fantástica*, o almofadinha rival do Conde Drácula em *Drácula de Bram Stoker*. É certo que Keanu já havia realizado um "desvio" para o gênero em *Caçadores de Emoção*, mas nenhum argumento é mais forte que *Velocidade Máxima*.

Desde que foi lançado nos Estados Unidos, no início de junho, *Velocidade Máxima* tem colecionado elogios efusivos não apenas ao filme ("*Duro de Matar* dentro de um ônibus", exclamou entusiasmada a *Rolling Stone*), como também ao astro principal ("o novo Mel Gibson", segundo a *Entertainment Weekly*). O público vem respondendo no mesmo tom e já deixou quase US$ 60 milhões na bilheteria até agora, batendo *franchises* tidos como tiro certo (*Um Tira da*

Pesada 3). De saída, garantiu sua colocação entre os cinco maiores sucessos do verão americano de 1994.

O diretor estreante Jan De Bont (ex-colaborador de Paul Verhoeven e diretor de fotografia também de clássicos da ação como *A Caçada ao Outubro Vermelho*, *Máquina Mortífera 3* e *Duro de Matar*) tem uma explicação para o sucesso de Keanu em *Velocidade Máxima*. "Hoje os heróis de ação precisam demonstrar mais vulnerabilidade", diz ele. "Um cara como James Bond, esse tipo de herói, tornou-se tão grande e tão poderoso que perdeu toda a emoção. Você pára de se importar com o que acontece ao personagem."

Apesar do visual nota dez e dos muitos efeitos especiais espetaculares (entre os quais destaca-se o "vôo" do ônibus ameaçado, a quase 100 quilômetros por hora, sobre o vão de um elevado em construção) e contrário à máxima que rege a cartilha de megaprodutores de ação como Joel "Explode Essa Bodega Toda de Uma Vez" Silver, *Velocidade Máxima* não é um filme caro. O que alegra o diretor e confirma suas convicções.

"Quando saiu *O Exterminador do Futuro 2*", diz ele, "todo mundo pensou que os filmes de ação precisavam custar US$ 100 milhões para fazer sucesso, por causa dos custos ditados pelos efeitos especiais. Mas acho que *Velocidade Máxima* prova de uma

A Alegria dos Funileiros

Quem adorou Velocidade Máxima *foram as oficinas de funilaria. Depois de concluídas as filmagens, o filme de Jan De Bont deixou 200 carros totalmente destruídos. "Não sei se é um recorde mundial de veículos destruídos", diz o diretor, "mas não me lembro de nenhum outro filme que tenha mostrado tantos acidentes."*

Boa parte dos US$ 35 milhões do filme foi gasta nas seqüências que mostram o ônibus desgovernado causando destruição nas rodovias de Los Angeles. Só para a cena do ônibus avançando rumo a um engarrafamento a produção teve que alugar 500 carros para lotar a rodovia – que estava ainda em vias de ser inaugurada. "Foi muito trabalho", diz De Bont, "mas valeu a pena. Speed não parece um filme de US$ 35 milhões, mas sim de US$ 100 milhões".

No total, a produção usou cerca de 700 carros durante as filmagens. O ônibus em que Keanu Reeves e Sandra Bullock passam a maior parte do filme não era um só, mas onze. "À medida que ele ia sendo destruído, nós o substituíamos", diz o diretor. A utilização de tantos ônibus acabou gerando um grosseiro erro de continuidade: um dos ônibus tem uma placa do lado esquerdo, com um desenho de uma zebra. Às vezes a placa misteriosamente "some" do ônibus e reaparece momentos depois. "Nem percebi", diz De Bont. "Também, tinha tanta coisa em que pensar."

A equipe técnica teve que construir um ônibus especial para as filmagens, com um volante falso que era dirigido por Sandra Bullock, enquanto alguns metros à frente um dublê guiava o ônibus. Entre Sandra e o dublê, num espaço de dois metros, Jan De Bont instalou quatro câmeras que, filmando Sandra de frente, davam a impressão de que era ela quem estava dirigindo o ônibus. "As curvas que o ônibus faz com Sandra ao volante são verdadeiras", garante De Bont. "Foi desesperador", resume a atriz.

A.B.

Três momentos de perigo: acima, Keanu Reeves e Sandra Bullock tentam controlar o ônibus em que foi "plantada" uma bomba; ao lado, o agente tenta salvar seu parceiro (Jeff Daniels) das garras do maníaco interpretado por Dennis Hopper; à direita, o herói enfrenta ameaças de ordem passional

vez por todas que uma boa história e bons personagens são tudo de que você precisa para fazer um bom filme de ação".

"Este filme custou cerca de US$ 30 milhões", prossegue Jan, "somente uma fração do que custam os filmes considerados 'grandes', e tem chances de fazer quase tanto sucesso quanto eles, o que mostra como tudo é relativo. O necessário é voltar a se preocupar com o básico: um bom script e um bom elenco".

De Bont teve bons motivos para ambientar sua história na maior cidade do Sul da Califórnia. "Eu queria que fosse uma viagem sem fim por Los Angeles, na qual se fizessem coisas que são impossíveis de se fazer em Los Angeles", ele explica. "Como andar no transporte público a mais de 75 quilômetros por hora numa *freeway*."

Ironicamente (ou profeticamente), ao criar a cena climática do filme – um vagão de metrô emergindo do subsolo da Hollywood Boulevard, bem defronte ao Mann's Chinese Theatre –, Jan se antecipou à prefeitura numa obra que mudará os contornos do transporte público por essas plagas. "Agora estão construindo um metrô no mesmo local onde filmamos. Parece que nos adiantamos um pouco a eles."

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

SET

ENTREVISTA • KEANU REEVES

O NOVO GRANDE HERÓI

Você está sendo chamado na imprensa de "o novo herói dos filmes de ação". Esse título o agrada?

Acho que essa categorização vem a reboque de *Velocidade Máxima* – afinal, é um filme de ação. Mas não tenho ambição alguma de ser um "herói de filmes de ação", de repetir esse tipo de trabalho. Foi um barato ter feito este filme, mas não sei precisar bem o que está no futuro.

O que me interessou em *Speed* foi o título (*risos*) e, mais tarde, à medida que eu lia o roteiro, as situações que iam ocorrendo – a palavra que mais uso para descrever essas situações é "fantástica". E eu não trabalhava já fazia oito meses quando me procuraram para esse projeto.

Houve quem se espantasse ao saber que você estrelaria um filme de ação, por acreditar que você não seria uma escolha óbvia para o papel. Você chegou a questionar sua capacidade de fazer esse tipo de papel?

Acho que bem no comecinho eu precisei encontrar as respostas para questões relativas ao aspecto físico do papel. E perguntava a mim mesmo sobre quem era, afinal, esse personagem, Jack Traven, e que tipo de filme estávamos tentando fazer. Lembro de uma reunião com Jan De Bont em que ele me disse que Jack deveria aparentar bastante força. Daí eu me preparei fisicamente para o papel, me exercitando.

Uma coisa que pouca gente sabe a seu respeito é que você foi enteado de Paul Aaron (*diretor de* A Different Story, *um dos primeiros filmes de Hollywood com temática gay, e co-produtor de* Bill & Ted – Dois Loucos no Tempo). Ele influenciou sua vida artística de alguma forma?

Sim, claro. Quando eu tinha uns dezessete anos, Paul estava fazendo uma peça com Claudette Colbert, e eu ia assistir aos ensaios. Antes ele havia trabalhado num lugar em Filadélfia chamado Rose Valley, e durante todo um verão eu trabalhei no mesmo teatro com uma senhora chamada Dolores, que era amiga dos atores que faziam parte da trupe Provincetown Players de Eugene O'Neill. Essas foram minhas primeiras aulas de artes dramáticas.

Muitos não o consideram preparado para papéis sérios ou dramáticos. No entanto, você está prestes a fazer *Hamlet* no teatro, em Winnipeg (Canadá). Você se preocupa com os ataques que talvez receba por causa dessa escolha?

Faz parte. A crítica é válida. Mas eu adoro a peça e adoro o papel. Não me importo com o que a crítica venha a dizer, seja contra ou a favor.

Sua geração e a que vem logo depois ganharam os apelidos de "Geração X" e "Geração preguiçosa". Você se sente confortável sendo incluído nessas categorias?

Esse negócio (*risos*) de Geração X surgiu de um livro escrito por um canadense. Sei lá, não sei o que dizer.

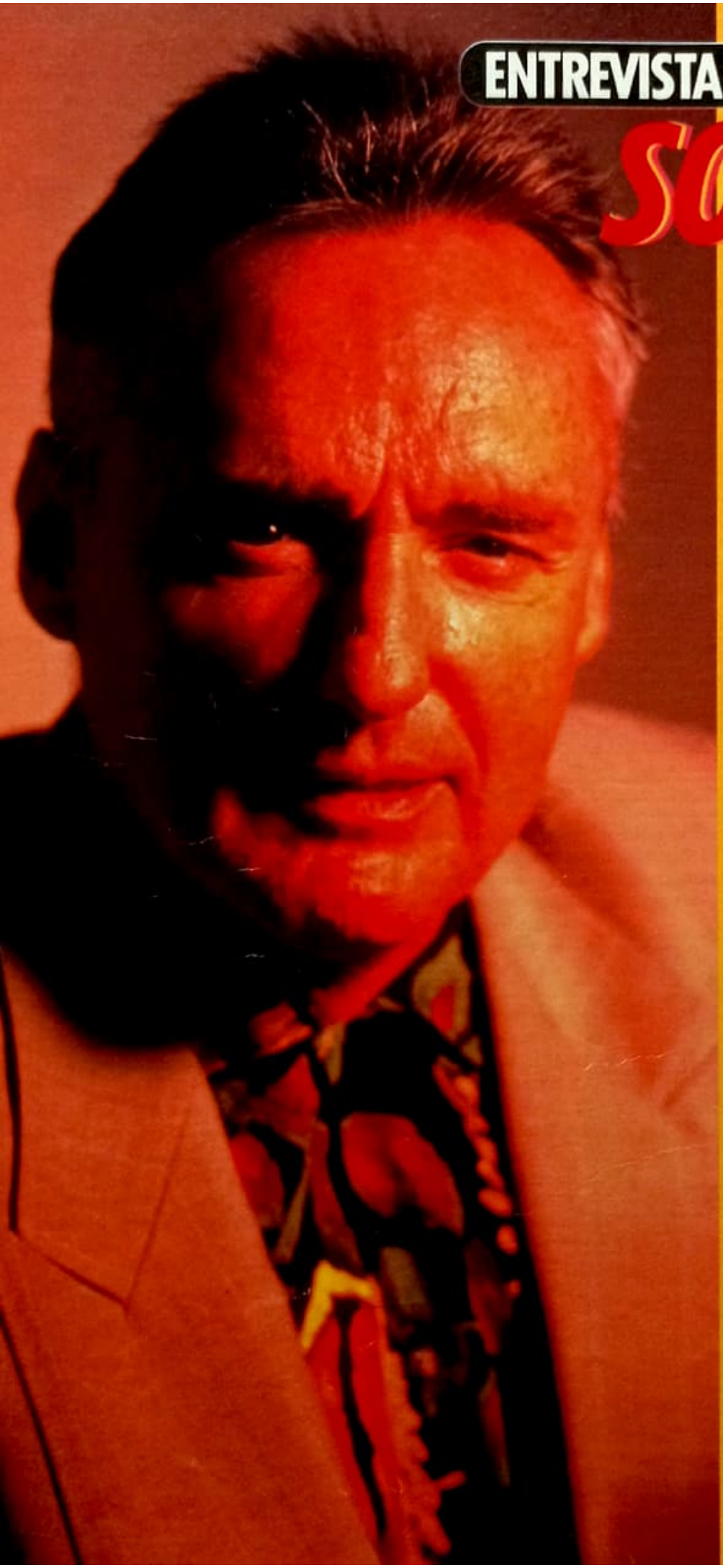
Você se enxerga nos filmes que são considerados para a chamada Geração X, como *Reality Bites*?

Não sei. Pelo menos no que diz respeito a filmes *mainstream*, acho que a maioria dos meus amigos tem vidas muito mais interessantes do que você vê no cinema.

Que rumo você gostaria que sua carreira tomasse agora? Quais são seus próximos trabalhos?

Estou no meio da preparação para *A Walk in the Clouds*, que será dirigido por Alfonso Arau – o mesmo que fez *Como Água para Chocolate*. É um *remake* de um filme italiano, um romance passado na Segunda Guerra. Meus empresários vêm recebendo alguns scripts e estamos dando uma olhada neles. Possivelmente terei a oportunidade de trabalhar em filmes interessantes, divertidos, *mainstream*.

J.E.R.



ENTREVISTA • DENNIS HOPPER

SÓBRIO E

Todo filme de ação que se preze tem que ter um vilão genial. E não dá para pensar em alguém mais indicado para interpretar o bandido odioso de *Velocidade Máxima* do que Dennis Hopper. Em quase quarenta anos de carreira (um de seus primeiros filmes foi *Rebelde Sem Causa*, com James Dean, em 1955), o ator sempre interpretou dementes e *outsiders*.

Foi Hopper quem deu vida a personagens tão genialmente insanos quanto o fotógrafo de *Apocalypse Now* e o assassino de *Veludo Azul*. Ele é também um diretor de renome, criador de filmes alternativos como o clássico psicodélico *Sem Destino* e o maravilhoso *The Last Movie*.

Depois de uma fase negra na década de 70, quando se entregou às drogas e ao álcool, Dennis Hopper voltou com destaque em *Veludo Azul*, de David Lynch, e no mesmo ano foi indicado ao Oscar de melhor ator coadjuvante por *Hoosiers*.

Hoje, aos 58 anos, Hopper vive um status de mito, reverenciado igualmente por cineastas independentes e novatos (Quentin Tarantino) quanto por medalhões da indústria (Tony Scott, por exemplo). Embora mantenha seu espírito rebelde e muitas vezes recuse trabalhar em filmes que considera ruins, Hopper se vê obrigado de vez em quando a pegar um papel em bombas como *Super Mario Bros.*

Hopper recebeu a SET para um papo sobre sua carreira marcada por altos, baixos e muitas contradições.

Você às vezes se assusta com alguns dos personagens que interpretou no cinema?

Não. Desde pequeno me interesso por personagens bizarros. Dos 13 aos 18 anos trabalhei em San Francisco, fazendo peças de Shakespeare. Nas peças de Shakespeare há grandes personagens, mas são todos loucos. Hamlet era um insano, Macbeth, um assassino, e o rei Lear, este era o mais maluco de todos. As maiores peças de Shakespeare têm grandes vilões e pessoas malucas, e foram esses papéis que me inspiraram a me tornar um ator. Não acho que interpretar um vilão seja ruim. Para isso é necessário que o ator seja uma pessoa demente e alucinada, como eu! (*risos*)

Como foi trabalhar em *Velocidade Máxima*?

TRABALHANDO

Foi ótimo. É muito bom trabalhar num filme que você sabe que vai ser um hit. *Speed* é como uma montanha-russa, emoção atrás de emoção. O elenco é formidável. Keanu está maravilhoso, e também Sandra Bullock e Jeff Daniels. Foi bom também para aprender alguns truques de câmera com Jan De Bont. Trabalho há quarenta anos em cinema, mas mesmo assim fiquei impressionado com a técnica de utilização simultânea de cinco, seis câmeras.

Quando você está apenas atuando num filme, tem vontade de às vezes dar alguns palpites na direção?

Não. Quando trabalho como ator, não me interesso em dirigir. E, quando dirijo, não aceito que digam como devo agir. Acho que todo ator deveria dirigir ou produzir pelo menos um filme, para ver como é difícil.

Muitos veteranos reclamam que a qualidade dos filmes vem caindo de década para década. O que você acha da indústria cinematográfica hoje?

É um mercado muito mais competitivo e cruel do que quando eu comecei. Você trabalha feito um cachorro para fazer um filme e, se ele não render milhões de dólares num final de semana, a distribuidora o tira de cartaz. Me chateia também que não haja mercado para filmes independentes. Nos EUA não há mais cinemas de arte, que nos anos 70 exibiam filmes independentes e produções estrangeiras. Hoje as grandes distribuidoras controlam a indústria. Elas controlam os cinemas e decidem que filme vai ser exibido onde. Acho que isso é monopólio, e o Congresso deveria investigar.

Existe também o problema da supervalorização de salários e orçamentos. Uma superprodução como *O Poderoso Chefão*, por exemplo, nunca poderia ter sido feita hoje. Só os salários de Marlon Brando, Pacino, James Caan, Robert Duvall e outros já dariam uns US$ 50 milhões.

É um problema sério. Os cineastas têm que usar a criatividade para fazer filmes mais baratos. Acabei de rodar o filme de estréia de um diretor chamado David Salle. Ele chegou para mim com um roteiro muito bom e perguntou se eu não toparia trabalhar ganhando pela tabela do sindicato. Achei o projeto tão interessante que topei. Depois ele fez o mesmo com Christopher Walken, Griffin Dunne, Rosanna Arquette e Ethan Hawke e conseguiu rodar um filme com um elenco ótimo, por menos de US$ 1 milhão

Você acha então que as novas gerações de cinéfilos estão em desvantagem em relação às antigas gerações, que tiveram contato com filmes melhores?

Sim. Hoje é difícil ir ao cinema assistir a um filme de Truffaut, De Sica, Bergman ou Buñuel.

Qual é seu papel mais memorável?

Tive a sorte de fazer grandes filmes. *Speed* é um ótimo filme, mas com certeza não é uma de minhas melhores performances. Há filmes que transcendem a experiência da filmagem e se tornam experiências de vida. *Apocalypse Now*, por exemplo, só agora foi aceito como um grande filme, mas na época foi muito criticado. Fazer aquele filme foi uma batalha. Coppola e o elenco se juntaram como se fosse uma guerra. *Sem Destino*, o primeiro filme que dirigi, foi outro grande momento de minha vida. Teve também *The Last Movie*, filmado no Peru, que foi um grande sucesso de crítica mas que acabou com minha carreira por quase dez anos. Com esse filme eu ganhei o Festival de Veneza e, apesar disso, nunca consegui distribuição para ele nos EUA. Vivi aventuras incríveis e experiências artísticas variadas, repletas de altos e baixos.

***Veludo Azul* foi meio uma volta para você, não?**

Sim. Naquele ano (1986) eu atuei em três filmes seguidos: *River's Edge*, *Veludo Azul* e *Hoosiers*, que me rendeu até uma indicação ao Oscar. Foi uma bênção para mim. Eu estava saindo de uma crise de álcool e drogas e fiz os três filmes sem intervalo. Eles literalmente salvaram minha vida. *Veludo Azul* foi um ótimo filme e me ajudou demais a recuperar o prestígio que havia perdido. Acho David Lynch muito talentoso. Ele andou numa fase ruim agora, mas espero que volte com tudo.

Assim como Lynch, você nunca foi muito de jogar o jogo da indústria, não?

É verdade. Nos EUA, se usam atores e pessoas criativas como carros: você compra, usa por três anos e depois arranja outro mais novo. Aqui você só é bom se seu último filme rendeu tantos milhões. É uma profissão cruel essa de ator. Você não tem renda fixa e pode passar anos sem conseguir um trabalho que preste.

Como está a situação hoje dentro da indústria? Você está numa posição confortável?

Não, de jeito nenhum. Hoje não posso escolher os papéis que quero fazer. Estou tentando há doze anos arrumar dinheiro para fazer um filme sobre mendigos e não consigo financiamento. Não estou satisfeito mas continuo a trabalhar, porque amo meu trabalho e acho que sou muito bom no que faço.

Você pensou em desistir do cinema durante sua fase de abuso de drogas?

Na verdade, eu não conseguia pensar em nada! (*risos*). Estou livre do álcool e das drogas há doze anos, é inacreditável que eu esteja vivo. Vários amigos meus estão mortos. Muitos morreram nos anos 60, outros se perderam nos 70. Agora estou numa idade em que muitos amigos estão morrendo de câncer na próstata e ataques do coração (*risos*). Graças a Deus estou sóbrio e trabalhando.

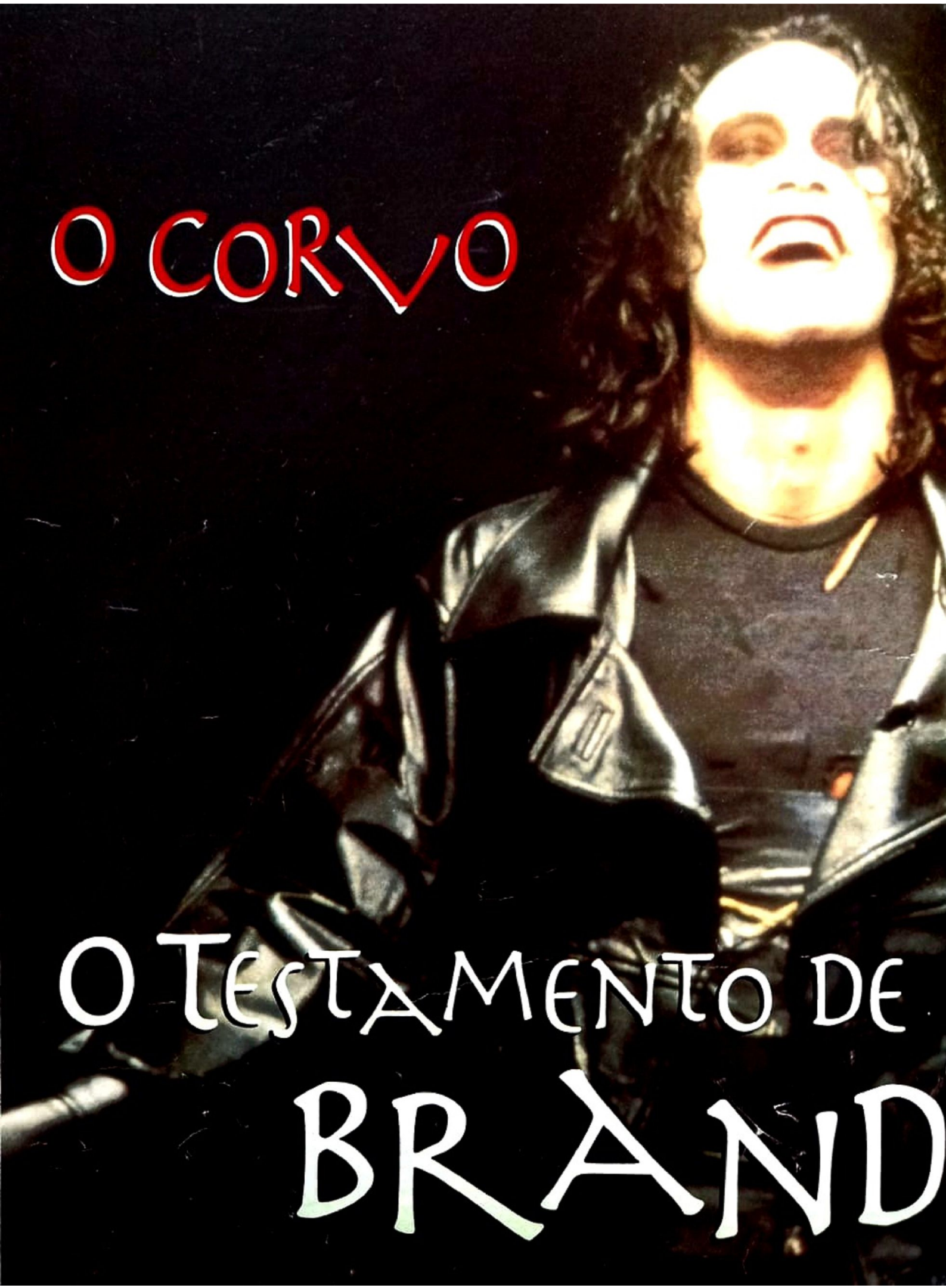
Há alguns meses entrevistei Joe Pesci e ele contou que joga golfe com você e Jack Nicholson. O que vocês conversam durante esses jogos?

Eles geralmente ficam falando de como são bons em golfe! (*risos*) Joe é um ótimo golfista e os dois são ótimos contadores de piadas. Eu tento me concentrar no jogo, mas eles estão sempre fazendo alguma sacanagem e tentando tirar minha concentração. Infelizmente, não temos tido muito tempo para jogar ultimamente. A última vez que joguei com Joe foi durante um dia de folga no Festival de Veneza.

Para terminar, gostaria de saber como é que você se meteu em *Super Mario Bros.*

Para não morrer de fome! (*risos*) Pelo menos meu filho de três anos adorou! (*risos*) Ele me disse: "Papai, esse filme é muito bom, mas você faz um lagarto muito malvado! Por que você faz esses caras malvados, papai?" Respondi: "Para te comprar sapatos, ora!" Daí ele disse: "Mas papai, eu não preciso tanto assim de sapatos!"

André Barcinski, de Nova York


O CORVO
O TESTAMENTO DE
BRAND

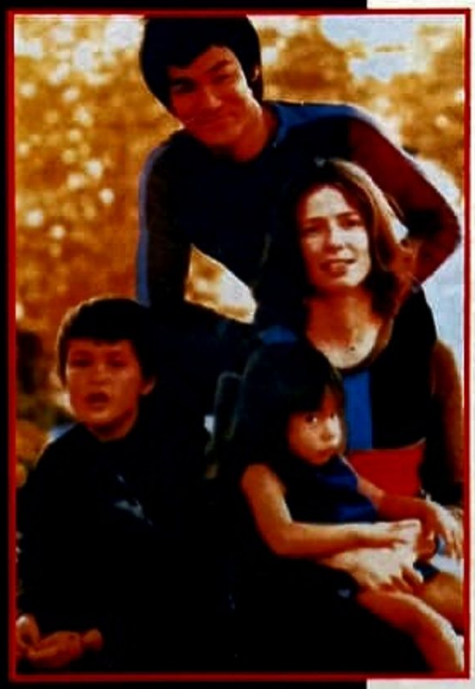
A Imagem do Ator, Morto Durante as Filmagens de THE CROW, Ironicamente Sobrevive no Personagem que Volta das Trevas Para Destruir seus Assassinos

ON LEE

POR ANDRÉ BARCINSKI, DE NOVA YORK

Há pouco mais de um ano, os jornais americanos anunciaram em manchetes garrafais a trágica morte do ator Brandon Lee – filho de Bruce Lee –, ocorrida durante as filmagens de *O Corvo*, filme adaptado da história em quadrinhos de James O'Barr. Brandon, de 28 anos, morreu em 31 de março de 1993, após ser atingido por um projétil deixado por acidente dentro de uma arma que só deveria conter balas de festim. Hoje, depois de meses de filmagem sem contar com seu ator principal, *O Corvo* finalmente chega aos cinemas de todo o mundo.

As circunstâncias misteriosas da morte de Brandon fizeram até os mais céticos acreditar que algum tipo de "maldição" havia sido rogada contra a família de Lee. Em *O Corvo*, Brandon interpretava Eric Draven, um roqueiro assassinado por uma gangue de bandidos às vésperas de seu casamento e que voltava das trevas para se vingar. Na vida real, Brandon morreu duas semanas antes de seu casamento com sua namorada de vários anos, Eliza. O pai de Brandon, Bruce Lee, morreu em 1973, em circunstâncias mal explicadas (ainda hoje se fala em overdose de drogas) durante as filmagens de *Jogo da Morte* (lançado em 1979), em que interpretava um ator que – pasmem – levava um tiro durante uma filmagem. Os dois filmes – *O Corvo* e *Jogo da Morte* – tiveram que ser completados vários meses depois das mortes dos Lee, usando dublês.



Antes das tragedias: o mestre Bruce Lee com a mulher, Linda, e os filhos Brandon (à esq.) e Shannon

"Foi um paraíso para os tablóides", diz David Schow, roteirista de *O Corvo*, referindo-se aos jornais sensacionalistas americanos que usaram as coincidências terríveis das mortes dos dois Lee para faturar com manchetes apelativas. "A Maldição da Família Lee" encheu as páginas de jornais e revistas por meses. A produção de *O Corvo* foi considerada "amaldiçoada", por causa de dois outros acidentes ocorridos antes da morte de Brandon: o primeiro envolveu um eletricista, que quase morreu ao segurar um fio desencapado; no segundo a vítima foi o próprio cenário do filme, destruído por um furacão. "Os cenários de *Na Roda da Fortuna* também foram destruídos por aquele furacão", diz Schow. "Mas ninguém acusou aquele filme de estar amaldiçoado. A imprensa juntou três acidentes e transformou um genuíno exemplo de falta de sorte em uma praga ou maldição."

O CORVO

Logo após o acidente com Brandon Lee, o diretor australiano Alex Proyas decretou o cancelamento do projeto. "Ninguém poderia suportar a idéia de terminar o filme sem Brandon", diz Schow. Alguns membros do elenco, no entanto, convenceram a equipe de produção a terminar o filme, com o argumento de que *O Corvo* seria uma homenagem a Brandon. "Ele amava o projeto e dizia para todo mundo que era o melhor filme que já havia feito", afirma Schow. "Não seria muito justo deixar *Rajada de Fogo* como o último testemunho de seu talento."

O retorno às filmagens e a finalização de *O Corvo* sem a presença de seu ator principal constituem um dos episódios mais interessantes da história recente do cinema americano. Foi uma experiência sofrida para todos os membros da equipe, que exigiu dedicação fora do normal, sangue frio e uma overdose de criatividade de Schow para conseguir reescrever partes do roteiro.

Havia também os problemas financeiros. A Paramount, distribuidora do filme, pulou fora, com medo da repercussão negativa na imprensa. Os produtores de *O Corvo* levaram semanas para encontrar outra distribuidora – no caso a Miramax – com coragem para bancar um projeto que muitos queriam ver sepultado. Também fizeram um acordo financeiro (de quantia não revelada) com a mãe de Brandon, Linda. Dois meses depois do acidente, equipe técnica e elenco retornaram ao set de filmagens, na Carolina do Norte, para terminar o filme. "Foi uma experiência devastadora voltar para aquele lugar", diz Schow, referindo-se ao cenário onde ocorreu a morte de Brandon.

Usando computação gráfica e dublês, o diretor Alex Proyas conseguiu terminar o filme. Schow garante que Brandon já havia filmado 95% de suas cenas. O roteiro teve que ser modificado para suprir a ausência de algumas cenas que só poderiam ser feitas com o ator. "No geral, o filme saiu bem próximo do que eu planejava", diz o roteirista. "Tive que modificar pequenas coisas, trocar cenas de lugar e adaptar alguns diálogos para que os atores pudessem gravar cenas em que estivessem contracenando com Brandon, sem a presença física dele." Essa parte, segundo Schow, foi uma das mais difíceis. Em algumas cenas de diálogos, os atores conversavam com um dublê que fingia ser Brandon. Essa cena era depois modificada através de computação gráfica, "inserindo-se" o rosto de Brandon no corpo do dublê.

No final de 1993, *O Corvo* ficou pronto. Assim que viu a primeira versão do filme, a Miramax soube que tinha uma mina de ouro nas mãos. Além de toda a publicidade – do tipo "falem mal, mas falem de mim" – que o acidente com Brandon trouxe, *O Corvo* era um filme de horror acima da média, com efeitos visuais de primeira e um clima apocalíptico *à la Blade Runner*. A Miramax marcou a data de estréia para um dia fatídico – sexta-feira, 13 de maio.

Como esperado, o público fez fila para assistir ao último filme de Brandon. Em quatro semanas, *O Corvo* rendeu cerca de US$ 50 milhões – quase três vezes seu custo –, e a Miramax já fala em relançar o filme no Halloween. Além disso, o filme criou uma espécie de culto ao nome de Brandon, com adolescentes alucinados comprando camisetas, pôsteres, buttons e tudo que diga respeito ao personagem. A trilha sonora do filme está vendendo os tubos. Brandon Lee vive, pelo menos na bilheteria.

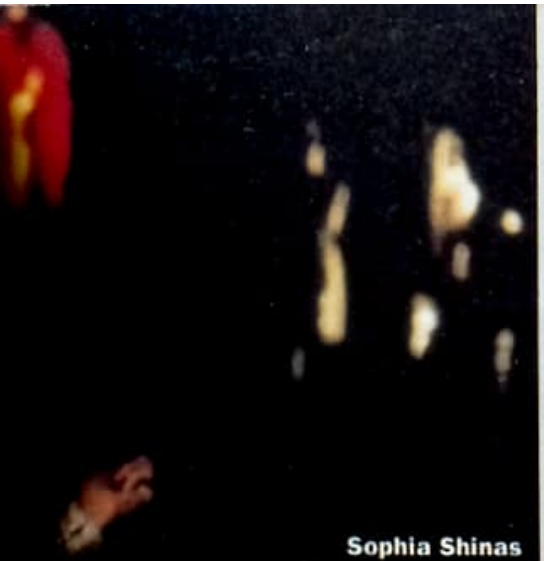
Trilha Segue Clima Soturno

Há dois motivos para explicar o sucesso desta trilha – que entrou logo de cara em primeiro lugar na parada americana. O primeiro é que há dentro de nós um incontrolável gosto por assuntos relativos à morte, o mesmo que fez o Nirvana vender milhares de discos depois que Kurt Cobain se matou. O Corvo é mais conhecido pela morte acidental de Brandon Lee, o ator principal do filme, que por seus méritos artísticos.

O outro motivo é a qualidade da trilha, fiel ao clima de suspense gótico. Um dos melhores exemplos é a faixa de abertura, "Burn", a cargo de The Cure. Há dor e desespero na voz de Robert Smith, e a música é toda recortada por ruídos estranhos. Não menos esquisita é a releitura de "Dead Souls", do Joy Division (cujo vocalista se suicidou após assistir Stroszek, *de Werner Herzog), a cargo do Nine Inch Nails: grooves sombrios de baixo contrastam com a melancolia da batida eletrônica e as guitarras apitando em vários cantos de seu aparelho de som.*

Os outros artistas tornam O Corvo ainda mais pesado e soturno: há o barulho monocórdio do Helmet em "Milktoast", os gritos alucinados de Henry Rollins e Phil Anselmo (Pantera) em "Ghostrider" e "The Badge", respectivamente. E o peso politicamente correto do Rage Against the Machine na pesadíssima "Darkness", além do rockão FM do Stone Temple Pilots com "Big Empty". Apesar da qualidade sonora, evite ouvir o CD sem estar devidamente acompanhado.

Sérgio Martins



Sophia Shinas interpreta Shelly, a noiva do roqueiro Eric Draven, que é assassinada junto com ele em *O Corvo*

Visual Deslumbrante

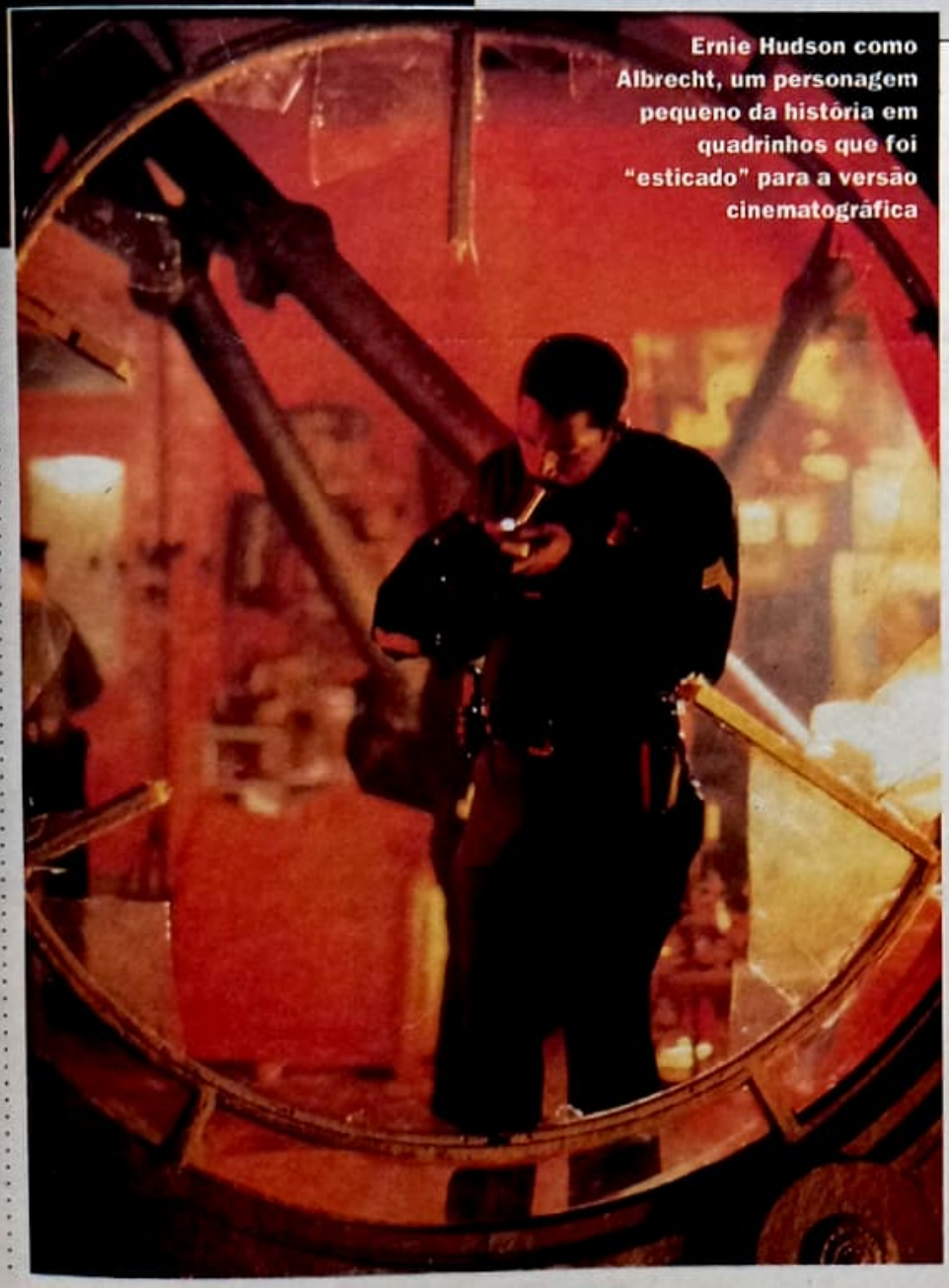
O Corvo é um filme de horror que vale mais pelo visual que pela história. Os personagens são banais e a história é simples, não fugindo do clichê homem-morto-injustamente-volta-do-além-para-detonar-assassinos. Eric Draven (Lee) e sua namorada são mortos por um punhado de bandidos caricatos. Eric, liderado pelo espírito de um corvo, volta da sepultura e bota pra quebrar, matando todos os malvados.

Em nenhum momento fica explícito por que Eric volta das trevas, e o roteiro não diz se ele era ligado em magia ou coisa do tipo. Partindo do princípio simplista de que todo morto pode retornar do sono profundo, a qualquer momento poderíamos ver Grande Otelo ou Zacharias dando uns giros pela cidade.

Esqueça a excessiva simplicidade do roteiro e se concentre no visual do filme, que é de primeira. Os cenários (todos feitos em maquetes) lembram filmes expressionistas alemães dos anos 20 e 30. A fotografia é caprichada e algumas cenas, como as filmagens em câmera lenta do corvo voando pela cidade, são verdadeiramente deslumbrantes.

A história em quadrinhos O Corvo *privilegiava o aspecto psicológico dos personagens, sem se importar muito com a estrutura da narrativa. Talvez por isso a história não engrene como deveria e o filme pareça um pouco murcho em termos de cenas de ação. Mesmo assim, merece uma conferida.*

The Crow, EUA, 1993 ■ DIREÇÃO: Alex Proyas ■ ROTEIRO: David J. Schow, John Shirley ■ FOTOGRAFIA: Dariusz Wolski ■ MÚSICA: Graeme Revell ■ FIGURINO: Arianne Phillips ■ Com Brandon Lee, Ernie Hudson, Michael Wincott, David Patrick Kelly ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner ■ DURAÇÃO: 100 min.



Ernie Hudson como Albrecht, um personagem pequeno da história em quadrinhos que foi "esticado" para a versão cinematográfica

As Principais Modificações

ATENÇÃO LEITOR: não leia este texto antes de ver o filme. Aqui estão algumas das modificações que o roteirista David Schow teve que fazer para contornar a ausência do ator principal.

1 A primeira cena, mostrando a polícia na casa de Eric e Shelly logo após seus assassinatos, era na verdade para ser um *flashback*, mostrado quando Eric volta da tumba e começa a se lembrar do passado. Originalmente, a primeira cena do filme deveria ser a que mostra a menina Sarah andando pelo cemitério e depositando flores nas sepulturas de Eric e Shelly.

2 Um dublê foi usado em várias ocasiões – como na cena em que Eric corre pelos telhados da cidade atrás de um dos bandidos.

3 O diretor teve que recorrer à computação gráfica para fazer algumas cenas. Quando Eric, após voltar da tumba, vai até seu antigo apartamento, ele dá um soco num espelho. Logo depois há um close de seu rosto, já com a cara pintada com a maquiagem do Corvo. Essa cena foi toda realizada através de computação gráfica. Primeiro, a cena foi filmada com um dublê. Depois, através da mesma técnica usada em *Jurassic Park*, a cara do dublê é "apagada" e o rosto de Brandon é "inserido" no corpo do dublê. A mesma técnica foi empregada em outra cena importante – aquela em que Eric chega em casa e vê sua namorada sendo violentada pela gangue.

A RAINHA MARGOT

Guerra político-religiosa no século 16 é o tema do filme francês mais caro de todos os tempos

A Rainha Margot é ambicioso (dramatiza a violência político-religiosa durante o século 16 na França, um período marcante da história do país, utilizando um elenco salpicado de superestrelas européias) e bem longo (164 minutos). É, também, o filme mais caro de todos os tempos no cinema francês (teve um orçamento de US$ 21 milhões, preço médio de um filme americano, mas uma fábula em termos europeus). Nem por isso é simplesmente um "evento", um penoso e entediante "trabalho sério" ou um "marco": é um fascinante filme de intriga e amor proibido que deixa o público colado na cadeira, de olho na tela, do começo ao fim.

Dirigido por Patrice Chéreau, um mestre da ópera e do teatro franceses, *A Rainha Margot* pode ser um filme de época, mas essa adaptação do romance homônimo de Alexandre Dumas opera com a mesma estrutura ágil de um thriller político americano contemporâneo – o que só ajuda o filme francês a transpor a eterna impermeabilidade dos Estados Unidos e ganhar mais terreno ainda no resto do mundo. Os muitos paralelos que podem ser traçados com crises religiosas e étnicas na Europa enfatizam esse caráter atual de *A Rainha Margot*, mostrando como, quanto mais o tempo passa, mais a humanidade permanece a mesma.

Isabelle Adjani é a rainha Marguerite de Valois, irmã mais moça do rei Charles IX (Jean-Hughes Anglade). Para diminuir a tensão entre o trono católico e a insurgência de súditos protestantes, Marguerite é obrigada pela mãe, Catherine de Medicis (Virna Lisi), a casar-se com o líder protestante da nação, o duque Henri de Navarre (Daniel Auteuil).

O casamento, no entanto, é fadado ao fracasso: o que a manipuladora Catherine deseja mesmo é a ascensão ao trono de seu filho favorito, Henry Duc D'Anjou (Pascal Gregory), custe o que custar, inclusive (e principalmente) a vida de todos os que se opõem a um jugo católico. Margot – como é chamada pelos irmãos, pelo menos um dos quais também é seu amante – preza sua liberdade acima de tudo e, ironicamente, apaixona-se por outro protestante, o carola/guerreiro La Môle (Vincent Perez); e Charles IX, após sobreviver a um acidente de caça, torna-se aliado de Navarre só para sucumbir a uma armadilha montada por Catherine para dar fim ao líder protestante.

Isabelle Adjani ilumina a tela como Margot e conquista o coração de Auteuil

Um dos trunfos do filme – além da direção – é o elenco com mais atores que estrelas. Adjani não vai muito além de iluminar a tela com seu carisma de *movie star*, mas Anglade e Virna Lisi roubam o filme com um xadrez intrincadíssimo que contrapõe mãe e filho numa guerra político-religiosa. Mais que merecedora do prêmio de melhor atriz recebido em Cannes, Virna é uma das melhores vilãs do ano.

José Emilio Rondeau

La Reine Margot, França/Alemanha/Itália, 1994 ■ DIREÇÃO: Patrice Chéreau ■ ROTEIRO: Daniele Thompson, Patrice Chéreau ■ FOTOGRAFIA: Philippe Rousselot ■ MÚSICA: Goran Bregovic ■ FIGURINOS: Moidele Bikel ■ Com Isabelle Adjani, Daniel Auteuil, Jean-Hughes Anglade, Vincent Perez, Virna Lisi, Dominique Blanc, Pascal Greggory, Miguel Bose ■ DISTRIBUIÇÃO: Lumiere ■ DURAÇÃO: 164 min.

O SOMBRA

Série de rádio perde impacto na versão para o cinema e põe em risco a carreira de Alec Baldwin

Tinha tudo para dar certo: Hollywood decide utilizar recursos visuais dos anos 90 para filmar um clássico do rádio e dos livros juvenis que conquistou gerações sucessivas durante quase seis décadas ("público garantido!", atestariam os que apostassem em "reconhecimento instantâneo da marca"). Para completar, gasta US$ 40 milhões, encomenda uma equipe técnica de respeito e renome (como o designer Joseph C. Nemec III, o mesmo que fez os cenários de *O Exterminador do Futuro 2* e *Jurassic Park*) e um elenco nada desprezível – Alec Baldwin é o personagem-título, enquanto John Lone (*O Último Imperador* e *M. Butterfly*) interpreta Shiwan Khan, o vilão com poderes mentais idênticos aos do herói, determinado a arrasar Nova York com uma bomba atômica.

Por último, a distribuidora coalha os Estados Unidos com uma campanha de marketing farta, usando como mote um dos bordões mais martelados da história da cultura pop ("Quem sabe o mal que se esconde no coração dos homens? O Sombra sabe").

Mas o que está na tela é uma comédia de erros que só não é 100% cômica porque é trágica – e quase insuportável de assistir.

O script primário de David Koepp dá a Alec Baldwin algumas das falas mais debilóides e involuntariamente cômicas da carreira do ator, que passa o primeiro quarto de *O Sombra* metido numa peruca que parece emprestada do Teatrinho Troll. Devia estar no mesmo armário em que acharam os pêlos faciais que John Lone usa no filme, como parte da caracterização unidimensional de seu Khan (logo Lone, que já fora um vilão memorável em *O Ano do Dragão*).

Sem o conceito visionário de *Batman* e mais cartunesco que *Dick Tracy*, *O Sombra* nunca encontra seu tom – por vezes parece querer ser mais afetado do que deveria se permitir. Como astro de filmes de ação e fantasia, ainda não foi desta vez que Baldwin encontrou o papel ou o roteiro ideais: ao invés de emoções, ele proporciona gargalhadas. Enquanto é Lamont Cranston – o alter ego e identidade secreta do Sombra – Alec até que é digerível: não foge muito ao padrão "bonitão-de-biquinho" que fez sua fama. Mas como Sombra ele tem contra si uma maquiagem que deixa expostos apenas os olhos – no escuro, geralmente –, tão inexpressivos que poderia ser ali qualquer pessoa no lugar dele, e não faria a menor diferença.

Alec demonstra claramente que não é um ator, mas apenas um astro do cinema – e um astro que vem perdendo brilho e prestígio nos últimos anos, uma vez que não estrela um sucesso desde que rodou a baiana após *A Caçada ao Outubro Vermelho* e trocou o trabalho por acessos de estrelismo.

Pelo que se vê em *O Sombra*, essa fase ruim ainda pode perdurar por mais alguns anos.

J.E.R.

The Shadow, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Russell Mulcahy ■ ROTEIRO: David Koepp ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Joseph C. Nemec III ■ FOTOGRAFIA: Stephen H. Burum ■ FIGURINOS: Bob Ringwood ■ Com Alec Baldwin, John Lone, Penelope Ann Miller, Peter Boyle, sir Ian McKellen, Tim Curry ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 112 min.

Alec Baldwin (abaixo, com Penelope) não convence como o Sombra e confirma sua fase instável no cinema

A MULHER DOS MEUS SONHOS

Filho de Elia Kazan estréia na direção com thriller monótono e sem surpresas

Se você assistir a *A Mulher dos Meus Sonhos*, estréia de Nicholas Kazan (filho de Elia), sem saber do que se trata, vai se surpreender. Começa como um desses monótonos exercícios de "cinema cabeça" mostrando o romance entre um homem rico, gentil e recém-divorciado (Spader) e uma linda jovem (Amick, de *Twin Peaks*), que sofre dos tradicionais traumas de infância comuns em filmes desse tipo. Depois de uns cinqüenta minutos de muita chatice, pouco sexo e nenhuma emoção, as coisas começam a degringolar para os personagens. Spader começa a desconfiar da fidelidade da moça, e ela pouco a pouco põe as manguinhas de fora e se revela uma tremenda safada, que forjou um romance só para ficar com a fortuna do infeliz.

A Mulher dos Meus Sonhos passa de imitação barata de Eric Rohmer a imitação malfeita de *Atração Fatal*. As coisas pioram para o paspalho quando Amick o acusa de tê-la espancado e a polícia, óbvio, acredita. Temos agora um coitado que se vê preso em uma cilada, ameaçado por uma mulher má e calculista. Se não tomar logo uma providência, ele vai acabar sem dinheiro e na cadeia. Como acontece em todos esses exercícios de cinema masculino que trazem uma vilã perniciosa que desafia a inteligência do homem (vide *Instinto Selvagem* e o próprio *Atração Fatal*), o público torce para que o macho dê logo um jeito "naquela vagabunda".

A ingenuidade e a falta de imaginação do roteiro são chocantes, principalmente quando se sabe que o diretor e roteirista Kazan é o mesmo que escreveu aquela maravilha chamada *Reverso da Fortuna*, que em 1990 perdeu o Oscar de melhor roteiro adaptado para *Dança com Lobos*.

Kazan fez um longa monótono e sem surpresas. Fãs de thrillers desse tipo adoram reviravoltas inesperadas e segredos que são revelados ao espectador nos últimos instantes. Este filme não tem nada disso. É previsível até o final. A última cena, no entanto, é um choque. Não por alguma súbita explosão de criatividade, mas sim pela implausibilidade do roteiro. O espectador sai tão revoltado com o final murcho que, para se consolar, o jeito é ir à videolocadora e alugar qualquer filme de outro Kazan, o Elia.

André Barcinski

Dream Lover, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Nicholas Kazan ■ FOTOGRAFIA: Jean-Yves Escoffier ■ MÚSICA: Christopher Young ■ Com James Spader, Madchen Amick, Bess Armstrong, Frederic Lehne, Larry Miller ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films ■ DURAÇÃO: 103 min.

Art Films

O belo casal Amick e Spader: nem surpresas nem sexo seguro

Culkin e Danson: fim de carreira

ACERTANDO AS CONTAS COM PAPAI

Macaulay Culkin e Ted Danson no pior filme de suas carreiras

Hollywood vem esperando com pouca paciência um "soluço" na carreira de Macaulay Culkin, um tropeço, um filme ruim. Algo que faça cair das alturas não exatamente o Mac em pessoa, mas o pai do garoto, um "mala" ganancioso e truculento que inflou o cachê do guri para US$ 8 milhões e lida com a indústria na base do tacape e da chantagem – em si uma virtude, não fosse o fato de que ele utiliza o próprio filho como refém nessa história toda.

Por isso toda Hollywood riu bastante do título do novo filme de Culkin, *Acertando as Contas com Papai*. Primeiro, porque sugeria uma vingança contra o pai déspota. Segundo, porque o filme é um dos piores na carreira de Mac, perdendo somente para o *Quebra-Nozes* do ano passado – e não melhorando muito o quadro pós-*O Anjo Malvado*, em que Elijah Wood foi o único bom ator guri em cena.

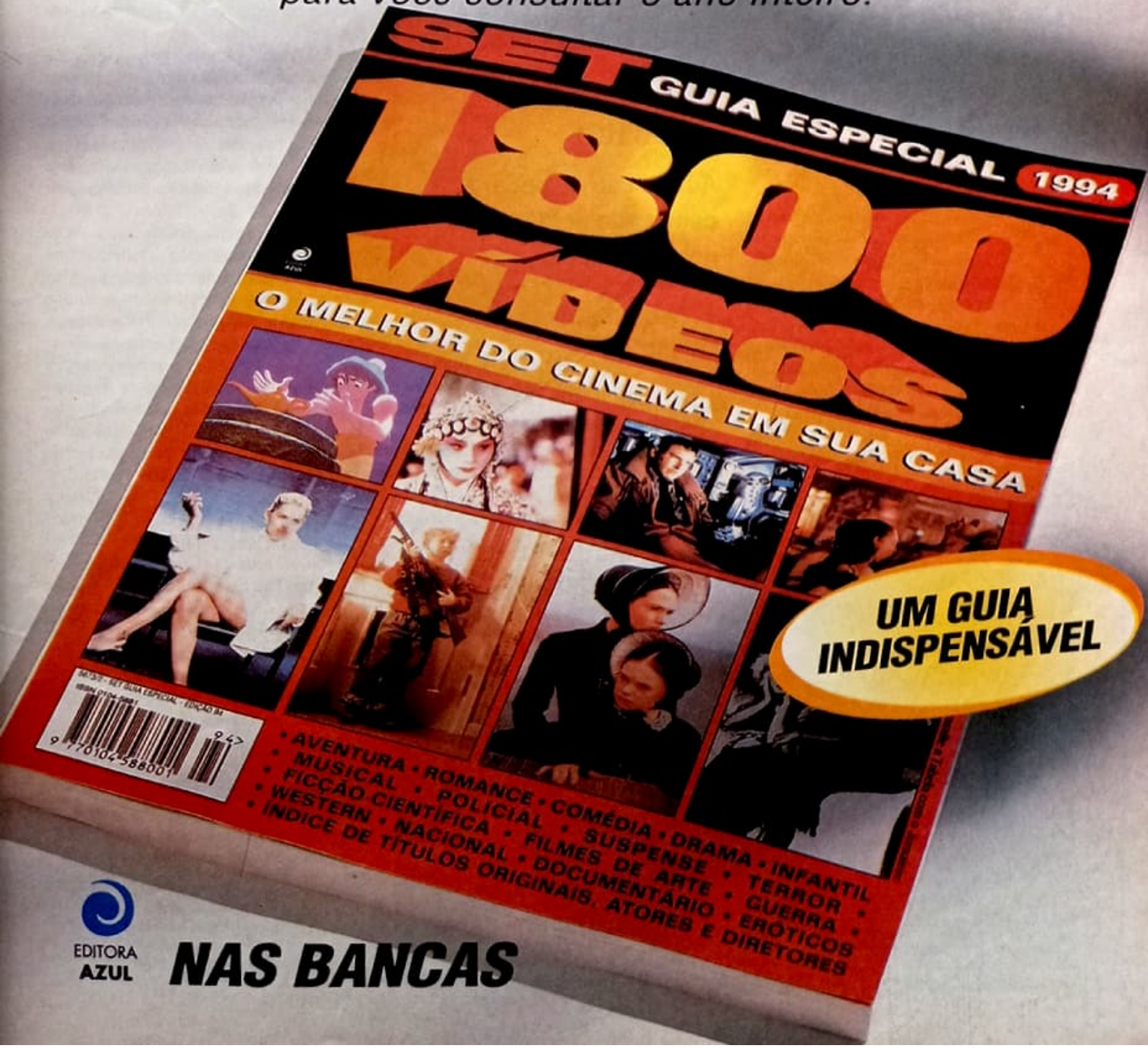
Na hora de chamar a atenção do pai vigarista (do filme) – o ladrão Danson –, Mac apela para os instintos mais básicos do progenitor, roubando uma partida de moedas valiosas recém-afanadas e exigindo em troca carinho e diversão. Crescido, Mac não tem o mesmo charme e a mesma graça de *Esqueceram de Mim*. E Danson é uma nulidade inexplicável, que só conseguia emplacar como o *barman* do seriado de TV *Cheers* – e desde então só teve um filme de sucesso, *Três Homens e um Bebê*.

J.E.R.

Getting Even With Dad, EUA, 1994 ■ DIREÇÃO: Howard Deutch ■ ROTEIRO: Tom S. Parker, Jim Jennewein ■ FOTOGRAFIA: Tim Suhrstedt ■ MÚSICA: Miles Goodman ■ Com Macaulay Culkin, Ted Danson, Glenne Headly, Saul Rubinek, Hector Elizondo ■ DISTRIBUIÇÃO: UIP ■ DURAÇÃO: 108 min.

O melhor do cinema em sua casa.

A melhor seleção de vídeos, em todos os gêneros, para você consultar o ano inteiro.



EDITORA AZUL

NAS BANCAS

AS VIÚVAS ALEGRES

Comédia romântica traz Mia Farrow em boa fase pós-Woody Allen

Em Widow's Peak – O Pico da Viúva – mora uma comunidade irlandesa predominantemente feminina, repleta de viúvas que mandam e desmandam no pedaço. Entre elas destaca-se a rica Mrs. Counihan (Plowright), uma líder de coração mais mole e senso de humor maior do que ela deixa transparecer. As viúvas viram fera e fofocam feito loucas quando a solteirona Miss O'Hare (Mia) começa um namoro com o dentista do lugar (Broadbent) e, para acabar com a rotina conservadora do pedaço, surge na cidade uma jovem (e apetitosa) jovem viúva (Richardson) que logo cai nas graças do filho de Mrs. Counihan (Dunbar). E quando uma delas desaparece, as suspeitas recaem sobre as "pecadoras".

Esta comédia romântica de época, passada nos anos 20, é um ponto positivo na carreira de Mia. Após anos trabalhando exclusivamente com Woody Allen, ela comprova que seu trabalho tem vida independente. Mia faz um contraponto perfeito com Plowright – aqui em seu enésimo papel de matrona durona/bondosa. A ironia é que, no passado, o papel de Miss O'Hare havia sido oferecido a Maureen O'Sullivan, mãe de Farrow. Mia, naquela época, iria fazer o papel que agora foi para Natasha.

J.E.R.

Widow's Peak, EUA/Inglaterra, 1994 ■ DIREÇÃO: John Irvin ■ ROTEIRO: Hugh Leonard ■ FOTOGRAFIA: Ashley Rowe ■ MÚSICA: Carl Davis ■ Com Mia Farrow, Joan Plowright, Natasha Richardson, Adrian Dunbar, Jim Broadbent ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films ■ DURAÇÃO: 102 min.

Riofilme

Paulo César Peréio e Marcos Winter: ânimos escaldantes numa cela

BARRELA – ESCOLA DE CRIMES

Adaptação de peça censurada perde impacto nos dias atuais

Descontados os letreiros de abertura e encerramento, *Barrela* tem pouco mais que 65 minutos de ação. Explica-se tamanha concisão: o filme é adaptação fiel, diálogo a diálogo, da peça em um ato escrita em 1958 por Plínio Marcos. Na época palhaço num circo de Santos, ele inspirou-se no caso verídico de um rapaz de classe média que, depois de uma noite na cadeia, decidiu matar os presos que o haviam violentado na cela.

A peça arrumou encrenca com a censura por duas vezes, em 1959 e 1968, e só foi liberada na década de 70. De estrutura simples, ousava no tema – na gíria, o título significa "curra" – e recorria sem cerimônia a diálogos realistas, cheios de palavrões. Quase trinta anos depois, entretanto, já não escandaliza mais ninguém. Esse é o maior problema do filme: a fidelidade ao original, ainda que louvável, prende-o em uma camisa-de-força dramática que limita drasticamente suas possibilidades.

A rigor, há apenas dois decréscimos ao texto: um prólogo com o pesadelo de um dos personagens (oportunidade para incluir mulata nua num elenco masculino) e *inserts* que anunciam, ao contrário da peça, que alguém vai chegar à cela em que se passa toda a ação. A temperatura começa a subir logo de cara, quando Portuga (Mamberti) põe em dúvida a masculinidade de Tirica (Palmeira), com o incentivo de Bahia (Diaz), Fumaça (Santos) e do Louco (Bomtempo). Bereco (Peréio), o autoritário "xerife" da cela, tenta esfriar a turma, mas a chegada do Garoto (Winter) incendeia de vez os ânimos.

O diretor estreante Cury (montador de *O Homem do Pau Brasil* e *Vagas para Moças de Fino Trato*, entre outros) faz o elenco render bem, com exceção de Winter, que confunde a fragilidade do personagem com a da interpretação. No outro extremo, Mamberti – que assina também a assistência de dramaturgia e preparação de atores – dá um banho como o "corno manso" de ironia suicida. Ninguém traduz melhor do que ele a atmosfera de desespero surdo da situação.

Sérgio Rizzo

Brasil, 1989 ■ DIREÇÃO E ROTEIRO: Marco Antonio Cury, a partir da peça de Plínio Marcos adaptada por Cláudio Mamberti, Gilberto Loureiro, Marco Flaksman ■ FOTOGRAFIA: Antonio Penido ■ MÚSICA: Zeca Assumpção ■ MONTAGEM: Marília Alvim ■ DIREÇÃO DE ARTE: Marco Flaksman ■ FIGURINOS: Adriana Leite ■ Com Paulo César Peréio, Cláudio Mamberti, Marcos Palmeira, Roberto Bomtempo, Cosme dos Santos, Chico Diaz, Marcos Winter ■ DISTRIBUIÇÃO: Riofilme ■ DURAÇÃO: 70 min.

Art Films

Richardson, Broadbent e Mia: tapas e beijos em Widow's Peak

O REI LEÃO

Não há como negar que tudo que a equipe de animadores das Disney faz, faz bem feito – e este último longa confirma a tradição. Fugindo do esquema de adaptações de contos, o estúdio fez uma obra magistral a partir de uma história original. Estão lá todos os ingredientes que ganham o espectador: comédia, drama, aventura, fotografia impecável e, para harmonizar o conjunto, uma trilha sonora envolvente. A saga do leão-príncipe Simba não é indicada só para crianças; marmanjos devem assistir à cópia legendada desta que já é uma das maiores bilheterias de 1994. *D.P.*

(The Lion King, EUA, 1994) Direção: Roger Allers, Rob Minkoff. Roteiro: Irene Mecchi, Jonathan Roberts, Linda Woolverton. Trilha sonora: Tim Rice, Elton John, Hans Zimmer. Columbia Buena Vista.

MAVERICK

Depois que *Os Imperdoáveis* fez renascer o western, muitos filmes vieram na sua cola. Eram todos sérios, carrancudos: *Tombstone*, *Posse*, *Geronimo*. Agora finalmente alguém faz um faroeste mais solto, divertido: *Maverick* é uma comédia passada no Oeste, não uma paródia ao Oeste. A história gira em torno de Maverick (Gibson), um jogador de pôquer e pistoleiro cujo sonho é juntar os US$ 25 mil necessários para entrar num campeonato de pôquer. No caminho, ele encontra Annabelle (Foster), uma ladra que usa seu charme para roubar galanteadores, e Zane Cooper (Garner), um xerife turrão. Os três viajam pelo deserto e acabam se envolvendo com índios e uma quadrilha de assaltantes. *A.B.*

(Maverick, EUA, 1994) Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Jodie Foster, James Garner, Graham Greene, James Coburn. Warner.

OS 5 RAPAZES DE LIVERPOOL

Antes de virar o mais potente ícone da música pop, os Beatles eram apenas um grupo de jovens ingleses ralando nos palcos apertados dos inferninhos de Hamburgo. *Os 5 Rapazes de Liverpool* revisita esse período na vida da banda – de 60 a 62 – para se centrar não no nascimento do mito, mas no triângulo amoroso/criativo formado por John Lennon (Hart), a fotógrafa Astrid Kirchherr (Lee) e Stu Sutcliffe (Dorff), o primeiro baixista da banda, que deixou o rock pela pintura e por Astrid, só para morrer pouco depois. O filme, porém, não é um documentário sobre os Beatles, mas sim uma história fascinante de autodescoberta e amizade. *J.E.R.*

(Backbeat, Inglaterra, 1994) Direção: Iain Softley. Com Sheryl Lee, Stephen Dorff, Ian Hart, Gary Bakewell, Chris O'Neill, Scott Williams, Kai Wiesinger. Art Films.

Paris Filmes

MINHA VIDA

Depois de dirigir *Ghost*, Jerry Zucker agora produz este *Minha Vida*, sobre um bem-sucedido relações-públicas (Keaton) que, ao descobrir que tem um câncer fatal, decide fazer um vídeo sobre sua vida como legado ao filho que ainda não nasceu. No processo, ele se dará conta de que pouco sabe sobre seu próprio íntimo, soterrado pela persona profissional e pelos ressentimentos que carrega desde a infância. O tema – o confronto com a morte e os sentimentos contraditórios que ele desperta – é rico, mas sua execução, embora correta, é superficial e carregada de sentimentalismo. *I.B.*

(My Life, EUA, 1993) Direção: Bruce Joel Rubin. Com Michael Keaton, Nicole Kidman, Haing S. Ngor. Paris Filmes.

QUATRO CASAMENTOS E UM FUNERAL

Casal apaixonado enfrenta sucessivos desencontros amorosos. Com essa sinopse, *Quatro Casamentos...* poderia ser igual a tantas outras comédias românticas produzidas desde os anos 30. Poderia, mas não é. Primeiro, há o roteiro enxuto de Richard Curtis. Depois há a habilidade de Mike Newell em interpretar as nuances do roteiro e seu talento em dirigir atores. Finalmente, há a grande sacada: com exceção de algumas cenas, todo o filme se passa nas cinco cerimônias do título, freqüentadas sempre pelo mesmo círculo de amigos. Fora o funeral, é só diversão. Sob as inúmeras piadas e jogos do roteiro, o que move os personagens é o medo de ficar só, a indecisão entre escolher um parceiro entre as pessoas disponíveis ou esperar que a paixão surja como uma trovoada, e o temor de que a "trovoada" não venha jamais. *I.B.*

(Four Weddings and a Funeral, Inglaterra, 1994) Direção: Mike Newell. Com Hugh Grant, Andie MacDowell, Kristin Scott Thomas, Simon Callow, James Fleet, John Hannah, Charlotte Coleman. PlayArte.

A IGUALDADE É BRANCA

A igualdade através do dinheiro. A igualdade através da vingança. A igualdade na hora do orgasmo. São essas as idéias básicas que Kieslowski defende na segunda parte de sua trilogia sobre os direitos do cidadão moderno instituídos após a Revolução Francesa. O filme, que levou o prêmio de direção no Festival de Berlim 94, é uma obra econômica, impiedosa. Karol Karol (Zamachowski) é um polonês residente na França que precisa depor em seu processo de divórcio pedido pela esposa, a francesa Dominique (Delpy), a qual afirma que o casamento não se consumou. Karol come o pão que o diabo amassou até voltar a Varsóvia. O diretor narra essa história de forma amarga, silenciosa e com um final belo e assustador. *Ch.P.*

(Trois Couleurs: Blanc, França/Polônia, 1994) Direção: Krzysztof Kieslowski. Com Zbigniew Zamachowski, Julie Delpy, Janusz Gajos, Jerzy Stuhr. Look Filmes.

BOLSA DE CINEMA

Comédia romântica inglesa conquista as graças da crítica e reafirma seu sucesso mundial

	Inácio Araujo Folha de S. Paulo	Neusa Barbosa Veja São Paulo	Luciano Trigo O Globo	Hugo Sukman Jornal do Brasil	Rubens Ewald Filho Jornal da Tarde	Cristiano Couto MTV	Cleber Eduardo Diário Popular	Antonio Querino Neto Isto É	SET	Média
Quatro Casamentos e Um Funeral (PlayArte)	—	—	9	8	9	—	8	9	8	8.5
O Rei Leão (Columbia/Buena Vista)	—	10	8	7	8	—	8	9	9	8.4
A Igualdade É Branca (Look)	9	9	8	8	6	8	7	9	8	8.0
Adoro Homens de Uniforme (Look)	—	9	7	—	6	8	8	6	7	7.2
Velocidade Máxima (Fox)	4	8	—	—	—	—	7	—	9	7.0
Equinox (Filmes do Estação)	—	7	9	8	5	4	7	6	5	6.3
The Flintstones – O Filme (UIP)	7	—	7	6	1	6	5	8	6	5.7
Daens – Um Grito de Justiça (Look)	5	—	—	—	7	—	—	—	4	5.3
Guarda-Costas e Primeira-Dama (Columbia/ TriStar)	—	—	—	3	6	—	—	—	—	4.5
Loucademia de Polícia 7 – Missão Moscou (Warner)	—	—	7	—	0	4	—	6	—	4.2

A E

Gene Kelly e Cyd Charisse dançam em cena de *A Lenda dos Beijos* [illegible]dos (*Brigadoon*), de 1954; à direita, Fred Astaire e Judy Garland em *Desfile de Páscoa*, de 1948

RA DOS MUSICAIS

ISTO É HOLLYWOOD 3

Vinte anos depois de seu início, a série ganha agora um terceiro episódio recheado de revelações sobre os astros e os bastidores dos grandes musicais

O terceiro garimpo nos arquivos da MGM rendeu pepitas que são um deleite para o fã de cinema em geral e para o manfaco por musicais em particular. Ao contrário do segundo episódio da série *Isto é Hollywood* – tido por muitos como uma forçação de barra e um desserviço aos documentários –, o novo filme é fundamental para entender um momento importantíssimo na indústria americana de cinema. *Isto É Hollywood 3* recupera momentos históricos, expõe os bastidores da realização de números musicais clássicos e exibe pela primeira vez seqüências inéditas que teriam mofado em caixotes caso não tivessem sido resgatadas.

Utilizando como âncora e elo de ligação depoimentos recentes de Gene Kelly, Cyd Charisse, Esther Williams, Lena Horne, June Allyson, Howard Keel, Mickey Rooney, Debbie Reynolds e Ann Miller, o filme compila 62 números musicais diferentes para mapear a trajetória do musical em Hollywood. Está tudo ali, desde o início (quando o musical era uma novidade com a qual não se sabia muito bem o que fazer, ilustrada por uma aparição quase assustadora do quinteto feminino The Five Locust Sisters cantando "My Pet" num curta de 1928) até a extinção do gênero, passando por suas tentativas de se atualizar (exemplificadas pelo engraçadíssimo "Stereophonic Sound", de *Meias de Seda*, com Fred Astaire e Janis Paige brincando com novidades como som estéreo e tela larga, filme lançado originalmente em 1957).

Há trechos divertidos de sobra – a fantasia do que seria uma festança das estrelas, em *Hollywood Party* (1934); as moças no chuveiro em *Clean as a Whistle* (1933), com um par de mamilos que deve ter passado despercebido. Há também uma dose quase excessiva de revisitas (desnecessárias) a musicais manjadaços, figurinhas marcadas que poderiam ter cedido sua vez a raridades – como tudo de *O Mágico de Oz*. O filé mignon, no entanto, está nos *outtakes*, os trechos raros ou inéditos que só agora vêm à tona.

Dentro de todo um bloco em sua homenagem, Judy Garland é vista e ouvida pela primeira vez cantando "Mr. Monotony" (canção de Irving Berlin que tem muito em comum com "Samba de uma Nota Só"), numa seqüência filmada originalmente para *Desfile de Páscoa* (1948) e jamais usada.

Para reforçar o condimento histórico do trecho, Judy aparece estreando o meio-smoking que futuramente se transformaria em sua marca registrada. Garland é ainda a protagonista de outro trecho inédito: "I'm an Indian Too", de *Bonita e Valente* (1949) – que estrelou até sofrer um colapso nervoso, sendo rapidamente substituída por Betty Hutton.

Uma cena retirada do clássico *Cantando na Chuva* (1952) antes que o filme fosse exibido ressurge agora: Debbie Reynolds cantando "You Are My Lucky Star" para um cartaz mostrando o co-astro Gene Kelly. A canção "Singin' in the Rain", aliás, faz uma aparição antológica: quando era apenas um número musical de *Hollywood Revue of 1929*, com gente do quilate de Joan Crawford, Jack Benny, Marion Davies e Buster Keaton errando fragorosamente a letra diante das câmeras.

Há momentos do filme em que os realizadores utilizam telas divididas para demonstrar como em diversas ocasiões a voz que se ouvia não correspondia à da estrela

Fotos MGM

MGM

Reprodução

MGM

Acima, Donald O'Connor, Gene Kelly e Debbie Reynolds em *Cantando na Chuva*; abaixo, Mickey Rooney e Judy Garland; ao lado, Cyd Charisse grava cena de *Isto É Hollywood 3* no set de *Brigadoon*

que se via na tela. São revelações fascinantes que só agora chegam ao grande público.

É o caso da canção "Two-faced Woman". Inicialmente gravada por India Adams para ser dublada por Cyd Charisse em *A Roda da Fortuna* (1953), a canção foi guardada depois que o número de Cyd sucumbiu às tesouradas da montagem final do filme. Ressurgiria pouco depois, no entanto, dublada por Joan Crawford em *Se Eu Soubesse Amar*, do mesmo ano. *Isto É Hollywood 3* mostra as duas versões simultaneamente, fazendo lamentar a eliminação da versão de Charisse, que põe no chinelo a de Crawford (que, por sinal, tornou a canção deslocada e sombria).

Mais tela dividida é utilizada para desvendar outro segredo de Hollywood: a maneira como foi realizada a filmagem de um número de dança de Eleanor Powell em *Se Você Fosse Sincera* (1941). Enquanto a estrela dança ao som de "Fascinatin' Rhythm", os operadores da câmera e da grua se preocupam em manter o foco sempre fechado em Eleanor, ao mesmo tempo em que contra-regras montam e desmontam o palco em que ela trabalha.

As memórias dessa era variam conforme o astro. Reunidos pela MGM para divulgar *Isto É Hollywood 3* – trabalho pelo qual não receberam um único tostão –, Gene Kelly, Cyd Charisse e Esther Williams deram diferentes versões de uma mesma história.

Gene Kelly – aparentando fragilidade, com a voz rouca reduzida a um fiapo, após horas de encontros com diferentes jornalistas – não vê com pessimismo o sumiço dos musicais. "É uma questão da música da época", argumenta. "Sempre que a música da época for romântica você terá musicais." Kelly, por outro lado, enxerga uma reencarnação dos musicais, por assim dizer, nos videoclips. "Reconheço em muitos videoclips coisas que Fred Astaire ou eu fizemos em filmes antigos."

Se Cyd Charisse – hoje quase tão enxuta quanto antigamente – se considera privilegiada por ter tido a chance de trabalhar no cinema sob contrato do estúdio ("funcionava como uma verdadeira escola para todos nós; aprendíamos canto, dança e dicção", diz ela), Esther Williams achava tudo exploração. Ao contrário de hoje, quando os astros pedem o cachê que bem entendem (ganhar o que pedem já são outros quinhentos) e filmam com quem lhes faz a melhor oferta, no passado as maiores estrelas de Hollywood tinham contratos de exclusividade com um único estúdio e recebiam salários fixos de seus "patrões".

"Toda vez que eu pedia aumento de salário", rebate Esther Williams, com sua habitual falta de papas na língua, "me recebiam como se eu estivesse fazendo uma exigência absurda. E o argumento para não dar o aumento era sempre o mesmo: 'Mas você quer ganhar mais que Clark Gable?' (o maior salário do cinema na época)."

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

É um filme. Só que com 19 finais felizes.

La Tavola della Vecchia Cucina apresenta 19 receitas da coleção particular de Sergio Arno. De entradas a sobremesas, você vai experimentar pratos mais suaves e inventivos que os da tradicional Cozinha Italiana. E o que é melhor, La Tavola della Vecchia Cucina traz um livrinho com todos os ingredientes, tornando prático o preparo das receitas. Com certeza, La Tavola della Vecchia Cucina é um daqueles filmes que você torce para nunca acabar. Mas, quando acaba, você fica satisfeito.

19 Receitas Especiais de Sergio Arno em Vídeo

LA VECCHIA CUCINA

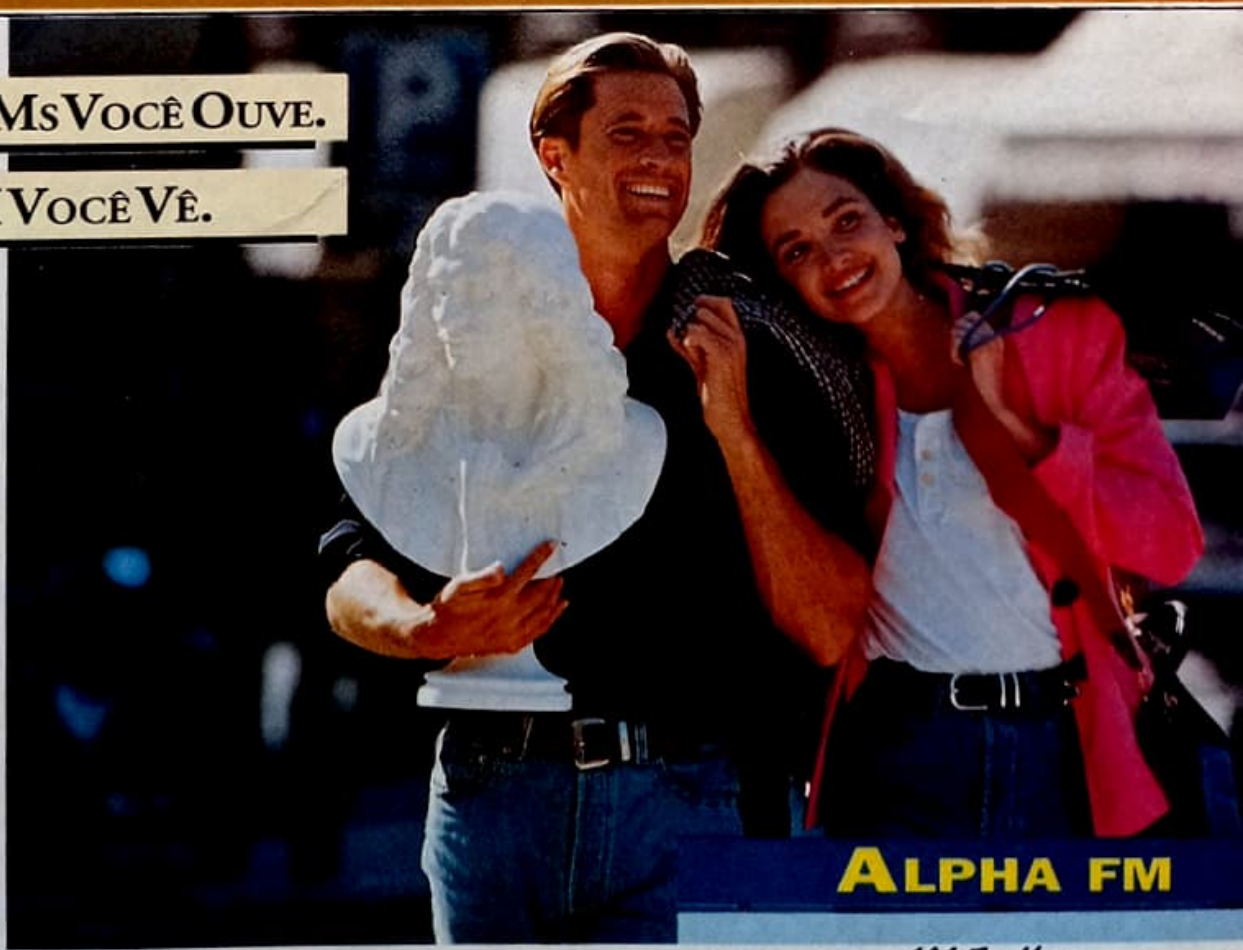
Vendas pelo tel.: (011) 820-5044

AS OUTRAS FMS VOCÊ OUVE.

A ALPHA FM VOCÊ VÊ.

A diferença da Alpha FM para as outras rádios é fácil de ver. Está nas músicas selecionadas, no jornalismo dinâmico, nas mais atualizadas informações econômicas e culturais. No trânsito, em casa, no trabalho, enfim, onde existe gente de estilo, dá prá ver que tem ouvinte Alpha FM.

PÁTIO



ALPHA FM

101,7 MHZ

FREQÜÊNCIA DE CLASSE

Filmografias

GENE KELLY

Ator, dançarino, diretor e coreógrafo, nascido Eugene Curran Kelly a 23 de agosto de 1912 em Pittsburgh, Pensilvânia.

Como ator: 1942: IDÍLIO EM DÓ-RÉ-MI (*For Me and My Gal*, de Busby Berkeley) ■ 1943: O PILOTO Nº 5 (*Pilot Nº 5*, de George Sidney); DU BARRY ERA UM PEDAÇO... (*Du Barry Was a Lady*, de Roy Del Ruth); A FILHA DO COMANDANTE (*Thousands Cheer*, de George Sidney); A CRUZ DE LORENA (*The Cross of Lorraine*, de Tay Garnett) ■ 1944: MODELOS* (*Cover Girl*, de Charles Vidor, também como co-coreógrafo); FÉRIAS DE NATAL (*Christmas Holiday*, de Robert Siodmak) ■ 1945: MARUJOS DO AMOR (*Anchors Aweigh*, de George Sidney, também como co-coreógrafo) ■ 1946: ZIEGFELD FOLLIES (de Vincente Minnelli) ■ 1947: VIDA À LARGA (*Living in a Big Way*, de Gregory La Cava, também como coreógrafo) ■ 1948: O PIRATA (*The Pirate*, de Vincente Minnelli, também como co-coreógrafo); OS TRÊS MOSQUETEIROS (*The Three Musketeers*, de George Sidney); MINHA VIDA É UMA CANÇÃO (*Words and Music*, de Norman Taurog) ■ 1949: A BELA DITADORA* (*Take Me Out to the Ball Game*, de Busby Berkeley, também como co-argumentista e co-coreógrafo) ■ 1950: A MÃO NEGRA (*Black Hand*, de Richard Thorpe); CASA, COMIDA E CARINHO (*Summer Stock*, de Charles Walters) ■ 1951: SINFONIA EM PARIS* (*An American in Paris*, de Vincente Minnelli, também como coreógrafo); NO PALCO DA VIDA (*It's a Big Country*, de Charles Vidor, Richard Thorpe, John Sturges, Don Hartman, Don Weis, Clarence Brown, William Well-man) ■ 1952: HOMEM, MULHER E O DIABO/O DIABO, A MULHER E A CARNE (*The Devil Makes Three*, de Andrew Marton) ■ 1954: A LENDA DOS BEIJOS PERDIDOS (*Brigadoon*, de Vincente Minnelli, também como roteirista); CREST OF THE WAVE /SEAGULLS OVER SORRENTO (de John Boulting e Roy Boulting); BEM NO MEU CORAÇÃO (*Deep in My Heart*, de Stanley Donen) ■ 1957: LES GIRLS (de George Cukor, também como co-coreógrafo não creditado) ■ 1958: ATÉ O ÚLTIMO ALENTO* (*Marjorie Morningstar*, de Irving Rapper) ■ 1960: ADORÁVEL PECADORA* (*Let's Make Love*, de George Cukor); O VENTO SERÁ TUA HERANÇA (*Inherit the Wind*, de Stanley Kramer) ■ 1964: A SENHORA E SEUS MARIDOS (*What a Way to Go!*, de J. Lee Thompson) ■ 1967: DUAS GAROTAS ROMÂNTICAS (*Les Demoiselles de Rochefort*, de Jacques Demy) ■ 1973: 40 QUILATES* (*40 Carats*, de Milton Katselas) ■ 1974: ERA UMA VEZ EM HOLLYWOOD (*That's Entertainment!*, documentário, de Jack Haley, Jr., também como narrador) ■ 1977: VIVA KNIEVEL! (de Gordon Douglas) ■ 1980: XANADU* (de Robert Greenwald) ■ 1982: REPORTERS (de Raymond Depardon) ■ 1985: QUANDO HOLLYWOOD DANÇA* (*That's Dancing!*, documentário, de Jack Haley, Jr., também como narrador) ■ 1986: PECADO ORIGINAL* (*Sins*, minissérie, de Douglas Hickox) ■ 1994: ISTO É HOLLYWOOD III (*That's Entertainment! III*, documentário, de Bud Friedgen e Michael J. Sheridan)

MGM

Como diretor: 1949: UM DIA EM NOVA YORK (*On the Town*, junto a Stanley Donen, também como ator e co-coreógrafo) ■ 1952: CANTANDO NA CHUVA* (*Singin' in the Rain*, junto a Stanley Donen, também como ator e co-coreógrafo) ■ 1955: DANÇANDO NAS NUVENS (*It's Always Fair Weather*, junto a Stanley Donen, também como ator e co-coreógrafo) ■ 1957: CONVITE À DANÇA (*Invitation to the Dance*, também como ator, co-coreógrafo e roteirista); TODOS A PARIS! (*The Happy Road*, também como ator e produtor) ■ 1958: O TÚNEL DO AMOR (*Tunnel of Love*) ■ 1962: GIGOT ■ 1966: JACK E OS FEIJÕES MÁGICOS* (*Jack and the Beanstalk*, junto a William Hanna e Joseph Barbera, também como ator) ■ 1967: DIÁRIO DE UM HOMEM CASADO (*A Guide for the Married Man*, também como ator) ■ 1969: ALÔ, DOLLY! (*Hello Dolly!*) ■ 1970: CHEYENNE (*The Cheyenne Social Club*, também como ator e produtor) ■ 1976: ISTO TAMBÉM ERA HOLLYWOOD (*That's Entertainment Part II*, documentário, também como narrador)

Reprodução

MIKE NICHOLS

Diretor, também produtor, nascido Michael Igor Peschkowsky a 6 de novembro de 1931 em Berlim, Alemanha.

1966: QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?* (*Who's Afraid of Virginia Woolf?*) ■ 1967: A PRIMEIRA NOITE DE UM HOMEM* (*The Graduate*) ■ 1970: ARDIL 22* (*Catch-22*) ■ 1971: ÂNSIA DE AMAR* (*Carnal Knowledge*, também como produtor) ■ 1973: O DIA DO GOLFINHO* (*The Day of the Dolphin*) ■ 1975: O GOLPE DO BAÚ (*The Fortune*, também como produtor) ■ 1980: GILDA LIVE ■ 1983: SILKWOOD, RETRATO DE UMA CORAGEM* (*Silkwood*, também como produtor) ■ 1984: THE GIN GAME ■ 1986: A DIFÍCIL ARTE DE AMAR* (*Heartburn*, também como produtor); O AZARÃO* (*The Longshot*, apenas como produtor executivo) ■ 1988: METIDO EM ENCRENCAS* (*Biloxi Blues*); UMA SECRETÁRIA DE FUTURO* (*Working Girl*) ■ 1990: LEMBRANÇAS DE HOLLYWOOD* (*Postcards From the Edge*, também como produtor) ■ 1991: UMA SEGUNDA CHANCE* (*Regarding Henry*, também como produtor) ■ 1994: O LOBO (*The Wolf*)

ESTHER WILLIAMS

Atriz, nascida a 8 de agosto de 1923 em Los Angeles, Califórnia.

1942: A DUPLA VIDA DE ANDY HARDY (*Andy Hardy's Double Life*, de George B. Seitz) ■ 1943: DOIS NO CÉU (*A Guy Named Joe*, de Victor Fleming) ■ 1944: ESCOLA DE SEREIAS (*Bathing Beauty*, de George Sidney) ■ 1945: PAIXÃO EM JOGO/ROMANCE NO RIO (*Thrill of a Romance*, de Richard Thorpe) ■ 1946: QUEM MANDA É O AMOR (*Easy to Wed*, de Edward Buzzell); OURO NO BARRO (*The Hoodlum Saint*, de Norman Taurog); ZIEGFELD FOLLIES (de Vincente Minnelli) ■ 1947: FESTA BRAVA (*Fiesta*, de Richard Thorpe); SAUDADE DOS TEUS LÁBIOS (*This Time for Keeps*, de Richard Thorpe) ■ 1948: NUMA ILHA COM VOCÊ (*On an Island with You*, de Richard Thorpe) ■ 1949: A FILHA DE NETUNO (*Neptune's Daughter*, de Edward Buzzell); A BELA DITADORA* (*Take Me Out to the Ball Game*, de Busby Berkeley) ■ 1950: MEU CORAÇÃO TEM DONO (*Duchess of Idaho*, de Robert Z. Leonard); AMOR PAGÃO (*Pagan Love Song*, de Robert Alton) ■ 1951: A SEREIA E O SABIDO (*Texas Carnival*, de Charles Walters) ■ 1952: A RAINHA DO MAR (*Million Dollar Mermaid*, de Mervyn LeRoy) ■ 1953: SALVE A CAMPEÃ (*Dangerous When Wet*, de Charles Walters); FÁCIL DE AMAR (*Easy to Love*, de Charles Walters) ■ 1955: A FAVORITA DE JÚPITER (*Jupiter's Darling*, de George Sidney) ■ 1956: NA VORAGEM DE UMA PAIXÃO (*The Unguarded Moment*, de Harry Keller) ■ 1958: TORMENTA NO PARAÍSO (*Raw Wind in Eden*, de Richard Wilson) ■ 1961: E O CIRCO CHEGOU (*The Big Show*, de James B. Clark) ■ 1994: ISTO É HOLLYWOOD III (*That's Entertainment! III*, documentário, de Bud Friedgen e Michael J. Sheridan)

*disponível em vídeo

O ZORRO
LONE RANGER

• Os 3 primeiros episódios da série

As incríveis aventuras do herói mascarado

Já disponível na sua locadora .

FILME EM PRETO E BRANCO

O Zorro
CLAYTON MOORE
Tonto
JAY SILVERHEELS
Cavendish
GLENN STRANGE

Dirigido por
George Seltz

Volte conosco agora aos agitados dias do passado ...
Um cavalo fiel como a velocidade da luz, uma nuvem de poeira
e um querido Hi-yo Silver! O Cavaleiro Solitário está de volta!

CONCORDE VIDEO MARKET COM. E REPRES. LTDA. R. Marechal Xavier da Câmara, 20 - Casa Verde CEP 02517-190 São Paulo - SP
Fone: 011 266-6999 Tel./Fax: 011 857-4064 Terlemarketing: 011 858-6621 / 858-6654 / 857-1626

CONCORDE VIDEO

TRILHAS SONORAS

EDIÇÕES PARA TODOS OS TIPOS DE OUVIDO

A cada mês, as gravadoras colocam nas lojas uma batelada de boas trilhas. Aproveite estas dicas e faça um bom programa.

BERNARD HERRMANN NO CINEMA
Elmer Bernstein e Royal Philarmonic Orchestra (Milan)

À parte o trabalho de Nino Rota com Fellini, e talvez John Williams com Spielberg, não existe na história recente do cinema uma combinação tão perfeita como foi a de Bernard Herrmann com Hitchcock. Embora o compositor tenha colaborado com outros diretores, realizando um excelente trabalho, foi com o mestre do suspense que a química sonora deu melhor resultado. Tanto que nesta coletânea de dez temas a Milan escolheu cinco trilhas dos filmes de Hitchcock: *O Homem que Sabia Demais*, *Psicose*, *O Homem Errado*, *Um Corpo que Cai* e *Intriga Internacional*.

O maestro tinha habilidade para abordar temas musicais com a introspecção e a densidade de um Prokofiev, e a leveza e ironia de alguém que tinha senso de humor. Por essas duas peculiaridades é que Herrmann foi a tradução sonora adequada ao espírito inquieto, sarcástico, soturno e ao mesmo tempo bem-humorado de Hitchcock, para quem começou a fazer trilhas em 1955 com *O Terceiro Tiro*.

A lamentar nesta edição apenas o fato de que, da suíte original para *Psicose* de 24 minutos, o CD compilou apenas seis minutos, incluindo (pelo menos) o assassinato de Marion no chuveiro, com seus ferozes ataques sucessivos na região mais aguda dos violinos. Raras vezes o cinema levou tão longe as possibilidades recíprocas de som e imagem como em *Psicose*.

O CD traz ainda *Cidadão Kane* (de Orson Welles), o divertido tema para *O Homem que Vendeu sua Alma* (de William Dieterle), *A Noiva Estava de Preto* e *Fahrenheit 451* (ambos de Truffaut) e *Taxi Driver* (de Scorsese). E, como bônus, uma faixa com depoimentos de Herrmann sobre a música no cinema.

Walter de Silva

THE FLINTSTONES
(BMG/Ariola)

A trilha já valeria o investimento só pelo fato de ressuscitar "I Wanna Be a Flintstone", sucesso de 1986 do trio americano Screaming Blue Messiah. A pontuação desta variada cena musical de Bedrock sobe ainda mais com o jazz-rap do Us3 ("I Showed a Caveman How to Rock"), o funk do Was Not Was com "Walk the Dinosaur" e a paródia de "Weird Al" Yankovic, que juntou "Under the Bridge" e "Give It Away", do Red Hot Chili Peppers, transformando-os em "Bedrock Anthem".

E chega ao ponto máximo nas participações do Stereo MC's, com "My Life with the Thrill Kill Kult", e o rockabilly do Big Audio Dynamite. Os (poucos) pontos baixos ficam com o BC-52's, que regravou de uma maneira chinfrim "(Meet) The Flintstones" (inexplicavelmente fora da seleção), os chatos do Green Jelly (com uma versão entediante de "Anarchy in the U.K.", dos Sex Pistols) e desaba de vez com o Crash Test Dummies.

Sergio Martins

A PERFECT WORLD
(Reprise/Warner, 1993)

MAVERICK
(Atlantic, 1994)

A trilha de *Um Mundo Perfeito* é uma delícia. Dominada por temas country tradicionais e por sucessos da época em que o filme se passa (1963), ela parece um rápido *hit parade* de músicas que já fazem parte do cancioneiro norte-americano. É difícil destacar alguma faixa. Comecemos, então, pelo final: duas composições instrumentais arranjadas por Lennie Niehaus – o destaque fica para a valsa triste "Big Fran's Baby", composta pelo próprio Clint Eastwood.

O CD, por sua vez, abre com o veterano Bob Wills and His Texas Playboys, com a tradicional "Ida Red", gravada nos idos dos anos 40. Seguem dois sucessos de Don Gibson, "Blue Blue Day" (que chegou ao primeiro lugar da parada country) e "Sea of Heartbreak". Nos anos 50/60, muitos temas country fizeram sucesso também entre o público pop, explicando a convivência harmônica entre figurões como Johnny Cash, Hank Locklin e Perry Como. Há ainda o "moderno" Chris Isaak, que regrava dois hits da época, "Dark Moon" e "The Little White Cloud that Cried".

Já a trilha de *Maverick* reúne grandes figuras do country contemporâneo, como o atual astro John Michael Montgomery e nomes como Vince Gill e Carlene Carter. Mostra o impasse estético do gênero, que se repete em fórmulas convencionais, sonoridades conhecidas e baladas sem inspiração. Salvam-se as músicas defendidas por Tracy Lawrence, Waylon Jennings e Randy Newman. Destaque absoluto, porém, para a versão country do hino religioso "Amazing Grace", que reúne todo o elenco musical da trilha, além da cantora Amy Grant – a música foi gravada em seu rancho – e de James Garner e Mel Gibson no coro. A faixa, lançada em single, terá sua renda revertida para a Pediatric Aids Foundation.

Christian Petermann

MARILYN MONROE – A FINE ROMANCE
(BMG/Milan)

Marilyn Monroe não era a maior cantora do mundo, mas sabia como ninguém vender sexo – inclusive num pedaço de vinil. E com músicas e produção de primeira, a coisa ficava fácil. Alguns momentos musicais da loira podem ser encontrados no CD *A Fine Romance*. Além de canções que Marilyn interpretou em filmes como *Rio das Almas Perdidas* e *Os Homens Preferem as Loiras*, há curiosidades como um comercial que ela fez para uma companhia de petróleo em 1959 e o infame "Parabéns para Você" que cantou para o presidente Kennedy numa festa em 1962. Um bom lançamento para os fãs de Marilyn. Inclui "I Wanna Be Loved by You", que saiu há algum tempo pela Movieplay.

Paulo Cavalcanti

EQUIPAMENTOS

AVENTURAS EM CD-ROM

JURASSIC PARK INTERACTIVE
(Universal Interactive Studios, 3DO)
MYST
(Brønderbund Software)

Os dinossauros agora afiam suas garras e dentes no mundo dos games. Movidos pelo sucesso "brontossáurico" de *Jurassic Park*, surgem os jogos para quem quer curtir a emoção de ser perseguido por répteis gigantes. O mais sofisticado deles é o CD *Jurassic Park Interactive*, da Universal Interactive Studios. O jogo foi feito para plataformas 300, com resolução de 32 bits. Aparentemente, tem tudo o que um fã da obra de Spielberg pode querer: cenas tiradas diretamente do filme, mais uma porção de takes inéditos.

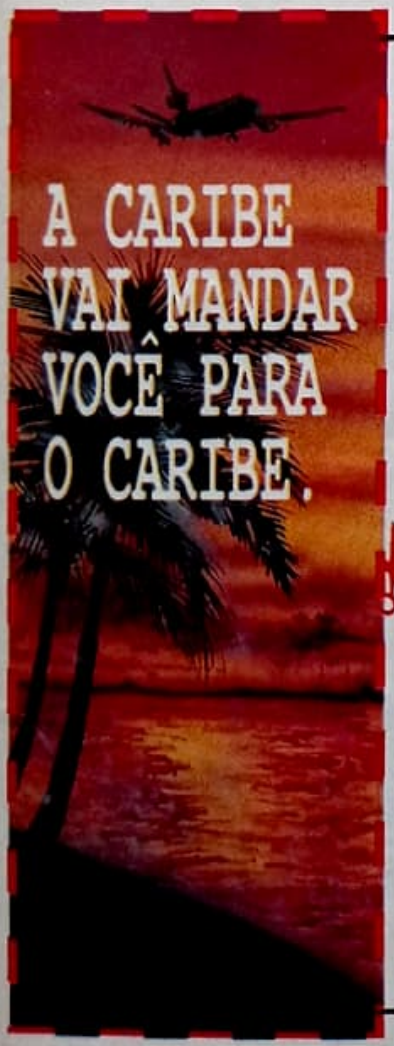
O jogador "ocupa" a sala de comando do parque e, através dos monitores, deve guiar visitantes e funcionários enquanto eles fogem dos monstros descontrolados, como um tiranossauro que vai atrás dos jipes. Tudo parece muito atraente, mas a crítica especializada dos EUA acha que pelos US$ 59 que custa o jogo deveria ter muito mais do que o pacote oferece. E é bom lembrar que um console do sistema 300, como o FZ-1 da Panasonic, anda custando cerca de US$ 600.

Tela do CD-Rom *Jurassic Park*, a mais recente novidade da Universal

Outras opções para os dinomaníacos não têm o mesmo requinte visual. Elas são a versão em CD da Sega, um pouco mais cara (US$ 59,99), um tanto mais lenta, mas enriquecida com informações sobre vários tipos de dinossauros, e outra em cartucho (US$ 54,99) para o MegaDrive, que ganha das anteriores em ação, uma vez que o jogador fica no papel de um velociraptor. Para quem tem um SuperNes, da Sega, há o cartucho da Ocean of America, custando US$ 59,95.

Ainda na área dos jogos em CD, Myst, da Brøderbund Software, é o quebra-cabeça do momento. O jogador vai parar em uma ilha, de onde terá de resolver o mistério que envolve dois irmãos, filhos do construtor das maravilhas que serão vistas ao longo da aventura. Algumas pistas estão nos livros da biblioteca. Outras têm de ser descobertas na base da dedução ou da tentativa, enquanto se visitam cenários belíssimos modelados em três dimensões. São US$ 59 para fugir da realidade para valer durante dois dias seguidos, seja em um Macintosh, seja em um PC.

Marcos Smirkoff



Caribe Home Video

Caribe te espera!

Participe desta Promoção

* Abra uma revenda Caribe em sua região
* 15.000 fitas a sua escolha
* Assessoria total para quem está iniciando
* Atendemos colecionadores e aficcionados
* Enviamos para todo o Brasil (SEDEX)

Corra, recorte hoje mesmo o cupom ao lado e faça-nos uma visita! Além de conhecer-nos você poderá participar desta incrível promoção. Informe-se pelo telefone abaixo.

Promoção por tempo limitado

MATRIZ - São Paulo - SP
R. Voluntários da Pátria, 1223
Santana - CEP 02011-100
(a 30m. do Metrô Carandiru)
Fones:(011) 267-9200 / 290-9419
Fone/Fax:(011) 290-9419

FILIAL - SP
S.J. dos Campos
Pça. Cônego Lima, 08
1-A - Sala 11 - Centro
CEP 12210-080
Fone:(0123) 23-4096

FILIAL - SC
Florianópolis
R. Arcipreste Paiva, 85 - Sl.303
Ed. Cidade de Florianópolis
ao lado da Catedral
Fone:(0482) 24-2517

José Emilio Rondeau

A MITOLOGIA DA ESTRÉIA

O executivo de Hollywood perde o sono antes de aprovar o orçamento do filme. Ele emagrece e se irrita durante a filmagem, cada vez mais nervoso com atrasos e custos adicionais de produção. A caspa piora. As olheiras escurecem e afundam. O apetite sexual cai a níveis apavorantes. Os que bebem passam a encher o copo até a borda durante a pós-produção, quando parece que o filme jamais estará nas telas dentro do prazo previsto. Na hora das exibições-teste, então, saia de perto, porque os nervos deles estão em frangalhos. Mas, depois de tanto sofrer, o pior da agenda do nosso executivo ainda está por vir: o fim de semana de estréia.

Hollywood conhece – e venera – a importância do primeiro fim de semana de exibição: em muitas instâncias, é o momento da verdade de um filme. E em diversos casos é a última chance de impulsionar um produto fraco ou problemático.

O fim de semana de estréia representa de 20% a 30% da renda total final do filme. Por isso ele é tão importante no auxílio aos analistas que pretendem avaliar o potencial de um filme tão logo ele é lançado: uma boa estréia geralmente indica bons presságios e uma chance maior de boa renda quando forem computados todos os ingressos vendidos para o filme durante todo o seu tempo de exibição. Mas nem sempre: o processo dessa estimativa não é exatamente simples.

***Jurassic Park*, recordista de bilheteria no fim de semana de estréia**

Utilizando uma fórmula matemática talvez complicada demais para que nós, meros mortais, a compreendamos, os analistas levam em consideração a data da estréia, com quem o filme está disputando mercado (na estréia e nas semanas seguintes), o número de telas em que o filme está sendo exibido, quanto dinheiro se fez na estréia e, numa comparação com o fim de semana seguinte, em quanto caiu a freqüência do público. Daí sentenciam se o tal filme tem ou não chances de sobrevida – e de quanto tempo/dinheiro, exatamente.

Uma queda de público no segundo fim de semana é normal e aceitável – se não ultrapassar 15% em relação ao fim de semana da estréia. No caso de a queda ser de 20%, o quadro é preocupante: significa que o filme só se beneficiou da curiosidade inicial do público. Uma vez que as pessoas que formam o núcleo básico de freqüentadores regulares de cinema saciaram essa curiosidade e o boca-a-boca se alastrou, o grande público já sabe se o filme é bom ou ruim. E vai vê-lo ou não.

"Abrir grande", como se diz no jargão de Hollywood, é uma estratégia usada para contrabalançar um boca-a-boca negativo. Quando o estúdio não confia na longevidade de um filme, por exemplo, esconde o produto da crítica – para que nenhuma resenha seja publicada antes que o filme esteja nas telas – e o espalha pelo maior número possível de cinemas no fim de semana de estréia – geralmente mais de mil, nos Estados Unidos. Tenta-se, assim, levar o maior número possível de pessoas aos cinemas na estréia. Se o boca-a-boca for negativo, o estrago terá sido minimizado.

Outra arma importante na estréia é o calibre do astro ou da estrela principal. Julia Roberts será capaz de "abrir" o novo *I Love Trouble* (co-estrelado por Nick Nolte, um atrativo adicional, mas com poder de fogo bem inferior) sem maiores problemas antes que o público pós-estréia decida se quer ou não ver o filme. Kevin Costner segura tranqüilamente o primeiro fim de semana de *Wyatt Earp* – antes que o público resolva se lhe agrada um filme pesado, com mais de três horas de duração.

Há vezes, no entanto, em que nem um grande astro sustenta a estréia. Arnold Schwarzenegger que o diga. Depois de ter estado à frente de duas das vinte maiores estréias de todos os tempos – a de *Exterminador do Futuro 2* (9º lugar) e a de *O Vingador do Futuro* (16º) –, Schwarzie amargou uma estréia meia-bomba para seu *O Último Grande Herói*, que levou anticlimáticos US$ 15 milhões em seu primeiro fim de semana nos Estados Unidos.

Qual foi o erro? Muitos, principalmente de avaliação. Confiante demais no poder de fogo de Arnold (até então tido como o maior astro do cinema no mundo, incapaz de dar errado), o estúdio subestimou o apetite dos dinossauros de Steven Spielberg, que haviam chegado às telas uma semana antes, engolindo mais de US$ 50 milhões em seu fim de semana de estréia.

O inverso também acontece. *Traídos pelo Desejo* e *Quatro Casamentos e um Funeral* tiveram estréias mornas, com exibição reduzida, limitadíssima. Mas o boca-a-boca foi crescendo tanto que o primeiro recebeu indicações para o Oscar e tornou-se o filme mais rentável do ano. Já Hugh Grant, o astro de *Quatro Casamentos*, virou o ator inglês favorito de dez entre dez diretores de elenco em Hollywood.

AS MAIORES ESTRÉIAS DE HOLLYWOOD

1.	***Jurassic Park – O Parque dos Dinossauros***	**US$50.159,46**
2.	***Batman – O Retorno***	**US$47.720,71**
3.	***Batman***	**US$42.705,88**
4.	***Indiana Jones e a Última Cruzada***	**US$37.031,57**
5.	***Indiana Jones e o Templo da Perdição***	**US$33.936,11**
6.	***Máquina Mortífera 3***	**US$33.243,08**
7.	***Um Tira da Pesada 2***	**US$33.014,15**
8.	***A Firma***	**US$32.476,78**
9.	***O Exterminador do Futuro 2***	**US$31.765,50**
10.	***Esqueceram de Mim 2***	**US$31.126,88**

AGOSTO

VÍDEO SET

TOM HANKS e MEG RYAN
procuram o romance ideal em

SINTONIA DE AMOR

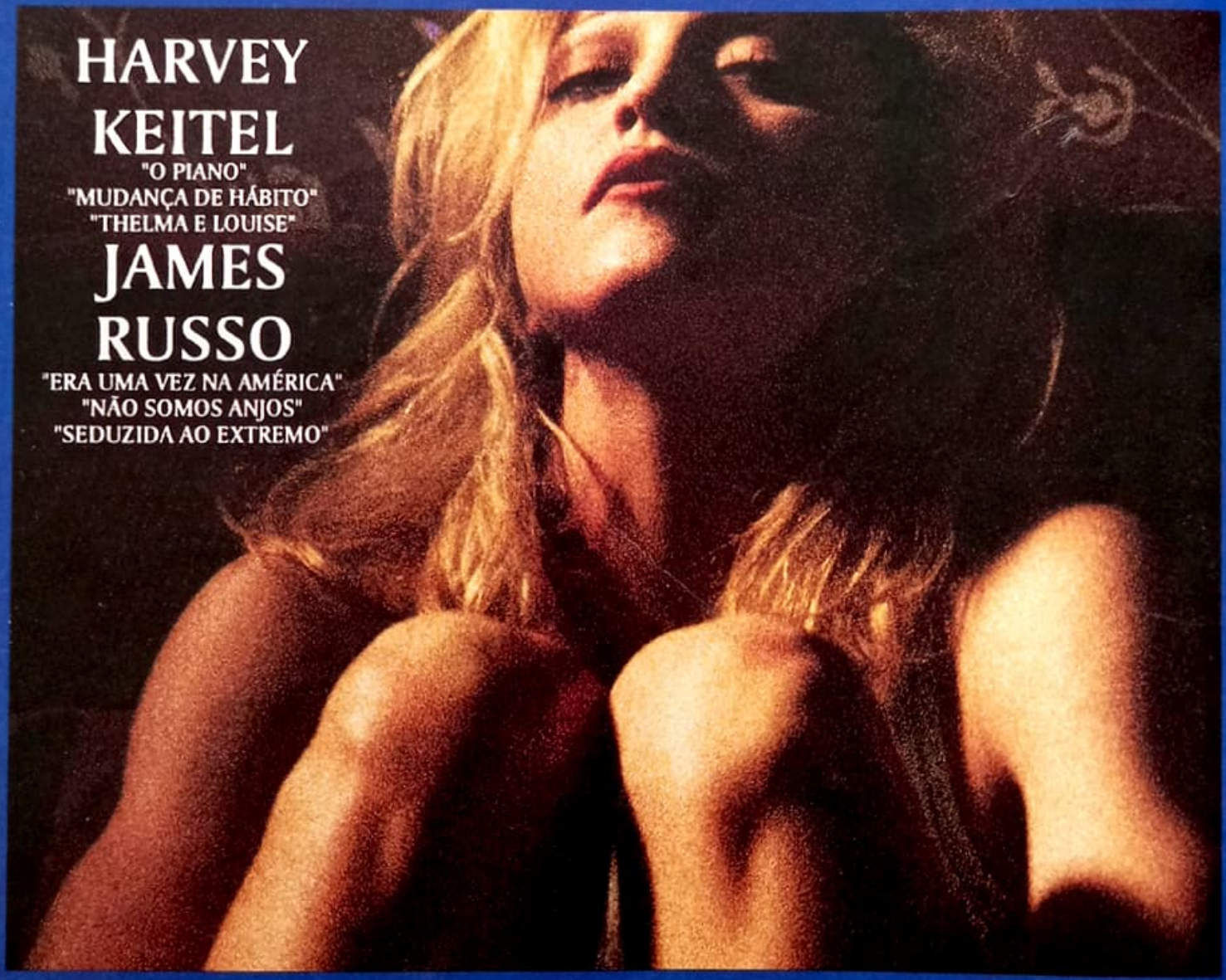
- **O PAGAMENTO FINAL**
  Al Pacino se regenera
- **UM MUNDO PERFEITO**
  Kevin Costner dá uma de vilão
- **UMA RUA CHAMADA PEÇADO**
  O filme que revelou Marlon Brando
- **PARENTE É SERPENTE**
  A comédia ácida de Mario Monicelli

- BLINK
- MALÍCIA
- ENTRE O CÉU E A TERRA
- ENCA1XOTANDO HELENA
- PRESIDENTE POR UM DIA
- ALVO DUPLO
- MUDANÇA DE HÁBITO 2
- A NOITE DOS MORTOS-VIVOS

MAIS UMA PERVERSÃO DE

MADONNA

JÁ NA SUA LOCADORA



PARIS VIDEO FILMES

olhos de serpente

"SNAKE EYES"

direção ABEL FERRARA

AMORES E OBSESSÕES

59 ENCAIXOTANDO HELENA
Julian Sands vive uma paixão perversa

60 UMA RUA CHAMADA PECADO
A revelação de Marlon Brando

66 SINTONIA DE AMOR
O romance que virou febre nas bilheterias

67 AO COMPASSO DO AMOR
Rita Hayworth e Fred Astaire juntos

67 CANDELABRO ITALIANO
O filme preferido de Ilka Tibiriçá

CRIMES E CRIMINOSOS

56 O PAGAMENTO FINAL
Al Pacino vive as agruras de um ex-traficante

57 UM MUNDO PERFEITO
Clint Eastwood dirige Kevin Costner

Fischer

64 BATMAN
O lado *dark* do herói

68 ALVO DUPLO
A fase chinesa de John Woo

70 BLINK
Madeleine Stowe enxerga os perigos da vida

70 THE LODGER
O primeiro suspense de Hitchcock

71 MALÍCIA
Trama repleta de reviravoltas

COMÉDIA

Warner

62 DAVE – PRESIDENTE POR UM DIA
Um zé-ninguém na Casa Branca

62 MÁQUINA QUASE MORTÍFERA 1
Participações especiais roubam o show

63 MUDANÇA DE HÁBITO 2
Mais cantoria no convento

FATOS REAIS

58 ENTRE O CÉU E A TERRA

Warner

Oliver Stone retorna ao Vietnã

58 LANCES INOCENTES
A história de um prodígio do xadrez

MONSTROS E DEMÔNIOS

72 O MISTÉRIO DE CANDYMAN
O terror premiado em Avoriaz-93

72 TROCAS MACABRAS
Uma boa adaptação de Stephen King

74 FOME ANIMAL
O máximo da escatologia

74 A NOITE DOS MORTOS-VIVOS
O pioneiro dos zumbis

Alpha

FICÇÃO

71 VIAGEM AO FUNDO DO MAR
O filme que deu origem à série

ÓPERA

64 DON GIOVANNI
Joseph Losey traduz a obra de Mozart

RELAÇÕES HUMANAS

59 CORPOS EM MOVIMENTO
A crônica da Geração X

60 PROIBIDO AMAR
O novo retrato familiar de Neil Simon

63 PARENTE É SERPENTE
Monicelli revigora o humor italiano

D R A M A

O PAGAMENTO FINAL ★★★

De Palma volta à forma

Depois do malogro de *A Fogueira das Vaidades* e *Síndrome de Caim*, Brian De Palma precisava apostar no certo. *O Pagamento Final* era um projeto sob medida para quem não se dispunha a correr muitos riscos: trazia um astro em plena forma – Al Pacino, com quem trabalhara em *Scarface* (1983) – e um argumento com farto espaço para pirotecnias, baseado em dois romances de Edwin Torres, o mesmo autor de *Q & A – Sem Lei, Sem Justiça*.

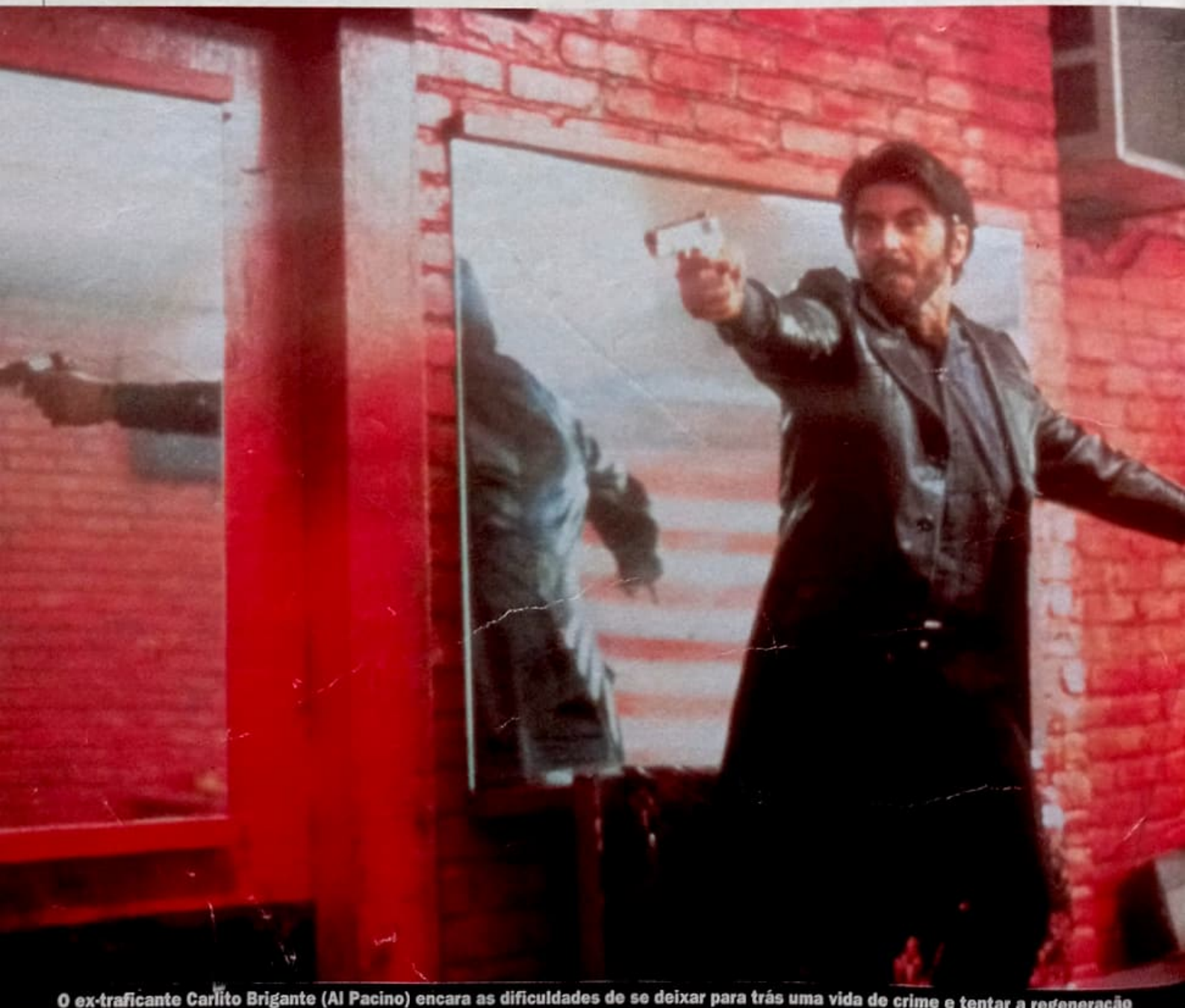
Deu certo: embora o filme não mereça figurar entre os melhores do cineasta, tem atuações precisas e meia dúzia de seqüências de tirar o chapéu – em boa parte, cortesia do fotógrafo Stephen H. Burum, de *O Selvagem da Motocicleta* e *Os Intocáveis*.

Carlito Brigante (Pacino) é um ex-traficante porto-riquenho que sai da cadeia decidido a não sujar as mãos. Sua antiga namorada (Penelope Ann Miller) agradece, mas seu advogado cocainômano (Sean Penn) puxa-o de volta ao crime. Um aspirante a gângster (John Leguizamo, notável) também lhe atravessa o caminho.

De Palma recria a Nova York dos anos 70 com um detalhismo que inclui hits da época na trilha sonora (a cargo do produtor e *hitmaker* Jellybean Benitez; a excelente música original é de Patrick Doyle, de *Henrique V* e *Voltar a Morrer*) e encerra a jornada com um empolgante corre-corre na Grand Central Station. Perdoem o moço pelos abacaxis anteriores.

(Carlito's Way, EUA, 1993) Direção: Brian De Palma. Com Al Pacino, Sean Penn, Penelope Ann Miller, John Leguizamo, Ingrid Rogers, James Rebhorn, Luis Guzman. 137 min. CIC.

SÉRGIO RIZZO



O ex-traficante Carlito Brigante (Al Pacino) encara as dificuldades de se deixar para trás uma vida de crime e tentar a regeneração

UM GRITO NO ESCURO ★★

INÉDITO NO CINEMA

(A Private Matter, EUA, 1992) Direção: Joan Micklin Silver. Com Sissy Spacek, Aidan Quinn, Estelle Parsons. 105 min. Capital.

Dramalhão que alerta as mulheres que já haviam se esquecido do fantasma da talidomida. Nos anos 60, um casal feliz, bem-sucedido e que espera o quinto filho vê o mundo ruir quando descobre os efeitos colaterais do calmante Distaval, ingerido pela esposa grávida. Eles iniciam, então, a batalha por um aborto legal. E é nessa hora que o filme descamba para *Você Decide*, com muita discussão sobre ser justo ou não impedir o nascimento de um ser humano. Por sorte, o final mostra uma luz no fim do túnel.

D.P.

CARTAS MARCADAS ★

INÉDITO NO CINEMA

(Family Prayers, EUA, 1991) Direção: Scott Rosenfelt. Com Joe Mantegna, Anne Archer, Tzvi Ratner-Stauber, Paul Reiser, Patti Lupone. 108 min. América.

Pai viciado em apostas (Mantegna) leva a família à desintegração. Quem mais sofre – além do espectador – é o filho pré-adolescente que, determinado a manter todos sob o mesmo teto, concorda em fazer seu *bar-mitzvah* (cerimônia judaica que marca a passagem da infância para a idade adulta). Mas o garoto se sente deslocado na escola, não consegue aprender hebraico, é uma criança séria demais etc. Fazer ou não o *bar-mitzvah* (leia-se: tornar-se ou não um homem) e ocultar ou não a jogatina do pai são portanto os grandes dramas do menino (cuja constante cara de enjôo é um desestímulo extra). E o que o público tem a ver com tudo isso? Só para sócios-fundadores do fã-clube de Joe Mantegna – que, aliás, não tinha nada o que fazer nesta produção soporífera.

I.B.

O criminoso Butch e o menino Phillip tentam descobrir o lado bom da vida

UM MUNDO PERFEITO ★★★★

Clint em busca do paraíso

Antes de realizar *Um Mundo Perfeito*, Clint Eastwood já se questionava sobre o que e como seria "o mundo perfeito". Em *Os Imperdoáveis*, por exemplo, ele está prestes a defini-lo quando os revezes tomam a vida do personagem de assalto.

Clint prova em *Um Mundo Perfeito* que uma pessoa é má porque não lhe foi dada oportunidade de provar que é boa. O mal existe porque é uma maneira de sobreviver. Porque, sem o mal, não haveria o bem. Não havendo o bem, não há redenção e, por conseqüência, não existiriam os princípios morais que governam a sociedade.

Foi nos promissores anos 60 americanos que Clint encontrou o cenário para contar sua visão de um "mundo perfeito", e em Kevin Costner, o meio. Ele é Butch, um bandido recém-foragido, dividido entre o bem e o mal e que busca, num cartão-postal e na figura de Phillip – garoto que faz seu refém –, a força para continuar procurando o paraíso perdido.

Alimentando as fantasias de Phillip – fascinado pelo Dia das Bruxas, festa proibida por sua mãe devido a convenções religiosas – durante a perseguição do policial Garnett (Eastwood), Butch descobre seu lado bom, obscurecido pela necessidade de sobreviver.

Para Clint, a moral da história é simples: se o mundo fosse perfeito, Butch encontraria a paisagem do cartão-postal. Mas como se sentiria ao chegar lá?

(A Perfect World, EUA, 1993) Direção: Clint Eastwood. Com Kevin Costner, Clint Eastwood, Laura Dern, T.J. Louther. 139 min. Warner.

DEBORAH PELEIAS

Hiep Thi Le e seus filhos se vêem perdidos entre a terra e o céu

Warner

ENTRE O CÉU E A TERRA ★★★

Cinefascismo

Oliver Stone exagera na dose. Em sua aflição de educar o público sobre os erros e tragédias acarretados pela intervenção americana no Vietnã, o diretor não deixa ninguém sofrer em paz: em *Entre o Céu e a Terra*, quer extrair a "verdade" (a sua, é claro) das próprias vísceras do espectador. O problema é que Stone não é um cineasta medíocre: filma com domínio absoluto de imagem e ação, massacrando o público com a maior sem-cerimônia.

Para encerrar sua trilogia sobre a Guerra do Vietnã, o diretor escolheu o ponto de vista dos vietnamitas. O material veio da autobiografia de Le Ly Hayslip, arrancada ainda na adolescência de seu idílico vilarejo, torturada pelos dois lados do conflito, mãe solteira e depois mulher de um veterano americano.

Os sofrimentos enfrentados por Le Ly são de fato duríssimos. Stone, porém, trata de acentuá-los até o limite da obviedade e da pieguice, destruindo com seus excessos o que seria naturalmente envolvente. Exemplo disso é a longa seqüência em que, atormentado por seus crimes de guerra, Tommy Lee Jones encosta uma arma na cabeça de Le Ly e tenta se decidir a matá-la.

Tudo contribui para a histeria. A música do *new age* Kitaro parece sempre anunciar a chegada de Buda num cavalo branco, quando tudo que a tela oferece são cenas dos camponeses ainda "de bem" com sua terra ancestral. E a fragilidade da novata Hiep Thi Le a marca de cara para o papel de vítima.

E o que sobra? Um filme que poderia ser grande mas que corteja o ridículo e desrespeita o espectador, privado do direito de escolher suas reações. Ainda assim, deve ser visto: não há por aí muitos cineastas com esse poder de manipulação – mesmo que Stone use de meios discutíveis para atingir seus fins.

(Heaven and Earth, EUA, 1993) Direção: Oliver Stone. Com Hiep Thi Le, Tommy Lee Jones, Joan Chen, Haing S. Ngor. 142 min. Warner.

ISABELA BOSCOV

TEMPO DE GUERRA ★★

(Class of '61, EUA, 1993) Direção: Gregory Hoblit. Com Christian Amholt, Andre Braugher, Dan Futterman. 95 min. CIC.

Este telefilme deveria ter sido o piloto de uma série. A produção leva a assinatura de Spielberg e é detalhista, apesar de não ter o orçamento hollywoodiano que uma recriação histórica exigiria. O filme conta a história de três oficiais, formandos de West Point em 1861, que são separados pelo início da Guerra de Secessão norte-americana (1861-1865). Um deles, Shelby (Amholt), fica do lado dos confederados. Outro dos dois amigos – que ficam nas linhas da União – viria a ser o controvertido general George Custer. O filme não dá tempo ao desenvolvimento dos personagens, e o melhor fica com a reprodução da batalha de Bull Run.

M.S.

SONHOS PERDIDOS ★★

(Dream Breakers, EUA, 1989) Direção: Stuart Millar. Com Robert Loggia, Kyle MacLachlan, D.W. Moffett,. 93 min. Abril Vídeo.

Filme para TV a cabo que não é lá essas coisas, apesar do bom elenco e da produção esmerada. A história de dois irmãos que se digladiam por seus ideais tem mais pontos baixos do que altos. MacLachlan é um padre que luta contra a especulação imobiliária em sua comunidade e tenta realizar o último desejo de uma senhora – construir um parque num terreno supervalorizado de Chicago. Ao mesmo tempo, seu irmão, Moffett, é um advogado contratado por uma construtora, cujo desafio é fazer com que a velhinha venda o terreno. E assim os dois se chocam de frente; mas, como reza a cartilha dos roteiristas, o bem sempre vence no fim.

D.P.

LANCES INOCENTES ★★★

Enxadrista prodígio

INÉDITO NO CINEMA

Dirigido por Steven Zaillian, roteirista de *Tempo de Despertar* e ganhador do Oscar pela adaptação de *A Lista de Schindler*, este filme é uma espécie de *Mentes que Brilham* dos enxadristas. Trata-se, como o filme de Jodie Foster, de uma estréia na direção (com roteiro do próprio Zaillian), mostrando a trajetória do pequeno Josh (Max Pomeranc), um garoto-prodígio do xadrez incentivado pelo pai (Joe Mantegna). Talvez por isso, ou pelo interesse específico que o tema desperta, mostre mais possibilidades do que talento. Mesmo assim, já conseguiu uma indicação para o Oscar de melhor fotografia.

Ben Kingsley faz o veterano que vê no menino a possibilidade de se transformar em um campeão como Bobby Fischer. O filme mapeia as implicações pessoais dessa situação de maneira discreta. Curiosidade: a presença de Laurence Fishburne (o Ike Turner de *Tina*) como um jogador de xadrez.

(Searching for Bobby Fischer/Innocent Moves, EUA, 1993) Direção: Steven Zaillian. Com Joe Mantegna, Max Pomeranc, Joan Allen, Ben Kingsley, Laurence Fishburne. 110 min. CIC.

CESAR GARCIA LIMA

Laurence Fishburne e o garoto Max Pomeranc ensaiam jogadas geniais

DC

As amigas Bridget Fonda e Phoebe Cates divagam sobre seus impasses amorosos

Europa/Carat

CORPOS EM MOVIMENTO ★★★

O declínio da afetividade moderna

A Geração X chega às telas. Adultos no final dos seus vinte ou já na casa dos trinta anos, emocionalmente instáveis, conformados com a falta de perspectivas extasiantes, com trabalhos insignificantes (*macjobs*, como se fala em inglês) e muito distantes do glamour yuppie. O roteiro de Roger Hedden parte da primeira lei da Física (corpos só saem do estado inercial com a ação direta de uma força externa) para criar uma situação mínima, quase teatral, em que os protagonistas se encontram e desencontram em nome do amor e da amizade.

O filme é lento e pontuado por tomadas de um cactus isolado e – lógico – imóvel. A bela música de Michael Convertino apóia as interpretações críveis do simpático quarteto de atores (Stoltz também é co-produtor, sinal da amizade que nasceu quando ele e o diretor Steinberg trabalharam juntos em *O Despertar para a Vida*), que interpreta seres humanos medíocres, cuja única ambição maior é fugir da solidão. Filme melancólico, uma poesia silenciosa sobre o declínio da afetividade moderna. E como tal, vaga e assustad(or)a.

(Bodies, Rest & Motion, EUA, 1993) Direção: Michael Steinberg. Com Tim Roth, Bridget Fonda, Eric Stoltz, Phoebe Cates, Peter Fonda. 94 min. Europa/Carat.

CHRISTIAN PETERMANN

PERIGO EM FAMÍLIA ★★

INÉDITO NO CINEMA

(Fathers and Sons, EUA, 1991) Direção: Paul Mones. Com Jeff Goldblum, Rory Cochrane, Rosanna Arquette. 97 min. LK-Tel/Vídeo.

Drama com lances de suspense que mostra Jeff Goldblum no papel de um viúvo que vive à beira-mar e passa por conflitos com o filho adolescente. O garoto está descobrindo o sexo e as drogas e o pai está muito solitário. Em seu *cooper* diário, conhece uma garota misteriosa (Arquette), que lhe fala de um futuro sombrio. Logo depois, um andarilho ameaça seu filho e ele revê toda sua vida. Goldblum é melhor em papéis mais exóticos, mas as cenas do garoto têm seu charme.

C.G.L.

ENCAIXOTANDO HELENA ★★

Covardia a toda prova

Madonna e Kim Basinger já tiveram sua cota de obras ruins, mas foram sábias ao rejeitar a proposta de atuar em *Encaixotando Helena*, um dos filmes mais ridículos a ocupar nossas telas recentemente. Até mesmo a multa vultosa que Kim teve de pagar por ter voltado atrás é fichinha diante do vexame de dar suas caras nesta obra. Ela é ridícula não por causa de sua psicologia de almanaque, nem por causa de seu entrecho antifeminista, nem muito menos pelo suposto mau gosto da idéia central. A idéia, pelo contrário, é fascinante: até que extremos alguém pode chegar para manter a pessoa desejada à mercê de suas vontades? É possível amputá-la?

O que irrita – e muito – é a covardia da diretora/roteirista Jennifer Lynch. Ela até herdou do papai David Lynch o gosto pelo mórbido e alguns maneirismos de câmera, mas não sua ousadia. Ela cria uma premissa curiosa, mas conclui sua trama sem assumir a idéia central. Qual então a razão de ser da fita: o retorno de Art Garfunkel às telas? E como o filme se leva totalmente a sério, nem ao menos faz rir – é apenas risível.

(Boxing Helena, EUA, 1993) Direção: Jennifer Chambers Lynch. Com Sherilyn Fenn, Julian Sands, Bill Paxton, Art Garfunkel. 105 min. Paris.

CHRISTIAN PETERMANN

Paris

Julian Sands admira sua bela encaixotada (Sherilyn Fenn)

Videolançamentos

LK-Tel/Vídeo

NARCODÓLARES – UMA CILADA DE FILHO PARA PAI ★★

(Day of Atonement/Le Grand Pardon II, França, 1992) Direção: Alexandre Arcady. Com Roger Hanin, Richard Berry, Christopher Walken, Jennifer Beals, Jill Clayburgh. 125 min. HVC.

Continuação de *O Grande Perdão* (1982), que foi "vendido" como *O Poderoso Chefão* francês e judaico. O patriarca criminoso (Hanin) passa dez anos na cadeia, é libertado pelo comissário que o perseguiu no filme anterior (ponta de Jean-Louis Trintignant) e viaja para Miami, onde seu filho (Berry) é um dos maiorais na lavagem de narcodólares. Este será duplamente traído e precisará da ajuda do rei do pó colombiano (Walken). O final é explosivo. Sofre, porém, do mal de muitos dramas de ação franceses: verborragia, excesso de personagens e lerdeza. O filme está dublado em inglês e chega com vinte minutos a menos que a versão original. É tão anódino quanto a participação de Clayburgh, que ao todo tem uma fala.

C.P.

PROIBIDO AMAR ★★★

O fim da infância

O dramaturgo Neil Simon já forneceu material para filmes deliciosos, como *Se Meu Apartamento Falasse*, *Um Estranho Casal* e *Metido em Encrencas*. Mas, para que seus textos rendam ao máximo na tela, é preciso que a direção acompanhe as sutilezas de seu humor tragicômico. E é aí que a coisa "pega" neste *Proibido Amar*: Martha Coolidge (*Angie*) é uma diretora de mão pesada, e nem sempre aproveita a contento os esforços do bom elenco.

À história: os irmãos Jay e Arty têm que passar uns tempos na casa da avó, uma megera que transformou cada um dos filhos numa espécie de deficiente emocional. Mais marcante para os meninos será a convivência com a tia Bella (Ruehl), uma trintona que preserva a idade mental de uma criança, e com o tio Louie (Dreyfuss), um vigarista metido a durão. Através dos dois – e da avó, interpretada com maestria por Irene Worth – farão a transição da infância ao mundo adulto.

Poderia ser uma pequena obra-prima, mas a direção estridente não deixa. Vale pelos diálogos e pelos atores de primeira linha – Ruehl e Worth, aliás, foram premiadas com o Tony pelos mesmos papéis no teatro.

(Lost in Yonkers, EUA, 1993) Direção: Martha Coolidge. Com Mercedes Ruehl, Richard Dreyfuss, Irene Worth, Brad Stoll, Mike Damus, David Strathaim. 112 min. LK-Tel/Vídeo.

Isabela Boscov

Mercedes Ruehl tenta convencer David Strathaim a se entregar à paixão

SANGUE E AREIA ★★★

(Blood and Sand, EUA, 1922) Direção: Fred Niblo. Com Rodolfo Valentino, Nita Naldi, Walter Long, Lila Lee. 80 min. Continental.

Valentino (1895-1926) já era símbolo sexual quando encarnou Juan Gallardo, o toureiro espanhol do romance de Vicente Blasco-Ibáñez que seria adaptado também por Rouben Mamoulian em 41 (com Tyrone Power e Rita Hayworth) e por Javier Elorrieta em 89 (carregação com Sharon Stone e Ana Torrent). A primeira versão é cheia de dedos ao mostrar Juan dividido entre a esposa (Lee) e a amante, uma "serpente do diabo" (Naldi). Apesar do tratamento casto, Valentino arruma espaço para exibir as caras e bocas de estátua latina que o transformaram em mito. Na arena, confirma o apelo sexual. Outro lançamento recente em vídeo, *A Águia* (25), traz o ator já em declínio mas ainda capaz de seduzir o público, como um cavaleiro que rouba dos ricos para dar aos pobres. Robin Hood nos primeiros e ingênuos tempos da brilhantina no cinema.

S.R.

Vivien Leigh (como Blanche) reage às investidas de Brando

UMA RUA CHAMADA PECADO ★★★★

A fúria da sensualidade

Uma Rua Chamada Pecado é um filme de um furor impecável. Claro, "furor" e "impecável" são idéias contraditórias, irreconciliáveis. Mas *Uma Rua* é o filme em que se encontram todos os irreconciliáveis do mundo.

A começar, claro, por Blanche Dubois (Vivien Leigh), fina, decadente, reprimida. Um tipo saído do Sul de Tennessee Williams, por certo, mas quase, também, de *...E o Vento Levou*.

Ela vai morar com a irmã Kim Hunter e o cunhado grosseiro e sensual (Marlon Brando). Sua presença transformará a vida dos dois, e a própria. É um filme que assume outra contradição, entre teatro e cinema, fazendo teatro realista e cinema teatral, mas saindo mais que honrosamente dessa sinuca.

Claro, para isso Elia Kazan contou com a ajuda de um elenco admirável (é um filme de roteiro e elenco, essencialmente) e, sobretudo, a descoberta prodigiosa de Marlon Brando. Só ele valeria o espetáculo. Mas há muito mais, a começar pelo desejo e pela transtornante sensualidade.

(A Streetcar Named Desire, EUA, 1951). Direção: Elia Kazan. Com Marlon Brando, Vivien Leigh, Kim Hunter, Karl Malden. 122 min. Warner.

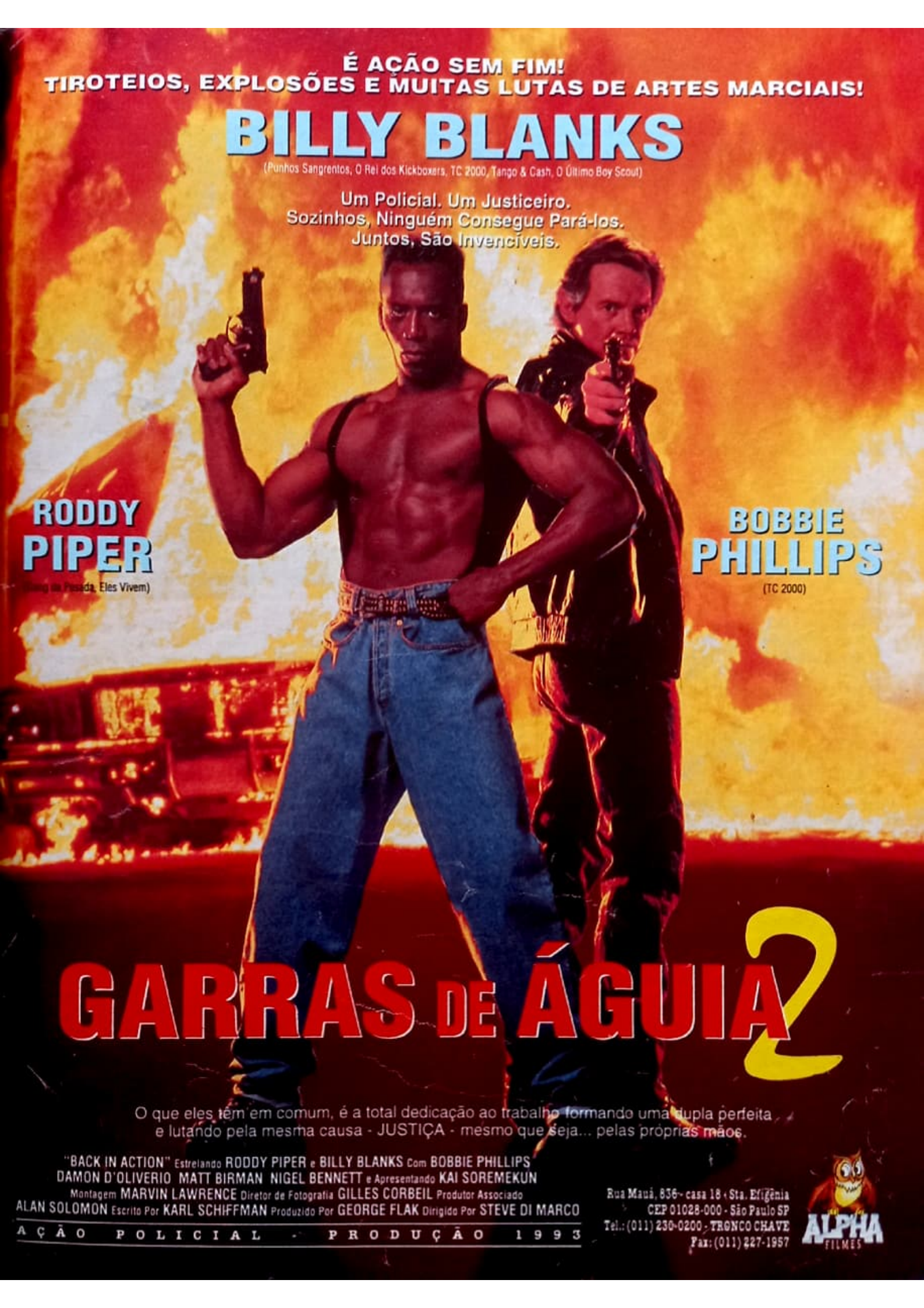
Inácio Araújo

É AÇÃO SEM FIM!
TIROTEIOS, EXPLOSÕES E MUITAS LUTAS DE ARTES MARCIAIS!

BILLY BLANKS

(Punhos Sangrentos, O Rei dos Kickboxers, TC 2000, Tango & Cash, O Último Boy Scout)

Um Policial. Um Justiceiro.
Sozinhos, Ninguém Consegue Pará-los.
Juntos, São Invencíveis.



RODDY PIPER
(Gang de Pesada, Eles Vivem)

BOBBIE PHILLIPS
(TC 2000)

GARRAS DE ÁGUIA 2

O que eles têm em comum, é a total dedicação ao trabalho formando uma dupla perfeita e lutando pela mesma causa - JUSTIÇA - mesmo que seja... pelas próprias mãos.

"BACK IN ACTION" Estrelando RODDY PIPER e BILLY BLANKS Com BOBBIE PHILLIPS
DAMON D'OLIVERIO MATT BIRMAN NIGEL BENNETT e Apresentando KAI SOREMEKUN
Montagem MARVIN LAWRENCE Diretor de Fotografia GILLES CORBEIL Produtor Associado
ALAN SOLOMON Escrito Por KARL SCHIFFMAN Produzido Por GEORGE FLAK Dirigido Por STEVE DI MARCO

AÇÃO POLICIAL - PRODUÇÃO 1993

Rua Mauá, 836 - casa 18 - Sta. Efigênia
CEP 01028-000 - São Paulo SP
Tel.: (011) 230-0200 - TRONCO CHAVE
Fax: (011) 227-1957

ALPHA FILMES

COMÉDIA

PRESIDENTE POR UM DIA ★★★★

Warner

Altruísmo versus corrupção

Embora explorado em demasia por Hollywood, o tema do sósia tomando o lugar do líder de uma nação (*O Grande Ditador*, *Luar sobre Parador*) ainda não chegou ao esgotamento total. É o que atesta esta comédia do talentoso Ivan Reitman (*Um Tira no Jardim da Infância*). Influenciado pela obra de Capra nos anos 40, Reitman adicionou contagiante clima de altruísmo e justiça em meio à corrupção encontrada na Casa Branca por Dave, dono de uma agência de empregos que substitui o presidente devido ao derrame que este sofreu nos braços de uma garota de programa.

Em seu conteúdo ético e generoso, esta é uma fábula que concilia habilmente o sentimental e o notável humor dos qüiprocós provocados pela situação principal (o encontro da primeira-dama no banheiro, por exemplo) e pelo insaciável poder de manipulação do chefe de gabinete (o sinistro Langella). O filme é também valorizado pela calorosa e versátil atuação do excelente Kevin Kline, em papel duplo.

(Dave, EUA, 1993) Direção: Ivan Reitman. Com Kevin Kline, Sigourney Weaver, Frank Langella, Ben Kingsley. 108 min. Warner.

ALFREDO STERNHEIM

A primeira-dama mantém as aparências com o dublê de presidente

O FILHO DA PANTERA COR-DE-ROSA ★★★

(Son of the Pink Panther, EUA, 1993) Direção: Blake Edwards. Com Roberto Benigni, Herbert Lom, Claudia Cardinale. 92 min. Warner.

O sucesso da série *A Pantera Cor-de-Rosa*, dirigida por Blake Edwards e estrelada por Peter Sellers – morto em 1980, após imortalizar nas telas o atrapalhado inspetor Clouseau –, inspirou mais este episódio, com a mesma equipe de produção e uma grande diferença: agora é o filho ilegítimo do inspe-tor quem infernniza a vida do comissário Dreyfuss (Lom). Roberto Benigni (*Johnny Stecchino*) ficou um pouco aprisionado ao tipo, mas tem ótimas seqüências como o policial de rua encarregado de ajudar Dreyfuss a desvendar o seqüestro da rica princesa Yasmim. A trama é previsível mas nem por isso menos divertida.

F.G.

LOUCOS E NERVOSOS ★★★

(Nervous Ticks, EUA, 1991) Direção: Rocky Lang. Com Bill Pullman, Peter Boyle, Julie Brown. 90 min. LK-Tel/Vídeo.

INÉDITO NO CINEMA

Comédia angustiante que flagra York (Pullman), um controlador de bagagem no aeroporto, exatamente às 18h30 do dia em que deverá embarcar para o Rio com sua amante casada. Nesses noventa minutos que separam York de sua fuga, ele vai se envolver com mafiosos, desviar-se de um marido com instintos assassinos (Boyle), tentar abocanhar um prêmio de US$ 100 mil num concurso, enfrentar as doidices de sua amada (que adora ligar todos os eletrodomésticos da casa ao mesmo tempo), resolver problemas amorosos dos vizinhos e por aí afora. Ufa! A ação do filme transcorre exatamente (bem, quase) nessa hora e meia, provocando mais aflição do que gargalhadas no espectador. Mas vale por Pullman (de *Malícia*), sempre simpático.

I.B.

O policial Emilio Estevez leva uma vida de cachorro

Europa/Carat

MÁQUINA QUASE MORTÍFERA 1 ★★

Piadas manjadas

Depois das paródias malucas do trio ZAZ, fica difícil engolir qualquer outro filme do gênero. Não há meio-termo: ou se tem tradição ou não.

É o caso do diretor Gene Quintano, que começou a carreira reescrevendo os roteiros de dois filmes de uma das piores séries da história – *Loucademia de Polícia 3* e *4* – e se meteu a parodiar a trilogia *Máquina Mortífera*. Não bastassem as "n" aparições especiais (das Tartarugas Ninja a Corey Feldman, Erik Estrada, Charlie Sheen e Bruce Willis) e as "n" citações a filmes de sucesso – *O Silêncio dos Inocentes*, *Instinto Selvagem*, *Hot Shots!* –, tem-se que agüentar as piadas mais manjadas e que hoje em dia não colam, a não ser em *Corra que a Polícia Vem Aí*.

No fim das contas, os risos que saem são nervosos, típicos de quem não vê a hora de se livrar de algo incômodo. Até a trilha sonora é irritante. Mas há quem curta. Afinal, há gosto para tudo.

(National Lampoon's Loaded Weapon I, EUA, 1992) Direção: Gene Quintano. Com Emilio Estevez, Samuel L. Jackson, Whoopi Goldberg, William Shatner, Tim Curry. 82 min. Europa/Carat.

DEBORAH PELEIAS

A vida em família só dá margem a desentendimentos na comédia ácida de Monicelli

Look

PARENTE É SERPENTE ★★★★

Risos amargos

Desde Totó, a comédia italiana divulgou um tipo de italiano que parece um pouco o brasileiro das chanchadas: pobre, irresponsável, quase sempre malandro, invariavelmente alegre.

A recuperação econômica do pós-guerra parece ter afetado essas qualidades. Ao longo dos anos 60, a comédia italiana declinou (apesar de alguns filmes fulgurantes, como *O Incrível Exército de Brancaleone*, do próprio Mario Monicelli) e entrou nos 70 em franca agonia.

Restaram os brilhos esparsos. O que Monicelli faz em *Parente É Serpente* talvez seja de outra ordem. Ao mostrar uma reunião familiar de Natal, é outra Itália que está em cena. Nada a ver com os anos 50. Agora, temos um grupo de pessoas remediadas – como se dizia – que levam ao encontro dos pais suas manias, aspirações a status, pequenas mazelas e grandes mesquinharias. À alegria protocolar substitui-se o clima de enterro, quando os velhos comunicam que pretendem morar com um dos filhos. Isso ninguém quer. A solidariedade dos tempos duros é um valor passado. A convivência é um fardo.

Essa Itália rica, mas também enrijecida, é o alvo de Monicelli. A partir dele, faz uma comédia amarga, cheia de vitalidade e como dos velhos tempos, em que se ri a bandeiras despregadas. Mais: sintonizado com a nova Itália, é capaz também de apontar um caminho para essa antiga e magnífica tradição de comédia.

(Parenti Serpenti, Itália, 1993) Direção: Mario Monicelli Com Tommaso Bianco, Renato Cecchetto, Marina Confalone. 138 min. Look.

INÁCIO ARAUJO

UMA GAROTA EM APUROS ★★★

INÉDITO NO CINEMA

(Teresa's Tattoo, EUA, 1993) Direção: Julie Cypher. Com Adrienne Shelly, C. Thomas Howell, Jonathan Silverman, Lou Diamond Phillips. 90 min. Look.

Comédia adolescente acima da média, apesar do roteiro convencional (identidades trocadas, perseguições, vilões patetas e personagens modernininhos). A história ganha novos ares com o elenco esperto (as "pontas" incluem a cantora k.d. lang como uma mãe crente e os "veteranos" Kiefer Sutherland e Tippi Hedren). Com um humor pastelão, o filme usa intertítulos lidos por um narrador tipo *Corra que a Polícia Vem Aí* e tem até uma cena com socos escritos na tela, como na série *Batman*. Completam o quadro canções assinadas pela artista folk Melissa Etheridge – que faz uma prostituta – e uma dedicatória aos atores Fred Gwynne e Brandon Lee.

CH.P.

SE BRINCAR O BICHO MORDE ★★★

(The Sandlot, EUA, 1993) Direção: David Mickey Evans. Com Tom Guiry, Mike Vitar, Karen Allen, James Earl Jones. 105 min. Abril Vídeo.

Dá para entender por que esta comédia infantil foi sucesso em vídeo nos EUA: é um filme sobre beisebol, a história se passa em 1962 – antes da morte de Kennedy e da derrocada do sonho americano de hegemonia política – e tem uma trilha deliciosa. O otimismo está estampado na história do garoto que, aceito no time de beisebol da vizinhança, ganha amigos e aprende a se divertir. O bom roteiro – que podia dispensar a narrativa baba em *off* – e a figura do gigantesco cão que abocanha a bola do pai de um dos garotos, assinada pelo ídolo Babe Ruth, são dois destaques. Para as crianças, enfrentar a fera para recuperar a bola equivale a encarar a passagem para o mundo adulto. É aí que o filme seduz. Afinal, quem não tem seus monstrinhos internos para enfrentar?

F.G.

MUDANÇA DE HÁBITO 2 – MAIS LOUCURAS NO CONVENTO ★★★

Noviças continuam rebeldes

Whoopi Goldberg despertou a inveja feroz das coleguinhas de Hollywood ao receber cerca de US$ 7 milhões pela continuação de *Mudança de Hábito*. Pura dor de cotovelo, porque Whoopi sabe quanto vale e sabe também que carrega o filme nas costas, com seu carisma para a comédia e autenticidade quando dá uma de cantora.

A história é simples: as simpáticas freiras que haviam acolhido a *crooner* Deloris em seu convento no primeiro filme querem agora ajuda para salvar da ruína a escola de seu bairro. É claro que Deloris volta ao hábito para ensinar música, monta um coral com os jovens mais rebeldes e desperta neles a vontade de lutar pelo colégio.

Tudo isso é encenado por Bill Duke – que já mostrara talento no estilizado *Perigosamente Harlem* – com premeditado exagero no uso das cores, nos arranjos das músicas, nas coreografias e no paralelismo das tramas, para compensar o apertado calendário das filmagens. Os reflexos dessa opção são visíveis, mas não chegam a comprometer, porque numa coisa Duke acertou: na escolha dos atores jovens, carismáticos, e na manutenção do elenco original.

(Sister Act 2: Back in the Habit, EUA, 1993) Direção: Bill Duke. Com Whoopi Goldberg, Kathy Najimi, James Coburn, Maggie Smith. 98 min. Abril Vídeo.

FÁTIMA GRILLOTTI

Abril Vídeo

Deloris (Whoopi) procura o tom certo entre o humor e a música

DESENHO

Batman enfrenta vilões com uma dose extra de ação e de violência

Warner

BATMAN ★★★

Animação à altura do herói

Se a nova série de animação para TV do Batman já recuperava com sucesso a imagem *noir* do herói, este longa acentua a turbulenta trajetória do homem-morcego com uma pitada a mais de violência. A série (que o SBT vem apresentando aos domingos) sofreu restrições quanto à exibição de armas, álcool, personagens feridos etc. Esta produção, concebida originalmente para o mercado de vídeo (e readaptada para cinema, onde foi lançada nos EUA), escapou às regras da TV americana e mostra Batman enfrentando gângsteres que atiram à queima-roupa, ou o Coringa espirrando ácido pela sua flor de lapela.

Toda essa ação extra ilustra uma boa história. Um novo justiceiro, o Phantasm, está eliminando bandidos e pondo a culpa no Batman. Durante a investigação, este encontra Andrea Beaumont, uma velha paixão que quase convenceu Bruce Wayne a desistir de sua cruzada contra o crime. Flashbacks românticos se alternam à pancadaria. Além da boa animação, há as ótimas performances vocais dos atores Kevin Conroy (Batman), Mark Hamill (Coringa) e Stacy Keach (Phantasm).

(Batman – The Mark of the Phantasm, EUA, 1993). Direção: Eric Randomski e Bruce Timm. 74 min. Warner.

MARCOS SMIRKOFF

ÓPERA

DON GIOVANNI ★★★★

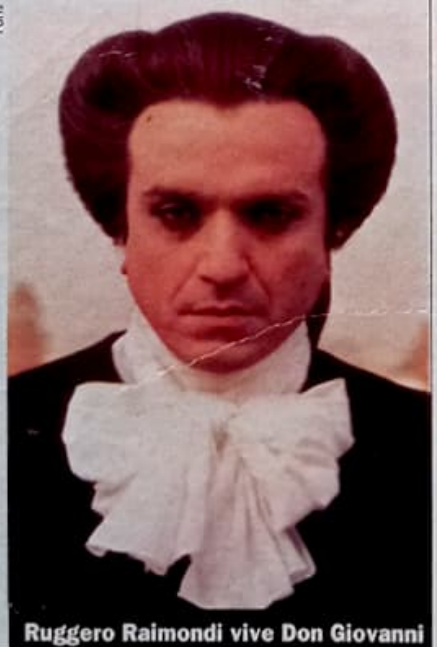
Mozart por Joseph Losey

O palácio e o teatro em estilo grego construídos em Vicenza, perto de Veneza, pelo arquiteto renascentista Palladio, formam o cenário ideal para *Don Giovanni*, a filmagem da ópera de Mozart feita por Joseph Losey. Não são igualmente felizes, neste filme visualmente belíssimo, todas as soluções encontradas para traduzir, em termos cinematográficos, situações originalmente pensadas para o palco. Mas são inúmeros os achados que não apenas rompem com os limites da cena, como também iluminam e esclarecem a intriga e as motivações das personagens.

A encenação brilhante emoldura o trabalho de ótimos cantores-atores: Edda Moser e Kiri Te Kanawa, Ruggero Raimondi e José van Dam (intérprete também do Mestre da Música, de G. Gorbiau). Quem desequilibra o elenco é o inglês Kenneth Riegel, um Don Ottavio de figura grotesca e voz sem atrativos. Em compensação, o *mezzo* espanhol Tereza Berganza, fazendo Zerlina, dá uma lição de como, com o perfeito domínio dos recursos cênicos, é possível superar limitações de idade e tipo físico e criar uma personagem de forma absolutamente verossímil.

(Don Giovanni, França/Itália/Alemanha, 1979) Direção: Joseph Losey. Regência: Lorin Maazel. 184 min. Paris.

LAURO MACHADO COELHO



Paris

Ruggero Raimondi vive Don Giovanni

POLICIAL

JUSTIÇA EXTREMA ★★★

(Extreme Justice, EUA, 1993) Direção: Mark L. Lester. Com Scott Glenn, Lou Diamond Phillips, Chelsea Field. 91 min. América.

Policial convencional, mas com ação suficiente para dar certo em vídeo. Dois elementos se sobressaem: a extrema violência – há cenas chocantes de sadismo e sanguinolência – e a análise (superficial) da ética policial. É uma ficção em torno de um fato verídico: a formação de um secreto grupo de elite entre a polícia de Los Angeles que tem liberdade de prender (e matar) criminosos de alta periculosidade – uma espécie de Esquadrão da Morte semilegalizado. O filme só levanta a peteca da discussão, mesmo porque prefere contar uma historinha clichê para amarrar suas cenas. De qualquer forma, o faz com competência e sem brilho.

C.P.

TRAÍDO PELA ILUSÃO ★★★

(Past Tense, EUA, 1994) Direção: Graeme Clifford. Com Scott Glenn, Lara Flynn Boyle, Anthony LaPaglia. 87 min. Vídeo Arte.

Policial com jeito de cult. Scott Glenn (de *Silverado*) é um tira e escritor que tem sua vida virada pelo avesso neste filme moldado segundo os ensinamentos de *Twin Peaks*. Ou seja, uma intriga está dentro de outra intriga, que está dentro de outra intriga. O roteiro garante uma surpresa nova a cada cena, embora fique a impressão de um embrulho meio desarranjado. O pivô da história é Lara Flynn Boyle (*Twin Peaks*, ora, ora!), e na outra ponta está Anthony LaPaglia (*Inocente Mordida*). Glenn está num bom momento, e Clifford (*Frances*) garante uma boa direção de atores.

FRANCISCO CUOCO

DUBLADO

WALT DISNEY CLÁSSICOS

APENAS R$ 26,00

OLHA QUE PRESENTE GENIAL PARA SEU FILHO !

Aladdin

A JOINTVIDEO tem muita emoção, aventura e fantasia para você ter em casa para sempre. Fitas de vídeo dos clássicos infantis, super-produções dos estúdios Disney e um variado acervo com desenhos que agradam crianças e adultos. E o genial da história: você faz o pedido por telefone ou envia o cupom e a JOINTVIDEO entrega, de moto (grátis para São Paulo e grande São Paulo) ou via Sedex para todo o País. Rápido e prático. E você ainda pode pagar com seu cartão de crédito.

Ligue já: (011)290.0811

TÍTULOS POR R$ 25,00

Aproveite e encomende emoções também para você:

CLÁSSICO . ERÓTICO . AVENTURA . FILME DE ARTE . WESTERN . SUSPENSE . MUSICAL . COMÉDIA .

JOINTVIDEO

COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA.

Av. Gal. Ataliba Leonel, 411 - Santana
Próximo à Estação Carandirú do Metrô
CEP 02033-000 - São Paulo - SP
Fone: (011)290.0811 - Fax: (011)267.6120

CUPOM DE PEDIDO

Indique o número de cópias que você quer adquirir:

- ☐ ALADIN (R$ 26,00) ☐ PINÓQUIO (R$25,00)
- ☐ ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS (R$ 25,00)
- ☐ BAMBI (R$ 25,00) ☐ PETER PAN (R$ 25,00)
- ☐ A BELA E A FERA (R$ 25,00)
- ☐ A ESPADA ERA A LEI (R$ 25,00)

Total do pedido _____ fitas /Custo total R$ _____

Forma de pagamento:

☐ Envie cheque nominal à JOINTVIDEO COMÉRCIO E DISTRIBUIÇÃO DE FITAS LTDA. junto com este cupom preenchido e assinado

☐ Cartão de crédito: ☐CREDICARD ☐DINERS ☐ SOLLO ☐AMERICAN EXPRESS
Número do Cartão: _____ Validade: ___/___/___

Nome: _____

End: _____ Bairro: _____ CEP: _____

Cidade: _____ Estado: _____

ASSINATURA _____

OFERTA VÁLIDA ATÉ O TÉRMINO DO ESTOQUE

ÊNFASE COMUNICAÇÕES

ROMANCE

SINTONIA DE AMOR ★★★★

Receita infalível

Com uma produção modesta e um elenco afinado, mas sem estrelas de primeira grandeza (Tom Hanks ainda não havia realizado *Filadélfia*, que lhe deu o Oscar de melhor ator), *Sintonia de Amor* foi a grande surpresa de 1993 nas bilheterias americanas. Nem seus produtores (a TriStar) nem os estúdios concorrentes estavam preparados para a verdadeira febre em que o filme se converteu. O segredo de tudo isso aparentemente é um só: o romantismo deslavado do filme, pontuado por tiradas cômicas sempre leves e em estilo "família".

Diga-se, aliás, que este é um segredo que Hollywood já conhecera muito bem: a diretora Nora Ephron (roteirista de *Harry e Sally*) foi buscar sua inspiração num dos maiores sucessos americanos dos anos 50, o melô *Tarde Demais para Esquecer*, que já levou (e ainda leva) gerações às lágrimas.

O que Nora fez foi dar uma "atualizada" na trama de *Tarde Demais*, substituindo seus elementos dramáticos por outros mais condizentes com os anos 90. Assim, sai o acidente que deixava Deborah Kerr paralítica no original e entra em cena um viúvo sensível e inconformado com a perda da mulher (Hanks). O drama de Hanks se torna público quando seu filho de oito anos (Ross Malinger) recorre a um programa de rádio para encontrar uma nova mulher para o pai.

Em meio à enxurrada de correspondência que chega à casa do viúvo está a carta de Annie (Meg Ryan), uma repórter que não consegue encaixar a figura de seu acomodado noivo (Bill Pullman) em seus ideais românticos, moldados principalmente pela figura de Cary Grant em *Tarde Demais*. Não por acaso, a intuição do filho de Hanks indica que Annie é a mulher certa para o pai. E não por acaso também elege-se o Empire State Building como cenário de um possível encontro do casal (era aí que tudo desandava em *Tarde Demais*).

Entre suas sacadas humorísticas (como a genial cena em que Hanks e um amigo choram ao lembrar do filme de macho *Os Doze Condenados*), a simpatia irresistível do elenco e as cenas habilmente construídas para arrancar soluços do público, *Sintonia de Amor* explica a razão de seu sucesso: é um filme de qualidade feito sob medida para platéias espremidas entre aventuras estreladas por brutamontes e pretensos cult ao estilo de *Kalifornia*.

(Sleepless in Seattle, EUA, 1993) Direção: Nora Ephron. Com Tom Hanks, Meg Ryan, Ross Malinger, Rosie O'Donnell, Bill Pullman, Rob Reiner. 104 min. LK-Tel/Vídeo.

ISABELA BOSCOV

Meg Ryan, Tom Hanks e o garoto Ross Malinger sobem às alturas com a perspectiva de viver um romance como os "de antigamente"

Rita Hayworth e Fred Astaire formam um casal imbatível

AO COMPASSO DO AMOR ★★★

Dupla cintilante

Como muitos que exerceram a direção fazendo cinema de consumo popular, Sidney Lanfield (1900-1972) não é um nome festejado pelos críticos e historiadores. Mas, a julgar por esta produção em p&b, ele foi criativo e até inovador para a época. É o que atestam as cenas iniciais, o ritmo ágil que imprimiu à montagem e a carga de volúpia que impôs às confusões provocadas por um produtor teatral mulherengo (Robert Benchley). Este, ao tentar se livrar dos ciúmes da esposa (Frieda Inescort, uma forte presença) diante do presente comprado para a corista Sheila (Rita Hayworth), mente e complica seu diretor (Fred Astaire).

O maior charme deste filme envelhecido em sua trama ingênua – e que tem canções de Cole Porter – é a dupla central. Tanto nos números musicais feitos com um mínimo de cortes (exigência sagaz do ator-dançarino) como em outras cenas, há uma explosiva e brilhante sintonia entre os talentos de Astaire e Hayworth. A bela atriz, então com 24 anos, se comporta na tela com espantosa naturalidade, moderna para os padrões de interpretação dos anos 40.

(You'll Never Get Rich, EUA, 1941) Direção: Sidney Lanfield. Com Fred Astaire, Rita Hayworth, John Hubbard, Robert Benchley, Frieda Inescort. 88 min. LK-Tel/Vídeo.

ALFREDO STERNHEIM

VESTÍGIOS DE UMA PAIXÃO ★★★

(This Can't Be Love, EUA, 1994) Direção: Anthony Harvey. Com Katharine Hepburn, Anthony Quinn, Jason Bateman, Jami Gertz. 92 min. Alpha.

Como havia prometido, Katharine Hepburn continua trabalhando apesar da idade – 87 anos. E, embora a saúde da estrela não esteja perfeita (os tremores causados pelo mal de Parkinson são visíveis), é ela a única razão para ver este telefilme. A energia que habitualmente exibia nas telas faz falta, mas seu senso de humor continua intacto. Hepburn faz uma atriz de carreira muito semelhante à sua própria, que após cinqüenta anos reencontra um antigo amor (Quinn, em atuação forçada). Aparentemente, a meta do ex-galã é reatar o romance, mas desde o início sabe-se que há alguma armação na história. Ingênuo mas simpático.

I.B.

GESTOS DE AMOR ★★★

(Dove Siete? Io Sono Qui, Itália, 1993) Direção: Liliana Cavani. Com Chiara Caselli, Gaetano Carotenuto. 109 min. Flashstar.

Liliana Cavani (*O Porteiro da Noite*) foi redescoberta pelo mercado brasileiro de vídeo. Menos de três meses depois do lançamento de *Francesco*, chega ao país *Gestos de Amor*, o mais recente filme da diretora, sobre deficientes auditivos. Engajada como ela só, *la* Cavani quis fazer um libelo contra as injustiças sociais e o desprezo em relação aos diversos. Mas se esqueceu de que de boas intenções o inferno está cheio e conseguiu apenas um filme repleto de clichês, que foi mal recebido pela crítica e ignorado pelo público italiano. O que no fundo é uma outra injustiça, já que o filme provoca uma saudável discussão sobre a inaptidão de governos que não conseguem bancar as leis modernas que criam – além de trazer uma ótima performance deste colírio que é a bela Chiara Caselli.

CELSO FERRAREZI

CANDELABRO ITALIANO ★★

Novela das oito

Nos anos 50 e 60, filmes de sucesso como *A Princesa e o Plebeu*, *A Fonte dos Desejos* e muitos outros tinham em comum conflitos românticos envolvendo norte-americanos de passagem pela Itália. Seguindo o mesmo esquema, este folhetim também obteve farta bilheteria na ocasião, além de popularizar a canção "Al di La" e a música de Max Steiner, coerente com o enfoque turístico-deslumbrado de Daves – que se demora nas belezas de Roma e outras cidades, esquecendo-se às vezes da história: a viagem em busca do amor feita pela professora Prudence (Pleshette, em seu segundo filme).

As avançadas idéias de comportamento que ela anuncia no início são diluídas por uma narrativa superficial e moralista que rebate qualquer avanço pré-nupcial. O filme é bonito visualmente, mas o ritmo é lânguido e a sensualidade determinada de Pleshette se choca com o pudor de sua personagem. Já Dickinson, como a libertina Lídia, é um delicioso contraponto. Em tempo: *O Candelabro Italiano* foi "desenterrado" graças a Ilka Tibiriçá, a personagem de Cassia Kiss na novela *Fera Ferida*, que vivia sonhando com um romance igual ao do filme.

(Rome Adventure, EUA, 1963) Direção: Delmer Daves. Com Suzanne Pleshette, Troy Donahue, Angie Dickinson, Rossano Brazzi. 119 min. Warner.

ALFREDO STERNHEIM

Suzanne Pleshette e Troy Donahue correm atrás do turismo romântico

AVENTURA

ALVO DUPLO ★★★

Xadrez chinês

Chow Yun-Fat não hesita em queimar dinheiro (falso) para acender seu cigarro

Flashstar/Sato

Alvo Duplo é a história de dois irmãos. O mais novo (e menos brilhante) é um policial disposto a pôr as mãos no mais velho (e mais brilhante), a quem julga responsável pela morte do pai. O segundo irmão é um mafioso que, após algum tempo na cadeia, resolve se emendar.

Mas a máfia chinesa, a exemplo de todas as outras, não pretende perder seu precioso colaborador. Arma-se assim um tabuleiro de xadrez, em que ora os dois irmãos se encontram em campos opostos, ora aproximam-se.

É um roteiro excessivamente convencional, o que prejudica o filme quase tanto quanto a dublagem em inglês da versão lançada no Brasil. Ainda assim, John Woo tem condições de deixar sua marca num filme obviamente menor. Por exemplo, pelo uso do campo fechado e do foco crítico, que acrescentam forte tensão às cenas envolvendo relações interpessoais.

É nas cenas de ação, no entanto, que Woo se excede. Quando mostra as paisagens febris da cidade ou quando filma duelos (um deles, incluindo troca de reféns, claramente inspirado no *Rio Bravo* de Howard Hawks), dá a medida de seu talento.

Alvo Duplo pode não ser um grande filme, mas confirma a impressão deixada por *O Alvo*: Woo é um estilista fortíssimo, talvez o Sergio Leone dos anos 90.

(A Better Tomorrow, Hong Kong, 1987) Direção: John Woo. Com Ti Lung, Leslie Cheung, Chow Yun-Fat. 130 min. Flashstar/Sato.

INÁCIO ARAUJO

A SOMBRA DO LOBO ★★★

(Shadow of the Wolf, Canadá/França, 1993) Direção: Jacques Dorfmann. Com Lou Diamond Phillips, Toshiro Mifune, Jennifer Tilly, Donald Sutherland. 112 min. Mundial.

Em 1935, um jovem esquimó (Phillips, de *La Bamba*) que resiste à presença branca no Ártico assassina um contrabandista francês e decide enfrentar a vida longe de sua comunidade, tendo apenas sua mulher e a planície gelada por companhia. O afastamento servirá também para resolver as diferenças entre o jovem e seu pai (Mifune), chefe da tribo. Baseado no best seller canadense *Agaguk*, o filme leva nota 5 no quesito drama, mas se redime ao detalhar os costumes *inuit* (como os esquimós se autodenominam) e explorar ao máximo a beleza e a agressividade das paisagens árticas. Também contam pontos as participações de Mifune e Sutherland.

I.B.

UM HOMEM SÓ ★★★

(A Man Alone, EUA, 1955) Direção: Ray Milland. Com Milland, Mary Murphy, Ward Bond, Lee Van Cleef. 96 min. Paris/Republic.

Vencedor do Oscar de melhor ator como o alcoólatra de *Farrapo Humano* (45), o britânico Ray Milland (1905-1986) dirigiu cinco longas de gêneros variados entre 55 e 68. *Um Homem Só* é o primeiro deles, um competente faroeste da Republic sobre um pistoleiro (Milland) que chega a um vilarejo e passa por ladrão e assassino. Protegido pela filha do delegado, ele tenta desmascarar o verdadeiro criminoso. Para um estreante, o filme tem pequenas mas notáveis ousadias (não há diálogo nos primeiros doze minutos), mesclando ação psicológica, romance e tiroteios. A música funcional do mestre Victor Young ajuda a manter o interesse pela trama, temperada com os ingredientes básicos do gênero.

S.R.

TERRITÓRIO HOSTIL ★

(Honor Bound, EUA, 1989) Direção: Jeannot Szwarc. Com Tom Skerritt, John Philbin. 100 min. América.

Difícil entender o lançamento tardio desta fita, em que a própria ambientação histórica da trama, situada entre a *glasnost* e o desarmamento monitorado dos arsenais soviéticos na Europa, já tem um desfecho conhecido. No filme, no entanto, prevalece um paranóico (e ingênuo, já que todos os protagonistas são militares americanos) clima de Guerra Fria. Entre os poucos atrativos estão justamente imagens do Muro de Berlim com seus grafites e o estrago que a equipe de dublês americanos faz com os frágeis automóveis Peugeot e Lada nas estradas alemãs e iugoslavas. É muito pouco para preencher 100 anestésicos minutos.

NEI NETO

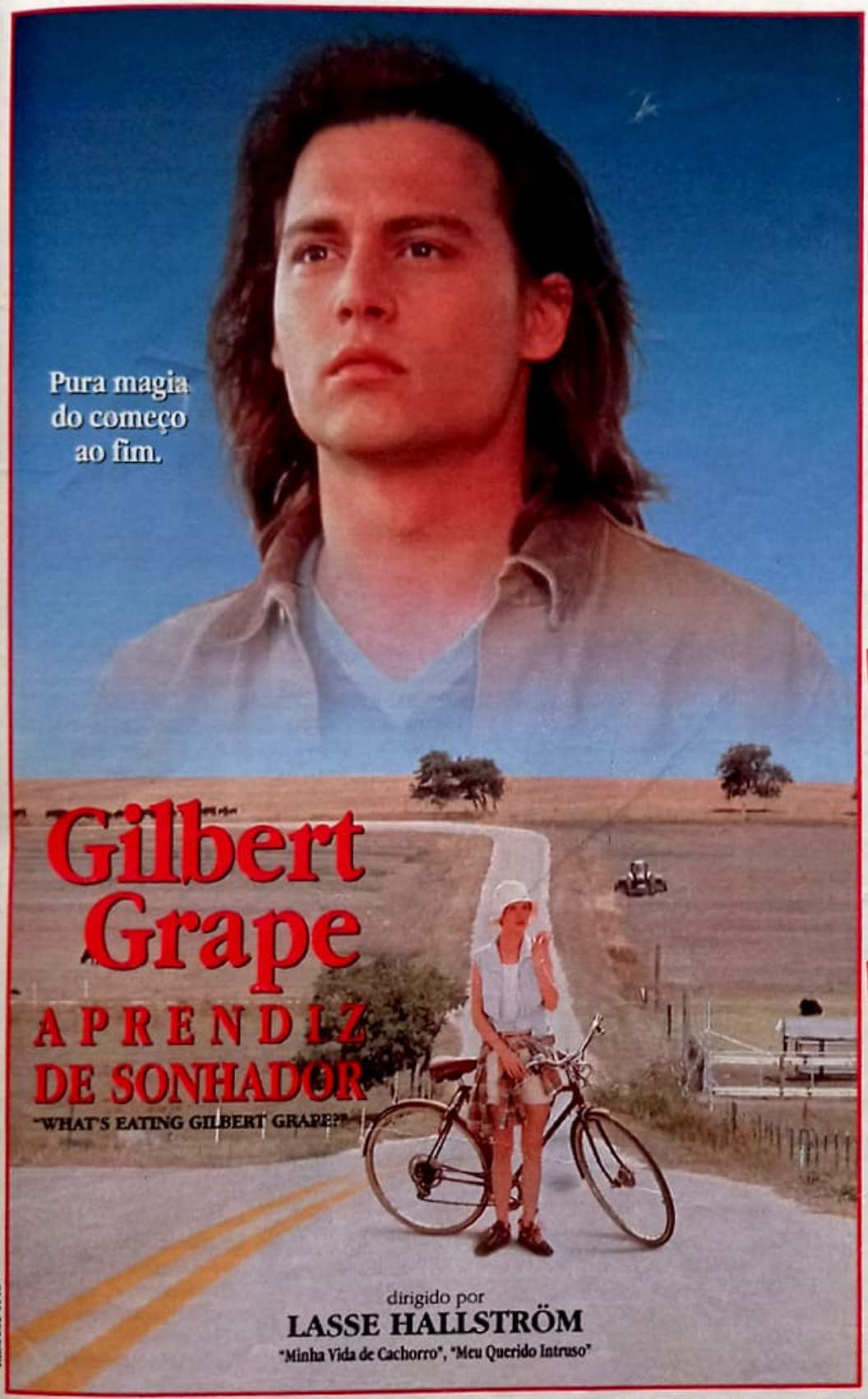
CUIDADO COM MEU GUARDA-COSTAS ★★★

(My Bodyguard, EUA, 1980) Direção: Tony Bill. Com Chris Makepeace, Adam Baldwin, Martin Mull, Matt Dillon. 96 min. Abril Vídeo.

Aventura ingênua mas cheia de boas intenções, sobre adolescente que, para se livrar dos colegas que o perseguem na escola, tenta fazer amizade com o mais estranho dos estudantes. Permeando essa história, o diretor discute a compreensão e a lealdade entre amigos, tão importantes nessa fase da vida. Reparem em Jennifer Beals e Joan Cusak em início de carreira.

D.P.

O DIRETOR DE "MINHA VIDA DE CACHORRO" VOLTA A EMOCIONAR O MUNDO...



Um filme sensível, divertido e - acima de tudo - emocionante. Como um bom filme deve ser. Agora em vídeo.

Johnny Depp
"Edward Mãos de Tesoura", "Benny & Joon", "Arizona Dream"

Juliette Lewis
"Cabo do Medo", "Kalifornia"

Leonardo Di Caprio
"Despertar de Um Homem", indicado para o OSCAR e GLOBO DE OURO como Melhor Ator Coadjuvante e Ganhador do Prêmio Revelação da Associação de Críticos de Los Angeles pelo seu trabalho neste filme.

-**INTERVIEW FACTORY ENTERTAINMENT NETWORK** - ***Howard Benjamin*** - "PURA MAGIA DO COMEÇO ATÉ O FIM".

-**PLAYBOY** - ***Bruce Williamson*** - "SOB UMA CÂMERA MÁGICA! UM IMPASSÍVEL E COMOVENTE FILME. DI CAPRIO TEM UMA INTERPRETAÇÃO INESQUECÍVEL".

-**PREVIEW** - ***Janeiro/Fevereiro-94*** - "HALLSTRÖM CONSEGUIU DE LEONARDO DI CAPRIO, NO PAPEL DE ARNIE, UM DESEMPENHO COMPARÁVEL AO DE DUSTIN HOFFMAN EM *RAIN MAN*".

J&M
INTERTAINMENT

© 1993 - DRAMA

R&M 262-4046

SUSPENSE

Continental

Ivor Novello e June protagonizam o nascimento de um mestre do cinema

THE LODGER ★★★★
A invenção do suspense

Com *The Lodger* estamos no momento em que Hitchcock, em seu terceiro filme, pela primeira vez arma a teia do suspense: existe em Londres um pontual estrangulador, que toda terça-feira mata uma loira.

Existe também uma polícia dando cabeçadas e apontando um falso culpado. A este caberá escapar e demonstrar sua inocência. O esquema foi usado à saciedade por Hitchcock, daí por diante.

Com *The Lodger*, Hitchcock chega à sua, digamos, primeira maturidade: emprega a luz recortada, influenciada pelo expressionismo, usa uma profusão de efeitos (tal como um *travelling* em que os atores e o cenário deslocam-se ao mesmo tempo que a câmera), coloca em cena algumas de suas mais queridas obsessões (algemas, grades), introduz a figura da transferência de culpa. *The Lodger* talvez aborreça os diletantes. Mas, para os colecionadores e/ou apreciadores da arte do grande mestre inglês, é uma preciosidade indispensável.

(Inglaterra, 1926) Direção: Alfred Hitchcock. Com Ivor Novello, Malcolm Keen, June, Marie Ault. 75 min. Continental.

INÁCIO ARAUJO

BLINK – NUM PISCAR DE OLHOS ★★★
O olhar recuperado

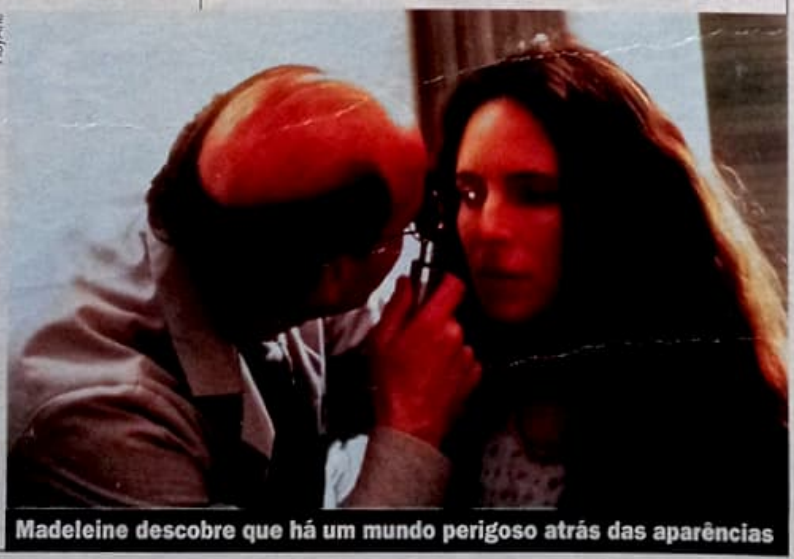
Este thriller romântico tem três qualidades: a primeira meia hora, que é do balacobaco; a presença da talentosa e bela Madeleine Stowe (*O Último dos Moicanos*); e a brilhante fotografia do italiano Dante Spinotti, o maior trunfo deste mais recente trabalho do diretor Michael Apted (*Nas Montanhas dos Gorilas*).

Stowe interpreta uma mulher que perdeu a visão aos oito anos de idade. Vinte anos depois, se submete a um transplante de córneas e logo testemunha um assassinato. Spinotti elabora um instigante trabalho visual para tentar traduzir o torpor de se recuperar aos poucos a visão adormecida.

O roteiro tem elementos interessantes, como o registro retardado do que ela consegue ver, que só é "lido" pela sua mente horas depois, como um flashback, e a imediata preocupação de Stowe com o que é beleza, conceito que não a preocupava aos oito anos de idade. Ao mesmo tempo, o filme escorrega em algumas reações improváveis da heroína, num romance pouco convincente que ela vive com o policial que investiga o caso (Aidan Quinn, com quem Stowe contracenou em *Tocaia*) e na resolução banal da trama. De qualquer forma, deve dar certo em vídeo.

(Blink, EUA, 1994) Direção: Michael Apted. Com Madeleine Stowe, Aidan Quinn, Laurie Metcalf. 106 min. PlayArte.

CHRISTIAN PETERMANN



PlayArte

Madeleine descobre que há um mundo perigoso atrás das aparências

PAIXÃO SEM LIMITE ★★
(The Crush, EUA, 1993) Direção: Alan Shapiro. Com Cary Elwes, Alicia Silverstone, Jennifer Rubin. 89 min. Warner.

É a glória para Alicia Silverstone. Esta loirinha com cara de malvada, beldade de plantão nos clips do Aerosmith, abocanhou as categorias de melhor vilã e revelação do ano numa recente premiação da MTV. Mas a euforia dura até você conferir este filme – que levou a bela ao estrelato. Ela é uma menina tão inteligente quanto maluquinha, apaixonada pelo jornalista Nick, que por sua vez está de olho na fotógrafa Amy. Aí já dá para imaginar tudo. A doidinha entorna o caldo, ataca a namorada do amado com um enxame de vespas, manda para o hospital uma amiga e acusa Nick de estupro. E você conclui que, com parceiros tão ruins quanto Elwes e Rubin, não é difícil faturar um prêmio na MTV.

S.M.

DUPLA TRAIÇÃO ★★★
(Double Cross, EUA, 1994) Direção: Michael Keusch. Com Patrick Bergin, Jennifer Tilly, Kelly Preston. 87 min. Top Tape.

INÉDITO NO CINEMA

É *Corpos Ardentes* na cabeça este bom remake. A diferença está no elenco. Enquanto o filme de Lawrence Kasdan tinha uma dupla perfeita para os anos 80 (Kathleen Turner e William Hurt), aqui temos Bergin (*Dormindo com o Inimigo*) e Kelly Preston. Ela faz uma jogadora profissional que se envolve com o forasteiro Bergin. Paixão crepitante, que revela insídias e assassinatos. O diretor mantém o clima aceso e propõe boas variações ao gênero.

F.C.

Nicole passa horas românticas junto a uma das peças do quebra-cabeças

MALÍCIA ★★

Um diretor à deriva

William Goldman, o premiado roteirista de *Butch Cassidy* e *Todos os Homens do Presidente*, aparece nos créditos como "consultor" de *Malícia*. É um título pomposo para quem provavelmente fez o chamado "polimento" do roteiro. Pela fragilidade do resultado final, supõe-se que a matéria-prima não era das melhores. A referência óbvia é Hitchcock, mas o argumento deve muito a *Pacto de Sangue* ou, o que dá na mesma, a *Corpos Ardentes*.

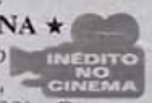
Bill Pullman é o reitor de uma pequena universidade de Massachusetts, casado com uma ex-aluna (Nicole Kidman) cujo maior sonho é ter filhos. O castelo do casal desmorona quando os ovários da mulher são desnecessariamente extraídos, com a autorização do marido, durante uma cirurgia de emergência realizada por um médico recém-chegado à cidade (Alec Baldwin).

Tem início um quebra-cabeças repleto de furos e barras mais do que forçadas, com uma gratuita trama paralela. O diretor Harold Becker (de *Vítimas de uma Paixão*) faz o que pode para segurar a peteca, amparado pela fotografia do mestre Gordon Willis (*Manhattan*), mas haja falta de malícia para embarcar nessa canoa.

(Malice, EUA, 1993) Direção: Harold Becker. Com Bill Pullman, Nicole Kidman, Alec Balduin, Bebe Neuwirth, Peter Gallagher, Anne Bancroft, George C. Scott. 107 min. Vídeo Arte.

SÉRGIO RIZZO

PSICOSE ASSASSINA ★



(In the Deep Woods, EUA, 1992). Direção: Charles Correll. Com Rosanna Arquette, Anthony Perkins, Will Patton. 95 min. Reserva Especial.

Arquette é uma escritora que, após a morte de uma amiga, começa a seguir a pista de um assassino de mulheres. De longe, é seguida por um desconhecido (Perkins). Será que ele é o homem que mata mulheres com requintes sádicos? Com uma premissa de suspense barato como essa, a história é previsível, e Rosanna, uma atriz sem carisma. Pior é ver Perkins, no final de sua vida, preso a um papel sem interesse. A falta de sensibilidade do título em português também é terrível, porque se aproveita de *Psicose*, que Perkins fez com Hitchcock, de maneira inoportuna.

C.G.L.

O HOMEM QUE BRINCAVA COM A MORTE ★★

(The Man Who Wouldn't Die, EUA, 1993) Direção: Bill Condon. Com Roger Moore, Malcolm McDowell, Nancy Allen. 88 min. CIC.

Escritor aposentado (o ex-007 Roger Moore) enfrenta as artimanhas de criminoso (McDowell) em que se inspirou para criar o personagem de uma série de livros. Dado como morto, o bandido quer reencenar os crimes que protagonizou nos romances, chamando o escritor para um duelo intelectual. Não cola: a história é batida e abusa de clichês como a mocinha de poderes paranormais que antevê os lances preparados pelo criminoso. A melhor coisa deste telefilme é a abertura, descaradamente copiada de *Voltar a Morrer*.

I.B.

Vídeo Arte

TERROR/FICÇÃO

LIFEPOD – O NONO PASSAGEIRO ★★★

(Lifepod, EUA, 1993) Direção: Ron Silver. Com Robert Loggia, Ron Silver, CCH Pounder. 87 min. Look.

Exceto pelo subtítulo em português, este telefilme é uma boa surpresa. Remake de *Um Barco e Nove Destinos* (*Lifeboat*), dirigido por Alfred Hitchcock em 1944, *Lifepod* transporta a ação da Segunda Guerra para o ano de 2169. Nave espacial em viagem de cruzeiro para a Terra explode no meio do caminho. Refugiados num "bote salva-vidas" espacial, oito sobreviventes enfrentam fome, sede, calor, frio e um inimigo misterioso que trama contra suas vidas. Baseado em texto de John Steinbeck, como o filme original, *Lifepod* acrescenta densidade rara aos filmes de ficção científica: personagens elaborados e uma crítica contundente ao capitalismo selvagem, representado pela onipresente multinacional (multiplanetária?) Earthcorp.

E.A.

Abril Vídeo

Confusão a bordo em saga que não tem pé nem cabeça

VIAGEM AO FUNDO DO MAR ★★

Abacaxi subaquático

Os boatos sobre a genialidade de Irwin Allen (criador de *Perdidos no Espaço*) eram exagerados. *Viagem ao Fundo do Mar*, "piloto" da telessérie, escrito e dirigido por ele, prova isso. Não tem pé nem cabeça. Enquanto o almirante Nelson (Walter Pidgeon) testa o supersubmarino Seaview, um anel de fogo circunda a Terra, que entra em colapso. Nelson contraria a ONU e cisma em atacar o anel com um míssil nuclear. Polvos gigantes, motins e sabotagens estarão em seu caminho.

Para quem ainda se lembra da série, uma surpresa: Nelson, ao contrário do personagem televisivo, é autoritário, egocêntrico e por pouco não leva o capitão Lee Crane (Robert Sterling), seu imediato, a liderar um motim. A noiva de Lee, secretária do almirante, é Barbara Eden (de *Jeannie É um Gênio*). Peter Lorre joga bem na ponta, mas não salva o abacaxi. Para um domingão chato, tudo bem.

(Voyage to the Bottom of the Sea, EUA, 1961) Direção: Irwin Allen. Com Walter Pidgeon, Joan Fontaine, Robert Sterling, Barbara Eden, Peter Lorre, Frankie Avalon. 105 min. Abril Vídeo.

EDSON ARANTES

O MISTÉRIO DE CANDYMAN ★★★

Para adultos

LK-Tel/Vídeo

Clive Barker está para o terror moderno como o bambolê para o videogame. Se em Stephen King os personagens são pobres vítimas de tramas macabras, em Barker eles têm atração doentia pelo mal. É o que acontece em *O Mistério de Candyman* (baseado em conto de Barker, que também é produtor).

Hellen (Virginia Madsen) prepara tese sobre folclore urbano contemporâneo. Em suas pesquisas, tropeça na história de Candyman (Tony Todd), *serial killer* fantasma que aparece quando seu nome é pronunciado cinco vezes diante do espelho. A obsessão da universitária por seu objeto de estudo atrai Candyman, que mata e deixa a culpa cair sobre ela. Mas Candyman existe de fato? Aí estão o ponto-chave e o charme do filme.

A direção de Bernard Rose não abusa de efeitos especiais ou sustos "gratuitos"; a trilha sonora (perfeita) é assinada por Philip Glass. *Candyman* venceu o Festival de Cinema Fantástico de Avoriaz em 1993 e, embora não seja uma obra-prima, tem ao menos uma grande virtude: foi feito para adultos.

(Candyman, EUA, 1992) Direção: Bernard Rose. Com Virginia Madsen, Tony Todd, Xander Berkeley, Kasi Lemmons. 93 min. LK-Tel/Vídeo.

EDSON ARANTES

Tony Todd mostra o que é que o *serial killer* tem

FOME DE SANGUE ★★ INÉDITO NO CINEMA

(Trancers 4 Jack of Swords, EUA, 1993) Direção: David Nutter. Com Tim Thomerson, Stacie Randall. 72 min. CIC.

Nesta quarta parte, a saga do policial do futuro muda de rumo: ele é teletransportado para um lugar dominado por trancers, que deixam de ser zumbis para se assemelharem a vampiros. É uma espécie de *Planeta dos Macacos* modesto, rápido e rasteiro. Vale pelas belas locações em Bucareste (Romênia). Já *Arcade* é a incursão da Full Moon, produtora de Band, pela realidade virtual. Jovens são absorvidos por uma máquina e vão parar numa dimensão virtual. Algumas imagens são bem concebidas, mas Pyun (*Cyborg – O Dragão do Futuro*) é um diretor fraco, que não cria qualquer suspense.

C.P.

ARCADE – A REALIDADE MORTAL ★★

(Arcade, EUA, 1993) Direção: Albert Pyun. Com Megan Ward, Peter Billingsley. 83 min. Alpha.

Duas produções executivas de Charles Band. Como de hábito, ele também assina o argumento, mas *Trancers 4*, série que ele mesmo começou dirigindo, é uma exceção.

NOITES DE DESPERTAR ★★ INÉDITO NO CINEMA

(Mad at the Moon, EUA, 1992) Direção: Martin Donovan. Com Mary Stuart Masterson, Hart Bochner, Stephen Blake, Fionnula Flanagan. 95 min. Odessa.

Filme bizarro, que não convence com sua hibridez de gêneros. O roteiro – coassinado pelo diretor – é uma espécie de drama romântico de suspense ambientado no Velho Oeste. Uma mulher apaixonada por estranho andarilho (Bochner, que trabalhou com o diretor em *Apartamento Zero*) é forçada pela mãe a se casar com um fazendeiro que, em noites de lua cheia, vira lobisomem. O enredo é mínimo, mas Donovan preenche as lacunas com muito clima, fotografia elaborada e uma trilha sonora inesperadamente lírica. É curioso de início, mas vence o espectador pelo cansaço, por ser lento e – no final das contas – insosso.

C.P.

TROCAS MACABRAS ★★★★

O mal em ação

Mundial

O bergmaniano Max Von Sydow, que já foi Jesus em *A Maior História de Todos os Tempos*, inverte os papéis e interpreta nada menos que o diabo nesta adaptação de um livro de Stephen King. E o efeito dessa troca é devastador.

Sydow é o "simpático" dono de uma loja de quinquilharias de uma cidade interiorana dos EUA. Seu esquema de comércio é bem simples – e, como o próprio título diz, macabro. Ele dá o objeto e a pessoa presta um "pequeno" favor (uma travessura ou uma brincadeira de mau gosto) que aos poucos irá semear a cidade de ódio. Sydow vai da simpatia a uma das mais perfeitas encarnações do demônio – que se delicia ouvindo a "Ave Maria" enquanto duas moradoras lutam até a morte.

O único que não engole a suposta bondade do velhinho é o xerife (Ed Harris). É ele quem tenta salvar a cidade da destruição e, para seu próprio espanto, descobre que a luta contra o diabo ainda vai durar um bom par de séculos.

(Needful Things, EUA, 1993) Direção: Fraser C. Heston. Com Max Von Sydow, Bonnie Bedelia, Ed Harris, Amanda Plummer. 113 min. Mundial.

SÉRGIO MARTINS

Max Von Sydow como o antiquário ultra-suspeito de *Trocas Macabras*

WALT DISNEY PICTURES APRESENTA

JAMAICA ABAIXO DE ZERO

(COOL RUNNINGS)

A PARTIR DE 10 DE SETEMBRO NA SUA LOCADORA

COMÉDIA INSPIRADA NA VERDADEIRA HISTÓRIA DO PRIMEIRO TIME DE TRENÓ NA NEVE DA JAMAICA.

Com JOHN CANDY
(Esqueceram de Mim)

Músicas de JIMMY CLIFF

Walt Disney HOME VIDEO

abril vídeo

CHAOS

Videolançamentos

Alpha

O herói palerma de *Fome Animal* em meio a uma orgia de sangue e mortos-vivos

FOME ANIMAL ★★★★

A escatologia em sua plenitude

Depois de ver *Fome Animal*, o espectador questiona o destino da escatologia no cinema. O terceiro longa do neozelandês Peter Jackson – cujas influências vão do *King Kong* de 1933 a Buster Keaton, passando pela telessérie *Thunderbird* e o grupo Monty Python – atinge ápices inéditos no que compete ao grotesco em embalagem "terrir" (terror com muito – e negríssimo – humor).

Ambientado no final dos anos 50, mostra uma peste que se alastra através da mordida de um macaco-rato de Sumatra, que leva a vítima a um contagioso processo de "zumbificação". A ação se concentra na residência do apalermado herói, cuja mãe foi a primeira a ser mordida. A casa se transforma num campo de batalha, com o herói lutando contra um exército crescente de mortos-vivos. Sua principal arma é um cortador de grama, que destroça os corpos. Um dos melhores momentos é quando o herói é obsessivamente perseguido por um intestino grosso animado.

Fome Animal, cuja escatologia põe *Re-Animator* no chinelo, é um teste de resistência para o espectador que topa mergulhar num mar de restos humanos. O final prepara ainda uma brincadeira uterina com o complexo de Édipo. É muito divertido!

(Braindead, Nova Zelândia, 1992) Direção: Peter Jackson. Com Timothy Balme, Diana Penalver, Elizabeth Moody. 103 min. Alpha.

CHRISTIAN PETERMANN

FREAKLÂNDIA ★★★

(Freaked, EUA, 1993) Direção: Alex Winter, Tom Stern. Com Winter, Randy Quaid, Brooke Shields, Morgan Fairchild. 95 min. Look.

INÉDITO NO CINEMA

Alex Winter aprendeu muito com sua participação nos dois ótimos filmes da dupla Bill & Ted. Nesta sua estréia como (co-) diretor/produtor/roteirista, ele também chupa idéias de clássicos modernos da TV americana e cria um delírio de humor escatológico. O roteiro bobinho não impede o espectador de embarcar neste diabólico parque de diversões. Três jovens assistem a um show de *freaks* (aberrações tipo mulher barbada – papel interpretado pelo ex-lutador de telecatch Mr.T!), mas percebem tarde demais que serão usados por um *showman* enlouquecido (Quaid) para se transformarem na próxima atração do parque. Ao som de Butthole Surfers, Henry Rollins e Parliament Funkadelic, o filme é uma bobagem para ser curtida em grupo. A maquiagem, magnífica, é do mestre atual da área, Screaming Mad George.

C.P.

CORRA QUE OS TOMATES ASSASSINOS VÊM AÍ! ★

(Killer Tomatoes Strike Back, EUA, 1990) Direção: John DeBello. Com John Astin. 88 min. Abril Vídeo.

INÉDITO NO CINEMA

Em 1980, o diretor-produtor John DeBello realizou o pior filme de todos os tempos (sem esquecer o "clássico" *Plan 9 from Outer Space*, de Ed Wood Jr.): *O Ataque dos Tomates Assassinos*. Filme do tipo piada única. Tomates revoltam-se contra seres humanos e saem matando a torto e direito. Era lixo puro, mas havia algo original e deliciosamente irresponsável na produção. Não é o que ocorre neste terceiro filme. O que era originalidade virou fórmula, e a criatividade de DeBello foi para o ralo. Além disso, quem agüenta ouvir a mesma piada três vezes?

E.A.

Os pais estariam mais apreensivos se soubessem que sua filha viraria zumbi

A NOITE DOS MORTOS-VIVOS ★★★

INÉDITO NO CINEMA

Vampirismo reestilizado

VTI

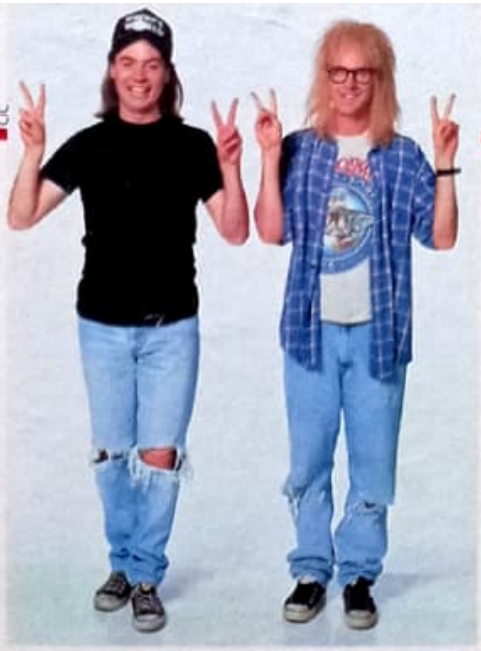
Este é um dos filmes mais influentes do cinema de terror. Seguindo os ensinamentos de Roger Corman, George Romero tirou o vampirismo (expresso na figura do morto-vivo) de sua moldura romântica e o reestilizou como metáfora dos medos da sociedade americana de sua época. A lição aprendida de Corman foi usar a criatividade para aproveitar o orçamento (US$ 125 mil): fotografia em p&b, recrutamento de atores no local das filmagens.

A história é crua e simples. Atacadas subitamente por cadáveres, algumas pessoas se refugiam numa fazenda. Sitiadas pelos zumbis canibais, vêem pela TV que a ameaça se espalha pelo país. Romero empresta muito do clima claustrofóbico de *Os Pássaros*, de Hitchcock, e adiciona sangue e vísceras, que mais tarde ria se tornar a atração principal dos filmes de seus seguidores, como Tobe Hooper, Wes Craven e John Carpenter.

Os efeitos "nojentos" podem ser ridículos hoje, mas a naturalidade das interpretações surpreende (Duane Jones e Judith O'Dea eram os únicos atores profissionais).

(The Night of the Living Dead, EUA, 1968) Direção: George Romero. Com Duane Jones, Judith O'Dea, Karl Hardman. 96 min. VTI.

MARCOS SAMBACOFF



OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS AGRADAM A GREGOS E TROIANOS

Setembro oferece grandes oportunidades para o espectador ir do riso às lágrimas. Entre as comédias anunciadas para o próximo mês estão tanto uma das maiores surpresas de bilheteria deste ano, *Jamaica Abaixo de Zero*, como as tentativas de Bette Midler (*Abracadabra*) e Mel Brooks (*A Louca, Louca História de Robin Hood*) de emplacar algumas piadas. Dentro do gênero, computa-se ainda *A Crise*, o mais novo (e elogiado) sucesso de Coline Serreau (*Três Homens e um Bebê*), o lançamento direto para vídeo (espanto geral!) de *Quanto Mais Idiota Melhor 2* e o humor negro do "terrir" *Uma Noite Alucinante 3*. Já no outro lado da moeda, os destaques vão para a forte carga emotiva de *Em Nome do Pai*, o sucesso de *A Casa dos Espíritos*, a estranha ambigüidade sexual de *M. Butterfly* e o universo melancólico de *Gilbert Grape – Aprendiz de Sonhador*. Para os pré-adolescentes, a magia de *Jardim Secreto*. Para os amantes da ação, Bruce Willis em *Zona de Perigo* ou Julia Roberts em *O Dossiê Pelicano*. Diversão a toda prova.

BOLSA DE VÍDEO

A química que Elia Kazan conseguiu extrair de Marlon Brando e Vivien Leigh mantêm o encanto até hoje

	Celso Fioravante (Folha de S. Paulo)	Ana Claudia Fonseca (Veja São Paulo)	José Norberto Flesch (Folha da Tarde)	Paulo de Góes (Jornal do Vídeo)	Tulio Becker (Zero Hora)	Carlos Eli de Almeida (Jornal do Brasil)	Roberto Rios (TVA)	Miguel Barbieri Jr. (Diário Popular)	Christian Petermann (SET)	Média
Uma Rua Chamada Pecado (Warner)	8	—	—	10	9	—	10	8	9	9.0
Don Giovanni (Paris)	-	—	—	8	7	—	9	9	9	8.4
Sintonia de Amor (LK-Tel/Vídeo)	8	9	8	8	8	8	7	8	7	7.8
Parente É Serpente (Look)	7	8	6	—	9	7	7	7	7	7.2
A Noite dos Mortos Vivos (VTI)	7	—	8	—	2	8	10	—	8	7.1
O Mistério de Candyman (LK-Tel/Vídeo)	—	—	8	—	5	8	—	—	6	6.7
Corpos em Movimento (Europa/Carat)	7	6	6	7	—	7	—	6	7	6.5
O Pagamento Final (CIC)	8	—	8	7	7	8	2	6	6	6.5
Dave – Presidente por um Dia (Warner)	6	—	8	8	2	6	7	7	7	6.3
Blink – Num Piscar de Olhos (PlayArte)	8	8	6	—	—	—	6	4	5	6.1

SET DÁ A DICA

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril Vídeo	(011) 832-1555	Look	(011) 536-9366
Alpha	(011) 230-0200	Mundial	(011) 536-0677
América/Paris	(011) 533-8300	Odessa	(011) 825-5766
Capital	(011) 257-8655	PlayArte	(011) 575-6996
CIC	(011) 816-0852	Reserva Especial	(011) 288-5588
Continental/Opção	(021) 262-0751	Top Tape	(021) 205-5552
Europa/Carat	(011) 579-6522	Vídeo Arte	(011) 575-6996
Flashstar	(011) 255-9911	VTI	(021) 580-3130
HVC	(011) 813-1860	Warner	(011) 820-6777
LK-Tel/Vídeo	(011) 825-5766		

Obs.: Estão listadas aqui somente as distribuidoras presentes nesta edição do *Caderno de Vídeo*.

PARADA MAIO

BRASIL

1. ***O Piano*** ***(The Piano)*** (Paris)
2. ***Na Linha de Fogo*** ***(In The Line of Fire)*** (LK-Tel/Vídeo)
3. ***O Demolidor*** ***(Demolition Man)*** (Warner)
4. ***O Fugitivo*** ***(The Fugitive)*** (Warner)
5. ***Free Willy*** ***(idem)*** (Warner)
6. ***O Alvo*** ***(Hard Target)*** (CIC)
7. ***A Família Addams 2*** ***(Addams Family Values)*** (CIC)
8. ***O Banquete de Casamento*** ***(The Wedding Banquet)*** (Top Tape)
9. ***Risco Total*** ***(Cliffhanger)*** (LK-Tel/Vídeo)
10. ***A Firma*** ***(The Firm)*** (CIC)

Fontes: Real Vídeo (SP), Hobby Vídeo (SP), Video Factory (SP), Primeramu's (SP), Scorpius (GO), Vídeo Clube do Brasil (GO), Star Vídeo (GO), Canal Vídeo (MG), Cia do Vídeo (MG), Dumont Vídeo & Games (MG), Copa 6 (RJ), Vídeo Shack (RJ), Vídeo Clube Nacional (RJ), Open Vídeo (RS), Back I (RS).

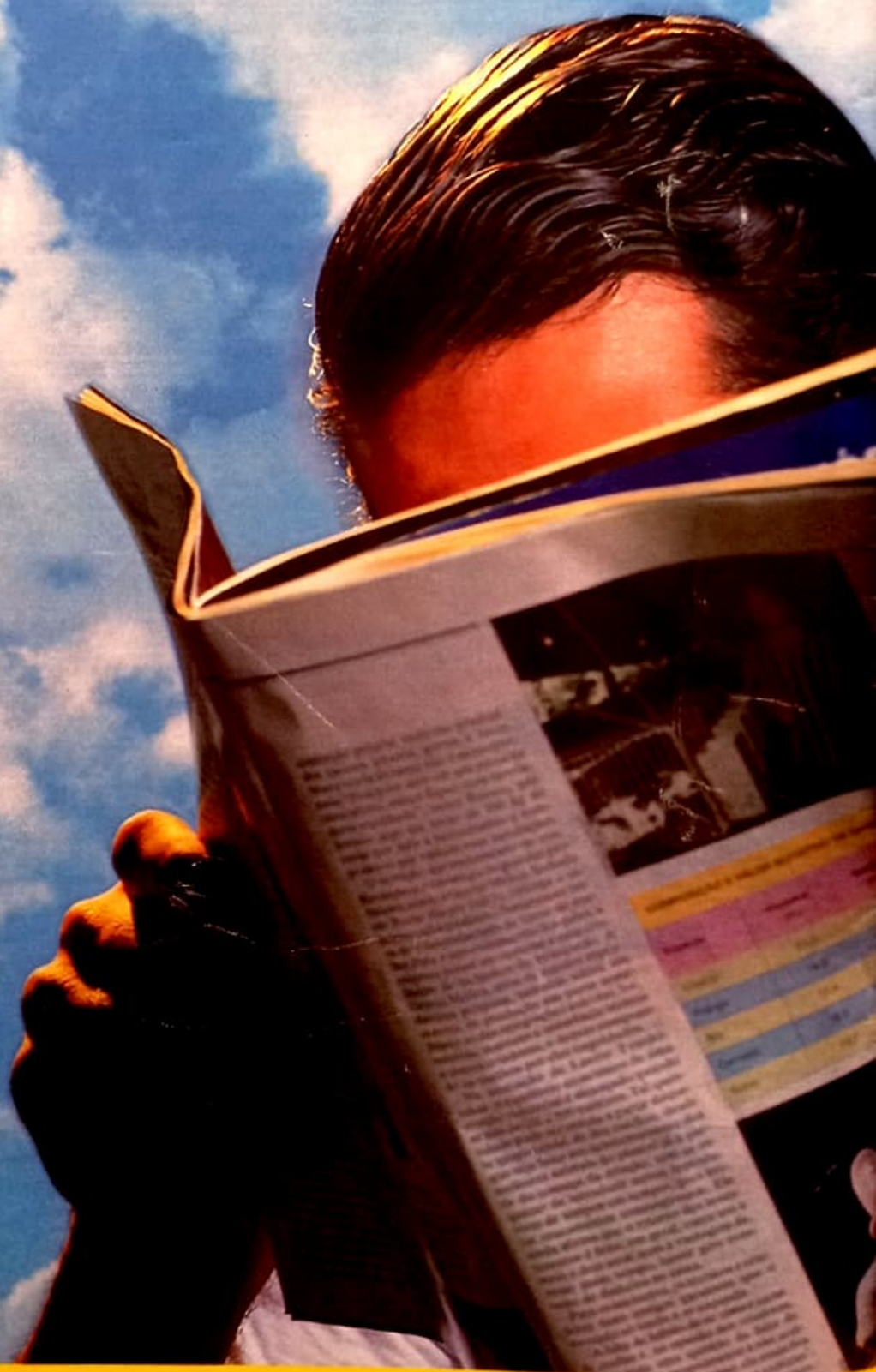
E.U.A.

1. ***Mrs. Doubtfire*** ***(Uma Babá Quase Perfeita)*** (Fox Vídeo)
2. ***The Return of Jafar*** (Walt Disney)
3. ***The Three Musketeers*** ***(Os Três Mosqueteiros)*** (Walt Disney)
4. ***Cool Runnings*** ***(Jamaica Abaixo de Zero)*** (Walt Disney)
5. ***A Perfect World*** ***(Um Mundo Perfeito)*** (Warner)
6. ***Rudy*** ***(idem)*** (Columbia TriStar)
7. ***The Piano*** ***(O Piano)*** (LIVE)
8. ***The Beverly Hillbillies*** ***(A Família Buscapé)*** (Fox Vídeo)
9. ***Addams Family Values*** ***(Família Addams 2)*** (Paramount)
10. ***Wayne's World 2*** ***(Quanto Mais Idiota Melhor 2)*** (Paramount)

Fonte: *Entertainment Weekly* 24/06 a 1º/07

Revista é como vitrine. Se você gosta de um produto, pode ficar namorando o tempo que quiser.

A revista não é só um excelente meio de comunicação. Ela também pode ser um excelente guia de compras, onde o leitor vê um anúncio, interessa-se pelo produto e depois vai procurá-lo nas lojas. Isso porque, na revista, o consumidor tem o tempo que quiser (30 segundos, 1 minuto, 10 minutos) para conhecer seu produto. Na revista, você pode contar todas as qualidades do seu produto que não couberam no comercial de TV. E o mais importante: na revista, você tem a certeza de que está usando sua verba para atingir o consumidor certo, que realmente tem poder de compra. Anuncie em revista. O namoro entre o consumidor e o seu produto tem muito mais chance de virar casamento.



ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

Quem pode comprar revista, pode comprar seu produto.

LOUQUINHOS DE PLANTÃO

Quem os produtores de Hollywood gostam de chamar quando não podem pagar o cachê de Jack Nicholson

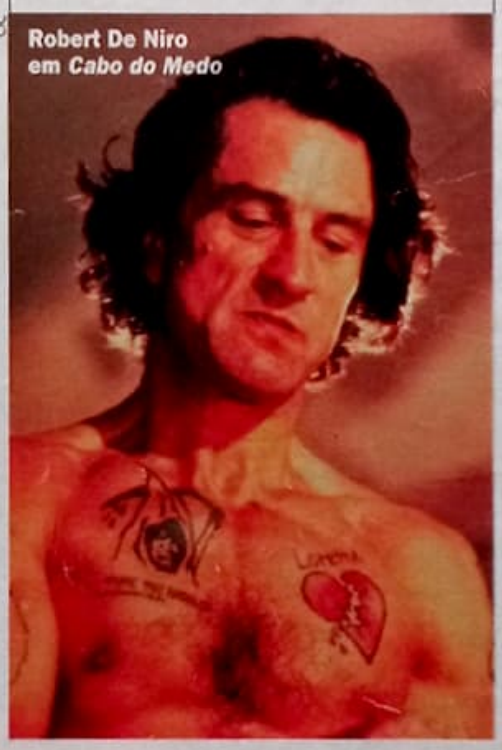
UK Tel/Video

Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes*

O PATRIARCA – ANTHONY PERKINS

Hoje todo mundo sabe que, se encontrar um sujeito brandindo uma faca com música estridente ao fundo, o melhor é dar no pé – principalmente se o cenário desse encontro for um banheiro branco. Bastou essa cena de *Psicose* para tornar Anthony Perkins o líder inconteste do clã dos psicóticos. Suas participações em *Crimes de Paixão*, de Ken Russell, e nos *Psicose 2*, 3 e 4 não ajudaram em nada a mudar essa imagem. Perkins morreu em 1992.

Destaques em vídeo: *O Processo* (The Trial, 63); *Ardil 22* (Catch 22, 70); *Morte no Inverno* (Winter Kills, 79); *Imagem Dupla* (Double Negative, 80); *Psicose 2* (Psycho II, 83); *Crimes de Paixão* (Crimes of Passion, 85); *Psicose 3* (Psycho III, 86); *Psicose 4 – A Revelação* (Psycho IV: The Beginning, 90); *Um Demônio na Minha Janela* (A Demon in My View, 92)



CC

Robert De Niro em *Cabo do Medo*

O VULCÃO – ROBERT DE NIRO

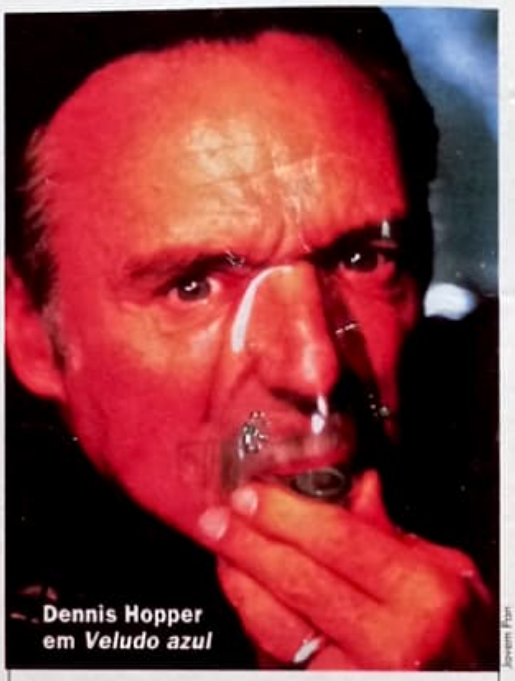
O espectador bem treinado sabe que quando De Niro sorri só com um canto da boca (a expressão de boçal perigoso é uma de suas especialidades) ele logo vai estar causando prejuízo físico e moral a quem estiver por perto. Ninguém conhece melhor os demônios de De Niro que Martin Scorsese: foi sob sua regência que o ator pirou em *Cabo do Medo*, *Os Bons Companheiros*, *Touro Indomável*, *O Rei da Comédia* e *Taxi Driver*, sua criação máxima.

Destaques em vídeo: *Caminhos Perigosos* (Mean Streets, 73); *O Poderoso Chefão 2* (The Godfather Part II, 74); *1900* (76); *Taxi Driver* (76); *O Último Magnata* (The Last Tycoon, 76); *New York, New York* (77); *O Franco-Atirador* (The Deer Hunter, 78); *Touro Indomável* (Raging Bull, 80); *Era uma Vez na América* (Once Upon a Time in America, 84); *Coração Satânico* (Angel Heart, 86); *Os Intocáveis* (The Untouchables, 87); *Os Bons Companheiros* (GoodFellas, 90); *Cabo do Medo* (Cape Fear, 91); *Despertar de um Homem* (This Boy's Life, 93)

HONRA AO MÉRITO – ANTHONY HOPKINS

Embora seu currículo inclua mais obras clássicas e participações em filmes de segunda linha (na época em que a garrafa embalava sua carreira), nenhum papel deu mais notoriedade a Hopkins que o assustador Hannibal "the Cannibal" de *O Silêncio dos Inocentes*, uma das mais brilhantes e eficientes personificações do mal já vistas no cinema.

Destaques em vídeo: *O Leão no Inverno* (The Lion in Winter, 68); *Magia Negra* (Magic, 78); *O Homem Elefante* (The Elephant Man, 80); *Nunca te Vi... Sempre te Amei* (84 Charing Cross Road, 87); *O Despertar de uma Realidade* (The Dawning, 88); *O Silêncio dos Inocentes* (The Silence of the Lambs, 91); *Drácula de Bram Stoker* (Bram Stoker's Dracula, 92); *Freejack – Os Imortais* (92); *Retorno a Howards End* (Howards End, 92)



Dennis Hopper em *Veludo azul*

Jovem Pan

O PERTURBADO – CHRISTOPHER WALKEN

Desde que estourou os próprios miolos numa roleta-russa em *O Franco-Atirador*, Walken selou seu destino cinematográfico como um homem perigoso não só para os outros, mas também para si mesmo. Esse misto de angústia e desequilíbrio prestes a se converter em violência é o eixo de sua interpretação em *Metido em Encrencas*, *O Rei de Nova York*, *Caminhos Violentos* e *Amor à Queima-Roupa* (em que trava um genial "duelo" com o também tantã Dennis Hopper).

Destaques em vídeo: *O Franco-Atirador* (The Deer Hunter, 78); *O Portal do Paraíso* (Heaven's Gate, 80); *A Hora da Zona Morta* (The Dead Zone, 83); *Caminhos Violentos* (At Close Range, 85); *007 na Mira dos Assassinos* (A View to a Kill, 85); *Metido em Encrencas* (Biloxi Blues, 87); *Rebelião em Milagro* (The Milagro Beanfield War, 88); *O Rei de Nova York* (King of New York, 90); *Batman – O Retorno* (Batman Returns, 92)

John Malkovich em *Na Linha de Fogo*

O PÂNDEGO – DENNIS HOPPER

Não importa o tipo e o grau de loucura: ninguém deriva mais prazer dela do que os personagens de Hopper. Realizar seus instintos é uma verdadeira ambição para Frank, por exemplo, o louco de *Veludo Azul*. Mas talvez a melhor maneira de entender Hopper seja ver *O Amigo Americano* e *Apocalypse Now*. No primeiro, ele destrói a vida de um homem simplesmente porque este recusou-se a dar-lhe a mão; no segundo, ele é o frenético fotógrafo encantado com a destruição instaurada por Marlon Brando na selva. Em breve, será um terrorista ensandecido em *Speed*.

Destaques em vídeo: Juventude Transviada (Rebel Without a Cause, 55); *Sem Destino* (Easy Rider, 69); *O Amigo Americano* (The American Friend, 77); *Apocalypse Now* (79); *O Mistério da Viúva Negra* (Black Widow, 86); *Veludo Azul* (Blue Velvet, 86); *Quase Sem Destino* (Flashback, 90); *Paris Trout* (91); *Unidos pelo Sangue* (The Indian Runner, 91)

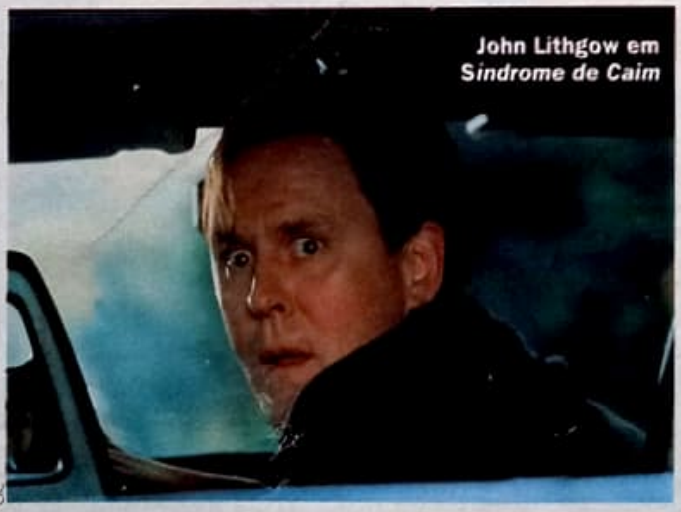
O INTELECTUAL – JOHN MALKOVICH

De personagens de ética duvidosa (*Ligações Perigosas*) a homens que andam no fio da navalha (*O Céu que Nos Protege*) até o psicopata exemplar de *Na Linha de Fogo*, Malkovich tem um jeito todo especial de compor personagens. Na receita entram racionalidade, gestos virtuosísticos (como o tapa que dá na avantajada barriga em *Na Linha de Fogo*) e traços obsessivos. Assim, mesmo quando não é declaradamente pinéu ele passa a impressão de desequilíbrio. Claro que sua cara de naturalmente louquinho ajuda muito.

Destaques em vídeo: Um Lugar no Coração (Places in the Heart, 84); *À Margem da Vida* (The Glass Menagerie, 87); *Império do Sol* (Empire of the Sun, 87); *Ligações Perigosas* (Dangerous Liaisons, 88); *O Céu que Nos Protege* (The Sheltering Sky, 90); *Jennifer 8 – A Próxima Vítima* (Jennifer 8, 92); *Ratos e Homens* (Of Mice and Men, 92); *Na Linha de Fogo* (In the Line of Fire, 93)

O BABYFACE – JOHN LITHGOW

Sua cara de bebê crescido é meio caminho andado para fazer personagens incomuns – como o transexual de *O Mundo Segundo Garp* (82). Mas levou nove anos para que percebessem que Lithgow tem *physique du rôle* também para psicopatas. Agora, ele os interpreta de carreirinha: desde 1991 já foi louco em *Sem Limite para Vingar*, *Síndrome de Caim* e *Risco Total*.



John Lithgow em *Síndrome de Caim*

Destaques em vídeo: O Mundo Segundo Garp (The World According to Garp, 82); *No Limite da Realidade* (Twilight Zone – The Movie, 83); *Footloose* (84); *Uma Vida Quase a Dois* (The Guys, 90); *Brincando nos Campos do Senhor* (At Play in the Fields of the Lord, 91); *Sem Limite para Vingar* (Ricochet, 91); *Síndrome de Caim* (Raising Cain, 92); *Risco Total* (Cliffhanger, 93)

O SEDUTOR – JAMES WOODS

Woods tem uma qualidade rara que é capaz de emprestar a *todos* seus personagens, sejam eles vítimas (como em *Videodrome*), vilões (*A Marca da Corrupção*, *Era uma Vez na América*) ou heróis (*Justiça Corrupta*). Trata-se de uma combinação de sangue-frio, sedução e dinamismo que envolve e repele o espectador e sugere motivações insondadas. Relatos sobre a vida pessoal do ator dão conta de que ele próprio está sempre à beira de um curto-circuito.

Destaques em vídeo: Assassinato a Sangue Frio (The Onion Field, 79); *Videodrome* (82); *Era uma Vez na América* (Once Upon a Time in America, 84); *Salvador, o Martírio de um Povo* (Salvador, 86); *A Marca da Corrupção* (Best Seller, 87); *Um Policial Acima da Lei* (Cop, 88); *Justiça Corrupta* (True Believers, 89)

O HERDEIRO – CHRISTIAN SLATER

"O novo Jack Nicholson" é a definição com que Slater, 24 anos, convive desde que começou a trabalhar. E o que isso quer dizer? Que ele tem um ar perigoso e que seus personagens parecem sempre prontos a agir de modo inesperado e explosivo – como se viu em *Atração Mortal* (seu melhor trabalho), *Império do Crime* e *Amor à Queima-Roupa*.

Destaques em vídeo: Malícia (Twisted, 85); *O Nome da Rosa* (The Name of the Rose, 86); *Atração Mortal* (Heathers, 89); *Jovem Demais para Morrer* (Young Guns 2, 90); *Um Som Diferente* (Pump up the Volume, 90); *Império do Crime* (Mobsters, 91); *Um Tira por Acaso* (Kuffs, 92); *Coração Indomável* (Untamed Heart, 93)

A NEURÓTICA – GLENN CLOSE

Mulheres difíceis e de personalidade são o forte da atriz. Mas, assim como aconteceu com Anthony Hopkins em *O Silêncio dos Inocentes*, ela ficou marcada pela tresloucada amante de *Atração Fatal*, que deixou muitos homens mortos de medo. As declarações subseqüentes de Close, de que já agira de modo semelhante em sua vida, e o personagem manipulativo de *Ligações Perigosas* ajudaram a fixar a impressão.

Destaques em vídeo: O Mundo Segundo Garp (The World According to Garp, 82); *O Reencontro* (The Big Chill, 83); *O Fio da Suspeita* (Jagged Edge, 85); *Atração Fatal* (Fatal Attraction, 87); *Ligações Perigosas* (Dangerous Liaisons, 88); *Hamlet* (90); *O Reverso da Fortuna* (Reversal of Fortune, 90); *Encontro com Vênus* (Meeting Venus, 91); *Sarah* (Sarah, Plain and Tall, 91)

Isabela Boscov

Videoteca

Personalidades falam sobre as melhores adaptações literárias

Miguel Boyayan

BOB WOLFENSON, fotógrafo:

"É a velha história: ou leio o livro ou vejo o filme. Nunca consegui fazer as duas coisas. Mas minha mulher leu *Ligações Perigosas*, de Choderlos de Laclos, e comentamos a respeito. Vi o filme e entendi que foi uma adaptação muito feliz de Christopher Hampton, muito bem dirigida por Stephen Frears e magnificamente interpretada por Glenn Close, Michele Pfeiffer e John Malkovich. O filme conseguiu retratar uma época com qualidade impecável. Mas o que mais me surpreendeu foi *Macunaíma*, de Joaquim Pedro de Andrade, com Grande Otelo. O cinema nacional mostrou ser grande com essa adaptação. Ele conseguiu ir além da obra literária."

Jorge Cuse

SUZANA VIEIRA, atriz:

"Parto da premissa de que tudo que é adaptado para as telas do cinema é magnífico. Cinema é fascinante e muito envolvente. É um grande preconceito essa história de as pessoas falarem mal do que é adaptado; a literatura é um ótimo referencial para interpretações. Acredito que, se as produções cinematográficas partissem mais de obras literárias, elas seriam de melhor nível. Se um diretor resolve adaptar um romance é porque ele gostou da obra; sua intenção não é massacrá-la, e sim divulgá-la. Se eu escrevesse algo, acharia o máximo que fosse adaptado para o cinema!"

Antonio Ribeiro

FERNANDO GABEIRA, jornalista:

"Nelson Pereira dos Santos conseguiu dar mais vida ao romance de Graciliano Ramos, *Memórias do Cárcere*. A interpretação de Carlos Vereza passou verdadeiramente os sentimentos de Graciliano no período em que esteve preso. A fotografia é belíssima; é uma pena que não tenha saído em vídeo. Fora do cinema nacional, *A Insustentável Leveza do Ser* (baseado no romance de Milan Kundera) também conseguiu, através do roteiro de Jean-Claude Carrière e do diretor Philip Kaufman, uma bem-sucedida adaptação para o cinema. Uma bela fotografia e boas interpretações de Daniel Day-Lewis e Juliette Binoche fizeram desse roteiro um belo filme."

SET Recomenda

Prateleiras de Sua Videolocadora Escondem Filmes que Passaram Despercebidos nos Cinemas

O ANJO ASSASSINO

(*Miami Blues*, EUA, 1990, 98 min. LK-Tel/Vídeo)

LK-Tel/Vídeo

O Anjo Assassino

A trama: contraventor (Alec Baldwin) chega a Miami, rouba o distintivo de um policial obcecado em persegui-lo (Fred Ward, co-produtor do filme) e inicia uma onda descontrolada de crimes; arranja ainda tempo de namorar uma prostituta simplória (Jennifer Jason Leigh).

Estilo: violência gráfica; humor ácido e negro; sadomasoquismo debochado e pop; personagens caricatos; história bizarra contada em ritmo acelerado.

Por que não deu certo em cinema: excetuando-se o fato de ser o tipo de filme arremessado nas salas como tapa-buraco para uma semana de programação – o que significa má divulgação –, o filme não contava à época com nenhum ator de maior apelo: Alec Baldwin já havia feito *A Caçada ao Outubro Vermelho*, mas era só; apenas em 1990 é que a estrela de Fred Ward começaria a brilhar com *Henry & June*; e Jennifer Jason Leigh, depois de *A Morte Pede Carona* (1986), só voltaria a emplacar com *Rush* (1991) e *Mulher Solteira Procura* (1992). Além disso, a média dos espectadores poderia se incomodar com a amoralidade dos personagens.

Referências: o diretor George Armitage vem da escola independente e foi colega de estudos de Jonathan Demme. Armitage dirigiu títulos de pouca amplitude comercial e só voltou à ativa após vinte anos de "aposentadoria", graças ao próprio Demme, co-produtor do filme, que lhe emprestou o ator Alec Baldwin (saído de seu *De Caso com a Máfia*) e seu fotógrafo habitual, Tak Fujimoto.

Melhor cena: Junior (Baldwin) assalta uma loja e a proprietária, uma senhora de aparência doméstica, decepa-lhe os dedos de uma das mãos, frustra o assalto e ainda põe o anti-herói para correr, perplexo.

Porém: as cenas nem sempre se amarram à perfeição; há uma certa quebra de ritmo.

Público ideal: nem anjos, nem assassinos – apenas sedentos por narrativas debochadas, fanáticos por sangue.

AS CRIATURAS ATRÁS DAS PAREDES

(*The People Under the Stairs*, EUA, 1991, 100 min. CIC)

A trama: garoto invade mansão na qual há um tesouro em moedas. Lá conhece um casal maníaco que mantém sua filha presa e esconde um terrível segredo no sótão.

Estilo: ritmo frenético e arfante, com um trabalho de câmera perturbador; clima mórbido, sombrio, fétido; sadismo radical; humor negríssimo mas sutil, destilado em meio a uma trama com experiências biológicas, fanatismo religioso e personagens solitários.

Por que não deu certo em cinema: OK, o clima é tétrico, quase torturante, e o humor pode incomodar aos mais sensíveis. Mas o filme só não emplacou por ser uma fita de terror com poucos efeitos especiais e ambientada em um único espaço; caso tivesse tido uma divulgação melhor, daria tempo de o boca-a-boca emplacar entre as pessoas da tribo-alvo.

Referências: o elenco é pouco conhecido, mas o diretor é Wes Craven, um dos mestres do terror *underground* dos anos 70 e que emplacou na década de 80 o ótimo *A Hora do Pesadelo* (1984), legando para a cultura pop a figura de Freddy Krueger e uma série irregularmente divertida; *As Criaturas...* é o seu melhor filme desde então.

Melhor(es) cena(s): qualquer uma que se passe no vão livre entre as paredes da mansão, cenário claustrofóbico de incríveis perseguições. Um labirinto que é um prodígio de cenografia.

Porém: o final edificante, que foge do tom seco do filme ao criticar a especulação imobiliária (como *Os Goonies* já fizera seis anos antes!).

Público ideal: os sadomasoquistas atrás dos espectadores.

CASH
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS
TUDO EM ACESSÓRIOS

ACEITAMOS PERMUTAS
DESPACHAMOS PARA
TODO O BRASIL
CONFIRA NOSSAS
PROMOÇÕES

Rua Jovita, 167 - 1º andar - Santana
CEP 02036 - São Paulo - SP
Tel.: (011) 267-0060

Cannes
Home Video

O FESTIVAL DE VITAS
AGORA TUDO EM
GAMES NOVOS E USADOS!
GARANTIA TOTAL!
MONTE SUA LOCADORA CONOSCO OU
AMPLIE E FAÇA ÓTIMO NEGÓCIO
Todos os lançamentos a sua disposição com preços abaixo das produtoras!

• Sintonia de Amor • Mudança de Hábito II
• O Pagamento Final • E Outros

• Cheques pré-datados e cartão de crédito
• Inclusive por telefone

• Remetemos para todo o Brasil
• Aceitamos Permuta
FITAS A PARTIR DE R$ 4,00
• ***OFERTAS:***
• Catálogos usados 15% de desconto a vista
• A cada 10 fitas ganhe uma grátis
• A cada 3 fitas ganhe um brinde
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 18:00 horas
Av. Cruzeiro do Sul, 2752 - Salas 21/22
Santana - CEP 02030 - São Paulo - SP
(Entre Metrôs Carandiru e Santana)
Tel.: (011) 290-2788

FITAS DE VÍDEO

Novas • Seminovas • Usadas
Grande quantidade de títulos

Atendemos colecionadores,
particulares e
montamos vídeo locadoras
Aceitamos todos os Cartões
de Crédito, inclusive
por telefone)

PLANETA NORTE

Fone:
(011) 578-5727
(011) 584-5723
R. Dos Buritis, 257
Metrô Jabaquara

7ª. ARTE
VÍDEO SHOP
FITAS NOVAS E USADAS

VENHA NOS CONHECER!

LANÇAMENTOS COM
ÓTIMOS PREÇOS.
• Mudança de Hábito II
• Sintonia de Amor
• O Pagamento Final
• E Outros

Catálogos a partir de R$ 4,00
Cheques pré-datados.
Aceitamos permuta: telefones e carros.
Remetemos para todo o Brasil.
Horário: segunda a sexta das 8:30
às 19:00 hs sábado das 8:30 às 18:00 hs.
Ganhe estojos novos e usados.
GARANTIA TOTAL
15% DE DESCONTO NO CATÁLOGO A VISTA.
Av. Cruzeiro do Sul, 2619 - Sala 12 - 2º-A
Santana - São Paulo - SP - CEP 02030-100
Ao lado do Metrô Carandirú - **Tel.: (011) 267-5567**

HAWAI
HOME VÍDEO
FITAS NOVAS E USADAS

CONFIRA
OS ÚLTIMOS
LANÇAMENTOS

Av. Cruzeiro do Sul, 2282 - Sala 1/2 e 3
CEP 02030 - Carandiru - São Paulo - SP
(próximo ao Metrô Carandiru)

Tel.: (011) 290-4330

ABERTO TAMBÉM AOS SÁBADOS
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL

• Toda linha de acessórios
• Pagamentos com cheques semanais sem juros
• Permuta por automóvel e telefone como forma de pagamento.

10% DE DESCONTO P/ PAGAMENTO A VISTA

PATY'S
HOME VÍDEO

MONTE SUA LOCADORA CONOSCO!
TUDO EM FITAS E ACESSÓRIOS
CONFIRA OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

• PARA CADA FITA, GANHE UM ESTOJO
• PAGAMENTO CONFORME SEU BOLSO
• PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
• GARANTIA E QUALIDADE
• ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES DE CRÉDITO

TEMOS FITAS EM PROMOÇÃO

Rua Dr. Zuquim, 358 - Santana
São Paulo - SP - CEP 02035-020
(Próximo ao Metrô Santana)
Tel: (011) 298-1120
(011) 298-8161
REMETEMOS PARA TODO O BRASIL
Por Sedex ou Transpotadora Gratuitamente

Edição Especial

A mais completa e apaixonante reportagem sobre a mulher brasileira !

O que mudou na vida da mulher brasileira em três décadas de silenciosas, porém constantes, transformações?
Para responder a essa pergunta, vem aí a EDIÇÃO ESPECIAL MULHER da VEJA,
com uma pesquisa exclusiva e ainda dezenas de entrevistas e reportagens sobre os avanços
da mulher brasileira em todos os setores da sociedade, sua evolução no mercado de trabalho,
na política e na família, sua preocupação com o corpo e a saúde.
E mais: as formas de organização dessas cidadãs que formam 51% da população brasileira.
Uma grande reportagem ilustrada pela vida de 8 mulheres em suas lutas, dúvidas, conquistas e vivência do cotidiano.
Não perca a EDIÇÃO ESPECIAL MULHER . Apenas R$ 4,50.

Aproveite o cupom de desconto encartado nesta edição!

EDIÇÃO ESPECIAL MULHER

veja

Nas bancas a partir de 07/08

Cartas

Edição de Junho

Parabenizo a equipe de SET pela grande edição de aniversário (nº 6, ano 8), que está belíssima. O *Caderno de Vídeo* está ótimo, as cotações e as críticas feitas aos filmes *A Família Addams 2*, *O Banquete de Casamento*, *Free Willy* e *Aladdin*, extraordinárias. Na seção *Free Shop*, o destaque foi a excelente crítica à trilha sonora de *Filadélfia*.

Jadir Marcos Correia Silva
(Recife – PE)

Sou recente assinante de SET e acho que toda a equipe da revista merece os parabéns. A reportagem sobre o filme *The Flintstones* (nº 6, ano 8) ficou excelente. Só acho que o *Caderno de Vídeo* poderia ter mais páginas.

Tarcísio J. dos Santos
(São José – SC)

Volto a escrever para esta revista, pois já havia enviado uma carta com algumas críticas em relação à elaboração das capas, concepção de cada matéria, do excesso de cor, entre outras coisas. Mas agora quero parabenizá-los pela volta triunfal na edição nº 6, ano 8, dos famosos *Ensaios*. Ruy Castro está de parabéns por seu artigo "Quando o Cinema Ia Muito Melhor das Pernas". Gosto desses ensaios porque são interessantíssimos e de uma forma ou de outra nos ajudam a compreender melhor o maravilhoso mundo do cinema. Nota dez também para a seção *Takes*, principalmente pela presença quase zen – ou totalmente zen – de Keanu Reeves. Até que enfim uma presença masculina mereceu destaque nesta seção. Só lamento o pouco espaço dado ao filme *O Jornal*. Felizmente, o crítico conseguiu fazer uma crítica agradável e sem rodeios.

Lindalva Santos
(Guarujá – SP)

Excelente a capa da edição de junho de SET, com Victoria Abril, John Goodman e Raquel Welch. A entrevista com Pedro Almodóvar está ótima, e o mesmo se pode dizer da matéria de André Barcinski sobre Eddie Murphy.

Daniela Pieper Rocha
(São Paulo – SP)

A edição nº 6, ano 8, de SET foi uma verdadeira afronta à inteligência dos leitores, que acredito, assim como eu, esperam matérias interessantes e entrevistas de alta qualidade, o que estranhamente não ocorreu nesta edição. Com exceção da seção *Mito*, com o diretor Billy Wilder, esta edição de aniversário foi um péssimo presente.

Maurício Mota Viegas
(Cachoeira do Sul – RS)

Vídeos Musicais

Gostaria de obter informações a respeito da existência de alguns vídeos musicais das seguintes bandas: MC-5, Stooges, Troggs e The Velvet Underground.

Mauro Tadeu David Beal
(Florianópolis – SC)

Sérgio Martins, da revista BIZZ, responde: os vídeos disponíveis dos Troggs são: Troggs Collection, *duração 34 min. Saiu pela Castle em 1992;* Goldmine Rock'n'Roll History, *coletânea com vários grupos, no qual eles aparecem cantando "Wild Thing", lançado pela Vestron em 1982;* Beat Club – The British Invasion, *coletânea em que o grupo interpreta "Hip Hip Hooray", lançado pela Pioneer em 1989.* MC-5: Beat Club – The Crazy World, *coletânea que saiu pela Pioneer em 1989, em que eles aparecem, entre clips de Alice Cooper e Bonzo Dog Band, cantando a famosa "Kick Out the Jam". Velvet Underground: há dois documentários não-oficiais sobre a banda. O primeiro, chamado* South Banks – A BBC Retro, *foi lançado em 1980. Há também* Arsenal From Austria, *documentário da TV austríaca. Além disso, há dois vídeos de Lou Reed lançados pela Warner,* Magic Love Live in Concert e The New York Album. *Por fim, não há registros em vídeo da banda Stooges.*

Sam Elliott

É impressionante o número de cartas enviadas a SET por fãs de Sam Elliott. Por isso, publicamos aqui o endereço da agente do ator: cartas para Juddy Hoffland, United Talent Agency, 9560 Wilshire Blvd., 5th Floor, Beverly Hills, CA, 90212.

Correio Entre os Leitores

Compro as dez primeiras edições de SET com suas respectivas fichas. Também vendo algumas *Fichas de Cine & Vídeo*.

Erika Patrícia Sirio
SQN 113, Bl. E, apto 205,
CEP 70763-050
(Brasília – DF)

Troco correspondência com os amantes da Sétima Arte.

Flávia Costa Maruoka
Conj. Mendara I, rua J., 247,
CEP 66615-690
(Belém – PA)

Troco *Fichas de Cine & Vídeo*. Interessados escrevam.

Fabiano Oliveira Ribeiro
Rua Osiel Miranda, 568,
CEP 65790-000
(Esperantinópolis – MA)

Estou muito a fim de trocar correspondência com fãs de Stephen King e dos atores Chris O'Donnell, Keanu Reeves, Ethan Hawke e Kiefer Sutherland.

Raquel de Souza
Rua Aldo de Queiroz, 151,
CEP 88050-340
(Florianópolis – SC)

Sou colecionador de séries antigas e novas e gostaria de trocar matérias com outros colecionadores e aficcionados.

Carlos A.C. Pinto Neto
Rua das Laranjeiras, 501, apto 603,
CEP 22240-002
(Rio de Janeiro – RJ)

Quero adquirir episódios dos seriados dos Ultras – Ultra Seven, Ultra Man – e também entrar em contato com o pessoal que curte essas séries.

Márcio Claudino Gomes
Rua Perú, 51, CEP 09861-420,
fone (011) 751-5215
(São Bernardo do Campo – SP)

Quero me corresponder com fãs de Madonna e também compro *Fichas de Cine & Vídeo*, principalmente as mais antigas.

Joaquim Sampaio de Sousa
Rua Lauro Sodré, 8, Terra Firme,
CEP 66000-000
(Belém – PA)

Gostaria de me corresponder com colecionadores e fãs-clubes do Batman. Inclusive compro revistas do Batman do período de fevereiro/93 a maio/94 e *A Piada Mortal*.

Iuri Nunes de Oliveira
Rua Istambul, 493, Canudos,
fone (051) 594-4013,
CEP 93542-300
(Novo Hamburgo – RS)

Vendo coleção completa de SET (edição nº 1 a 84), em excelente estado de conservação e com as respectivas *Fichas de Cine & Vídeo*.

Ireno Carvalho Teixeira Filho
Rua Gregório de Matos, 159,
casa 4, CEP 03344-020,
fone (011) 692-6671
(São Paulo – SP)

Tróco correspondência com fanáticos por cinema, vídeo e trilhas sonoras, para troca de material.

Deborah Rodrigues Santos
Rua Nossa Senhora das Dores, 248,
CEP 49055-480
(Aracaju – SE)

Quero me corresponder em inglês com garotas brasileiras que tenham entre 18 e 29 anos.

William Piper
P.O. Box 931243, Los Angeles,
CA 90093, USA

Procuro entrevistas com Charles Bronson e Steve Reeves, além de informações sobre *Bellamy*, *Mulher Maravilha*, *Besouro Verde* e *O Santo*. Tenho vasto material para troca.

Caixa Postal 9018, CEP 22272-970
(Rio de Janeiro – RJ)

Estamos formando um fanzine especializado nos personagens de Hanna Barbera em quadrinhos, animações e em cinema. Se você curte, escreva-nos.

Inácia de Camargo
Rua Francisca de Paula, 500,
Vila Carrão, CEP 03436-000
(São Paulo – SP)

Vendo 220 fichas de filmes da revista SET. Preço a combinar.

Aparecida Oliveira
Q.-202, C-08, Dirceu II,
CEP 64077-450
(Teresina – PI)

Errata

Na foto da página 49, edição nº 6, ano 8, na seção *Mito*, Billy Wilder está com Marlene Dietrich e Hedy Lamarr, e não Jean Arthur como identifica a legenda.

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

SET
CINEMA A VÍDEO

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO
Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editores-Assistentes: Deborah Peleias, Christian Petermann
Diretor de Arte: Michel Spitale
Editores-Assistentes de Arte: Maria Amélia de Azevedo, Izaú Norbertino
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emílio Rondeau
Assistente de Redação: Ellen Alaver
Colaboram nesta edição: Texto: Alexandre Nagado, Alexandre Ortiz Ramos, Alfredo Sternheim, André Barcinski (Nova York), Celso Fioravante, Cesar Garcia Lima, Edson Arantes, Fátima Gigliotti, Francisco Costa, Inácio Araujo, Lauro Machado Coelho, Marcos Smirkoff, Niki Nixon, Paulo Cavalcanti, Sérgio Martins, Sergio Rizzo, Thales de Menezes, Walter da Silva. **Revisão e Preparação de Texto:** Alexandre Ortiz Ramos.

PUBLICIDADE
Diretor de Publicidade: Claudio Santos
Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Afonso Palomares, Nilo Gaideano Bastos, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Cristiane Mochnacs Loureiro
Marketing Publicitário: Denise Terranova
Coordenadores: Antonio Perissinoto, Igor Assan, José Soares

COMERCIAL
Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ariovaldo Carrera Dias
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoções: Sandra Galli Ponsoni

Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazão
Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

SET é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. **(ISSN 0104-1592**, edição 86, agosto de 1994). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel: (011) 816-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel: (021) 534-0313, fax: (021) 532-1468, CP 4816. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicações Abril de sua cidade. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222

IVC

ANER

Fotolito: Fotoline Ltda, Postscript Artes Gráficas, Bureau Azul, Proposta Editorial

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

NOSSAS DOZE ÚLTIMAS EDIÇÕES

Nº 85/JULHO 94
Mel Gibson e Jodie Foster em *Maverick*; *Backbeat* mostra o início dos Beatles; o novo desenho da Disney, *O Rei Leão*; e mais de 50 lançamentos em vídeo

Nº 84/JUNHO 94
Pedro Almodóvar em entrevista exclusiva e *Kika*, seu mais recente filme; uma visita ao set de *Os Flintstones*; em vídeo, *A Família Addams 2*.

Nº 83/MAIO 94
Em entrevista exclusiva, Bernardo Bertolucci fala de *O Pequeno Buda*, seu último filme; dossiê completo sobre Stephen King; Clint Eastwood é destaque em vídeo.

Nº 82/ABRIL 94
O Western conquista Hollywood com novas produções, entre elas *Bad Girls*, faroeste com quatro atrizes; *O Fugitivo* e *A Firma* são destaques do caderno de vídeo.

Nº 81/MARÇO 94
Steven Spielberg fala sobre seu último filme; todos os indicados para o Oscar 94; e a estréia do novo caderno de vídeo com mais de 60 lançamentos.

Nº 80/ FEVEREIRO 94
Pacino e De Palma em *O Pagamento Final*; a última entrevista de River Phoenix; em vídeo, *Muito Barulho por Nada* e *A Doce Vida*.

Nº 79/ JANEIRO 94
O elenco de *A Época da Inocência*; *The Nightmare Before Christmas*; Emma Thompson e Brad Pitt; em vídeo, Kurosawa.

Nº 78/DEZEMBRO 93
Radiografia do mercado de vídeo; homenagens a Fellini, Vincent Price e River Phoenix; em vídeo, *O Gabinete do Dr. Caligari*.

Nº 77/NOVEMBRO 93
Van Damme protagoniza *O Alvo*, do chinês John Woo; Martin Scorsese em entrevista exclusiva; em vídeo, *Metrópolis* e *Gigi*.

Nº 76/OUTUBRO 93
Visita ao set de *O Fugitivo*; Clint Eastwood e John Malkovich em *Na Linha de Fogo*; em vídeo, o *Blade Runner* integral e *Alien ³*.

Nº 75/SETEMBRO 93
Tom Cruise em *A Firma*; entrevista com Meg Ryan; em vídeo, *Cães de Aluguel*, *A Bela e a Fera* e *Luzes da Cidade*.

Nº 74/AGOSTO 93
Sharon Stone em *Invasão de Privacidade*; os efeitos de *Jurassic Park*; em vídeo, *Perfume de Mulher*, *Perdas e Danos* e *Drácula*.

ATENÇÃO: A DINAP tem apenas os seis últimos números (incluindo o de banca) em estoque limitado

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

CONTIGO: Gente, Atualidades e TV
BIZZ: Rock
SET: Cinema e Vídeo
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

BOA FORMA: Fitness, Beleza e Saúde
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
UAU: Ídolos da Juventude
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
1500 VÍDEOS

Especiais

FAMA
LETRAS TRADUZIDAS
VÍDEO ERÓTICO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 - Tel.: (011) 816-7866 - Fax: (011) 813-9115 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro - CEP 20020-080 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 532-1486 - CP 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília/DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Minas Gerais: M.A.M. Publicidade e Repres. Ltda. - Rua Timbiras, 1560 - sala 1904 - Ed. City Center - CEP 30140 - Belo Horizonte/MG - Tel. e Fax: (031) 224-9534
Paraná: M.L.C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av. Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - cep 20020-080 - telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC - Tel.: (0482) 32-0519

SET

SENHOR DOS VENTOS

David Lean dirige
A Filha de Ryan
(*Ryan's Daughter*, 1970)

DAVE
PRESIDENTE POR UM DIA

KEVIN KLINE
(Um Peixe Chamado Wanda)

SIGOURNEY WEAVER
(Aliens, Nas Montanhas dos Gorilas)

Do mesmo diretor de
Os Caça-fantasmas
IVAN REITMAN

VOCÊ NÃO PODE FICAR FORA DESTA PROMOÇÃO:

"QUAL SERIA SUA PRIMEIRA MEDIDA COMO PRESIDENTE?"

Responda a esta pergunta e concorra a um dia de Regalias Presidenciais no Maksoud Plaza com direito a acompanhante, limousine à disposição, compras, jantar e uma Noite Especial.

PROCURE O REGULAMENTO NA SUA LOCADORA*

*Promoção válida apenas para a cidade de São Paulo e Região Metropolitana

WARNER HOME VIDEO
Sempre o melhor para você

Este concurso tem caráter exclusivamente cultural e não exige a compra de qualquer produto, nem o uso de qualquer cupom, nem está subordinado a qualquer modalidade de sorte.

BRUCE WILLIS
Eles nunca deveriam ter provocado um tira disposto a tudo.
NÃO PERCA ESTA SUPER AVENTURA!
SETEMBRO, NAS LOCADORAS
ZONA DE PERIGO